

Linguagens e culturas: ensino de língua e formação do professor



ISBN: 978-85-7993-018-9

Resumos do 9º. Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa

Sandoval Nonato Gomes-Santos (org.)

Faculdade de Educação - Universidade de Educação
2010



Capes/PAEP



FE-USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. João Grandino Rodas
Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Arelaro
Vice-Diretora: Profa. Dra. Marília Sposito

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO E EDUCAÇÃO COMPARADA (EDM)

Chefe: Prof. Dr. Maurício Pietrocola Pinto de Oliveira
Suplente: Prof. Dr. Agnaldo Arroio

ÁREA DE LINGUAGEM DO EDM

Coordenador: Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes-Santos
Vice-coordenadora: Profa. Dra. Lívia de Araújo Donnini
Rodrigues

Linguagens e culturas: ensino de língua e formação do professor

Resumos do 9º. Seminário de Metodologia de Ensino de
Língua Portuguesa

Sandoval Nonato Gomes-Santos (org.)

Faculdade de Educação - Universidade de Educação
2010



Capes/PAEP



FE-USP

COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes

Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes Santos (Presidente)
Prof. Dr. Claudemir Belintane
Profa. Dra. Cláudia Rosa Riolfi
Prof. Dr. Émerson de Pietri
Profa. Dra. Idméa Semeghini-Siqueira
Profa. Dra. Neide Luzia de Rezende
Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Alunos-professores

Claudemir Cunha Lins	Rogério Muraro
Heloísa Gonçalves Jordão	Raul Luis Paulatte Marostegan
Lady Ma. Christina Sabadell	Rodrigo Moura Lima de Aragão
Maria Tereza Martins Mora	Vanessa Mesquita Dutra
Natalie Archas Bezerra	

APOIO

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
CCInt/USP
Capes/PAEP

REALIZAÇÃO

Área (Graduação): Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa
Linha de Pesquisa (Pos-Graduação): Linguagem e Educação
Departamento de Metodologia do Ensino e Educação
Comparada
Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Editoração: Pedro & João Editores [www.pedroejoaoeditores.com]

Impressão: Editora e Gráfica Compacta [(16) 3371-1404]

Índice

Apresentação	6
Programação geral	8
Sessões de Comunicações	12
Resumos	27
Conferências	28
Mesas redondas	30
Minicursos	35
Relatos	40
Comunicações individuais	67
Comunicações coordenadas	128
Índice de autores	143
Anotações: espaço de interação escrita	150

Apresentação

Em tempos de prestígio da mídia digital como uma das *tecnologias da interação* (TARDIF & LESSARD, 2005) com presença cada vez mais significativa nas práticas escolares, com a possibilidade de se ter, no espaço da sala de aula, *um computador por aluno*, parece estarem dadas condições conjunturais renovadas para refletir sobre como diferentes linguagens e culturas se configuram nas práticas de ensino e na formação do professor de português.

O pano de fundo para pensar esse processo é a concepção de linguagem como prática social e de escola como “forma híbrida” (v. TARDIF & LESSARD, 2005, p. 100), agência cuja função é garantir e incrementar modos de circulação e de acesso à produção cultural destinada à formação das crianças e dos jovens, tarefa complexa considerando-se as práticas de linguagem de comunidades de grandes centros urbanos, como, por exemplo, a região metropolitana de Belém, na Amazônia brasileira, e de São Paulo, no sudeste do país.

O IX Seminário de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (IX SMELP), realizado no período de 29 a 30 de setembro de 2010, propõe abrir um espaço para a discussão sobre como linguagens e repertórios culturais são (e podem ser) incorporados no currículo da formação docente e no currículo do cotidiano das práticas de ensino de língua, com base nas seguintes questões:

- como lidar com a tensão entre conteúdos tradicionais e cultura contemporânea, incluindo as novas tecnologias?
- quais os desafios didáticos que as diferentes linguagens e os múltiplos repertórios culturais colocam para a sala de aula de língua portuguesa, bem como para os demais espaços em que as práticas escolares ocorrem, como a

Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura e o Laboratório de Informática?

- qual a formação inicial possível para incorporar as diferentes linguagens e os múltiplos repertórios culturais?
- como contemplar os desafios mencionados na prática do estágio em docência?

Este livro de textos registra parte do processo de concepção e realização do IX SMELP. Trata-se da contribuição de professores da educação básica, de graduandos e pós-graduandos, de professores universitários, de interessados e envolvidos no debate público sobre a escola do Brasil, bem material e simbólico central no processo histórico de reinvenção do país. Os resumos publicados compreendem as atividades propostas no Seminário, a saber: conferências, mesas redondas, sessões de comunicações e minicursos.

Ao final deste livro, páginas sobressalentes pretendem convocar você, participante, a intervir nas atividades, fazer seus registros, anotar.

Um excelente IX SMELP para todos.

Com o abraço da

Comissão Organizadora
São Paulo, quase findo Setembro, 2010,
Butantã, Faculdade de Educação, USP.

Programação geral

29/09/2010 - Quarta-feira	
8h-9h30min	Inscrições Retirada de material Café
9h30min-10h	Abertura Diretora da FE-USP Chefe do EDM Coordenador da Área de Linguagem (EDM) Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
10h-11h30min	Conferência de abertura Linguagens e culturas no ensino de língua e na formação do professor Profa. Dra. Roxane H. R. Rojo (IEL, UNICAMP)
11h30min-13h30min	Intervalo - Almoço
13h30min-15h	Mesa-redonda 01 O professor de Português em tempo de tecnologias digitais Marcelo Buzato (IEL-Unicamp) Gil Marques (IF-USP) Coordenador: Sandoval Nonato Gomes Santos Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
15h-15h30min	Intervalo - Café
15h30min-17h	Mesa-redonda 02 O aluno e o professor: literatura e formação Robson Tinoco (UnB) Vera Lucia Mazanatti (UEMS – Campus de Dourados) Coordenadora: Neide Luzia de Rezende Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
17h-18h30min	Sessões de comunicações
18h30min-20h30min	Minicursos/Oficinas
20h30min-22h	Mesa redonda 03 Experiência formativa na Costa Rica: O papel da pesquisa na formação de professores e o ensino

	de Língua Materna. Silvia Garcia Juan Ortega Rojas (Universidade Nacional Autônoma, Costa Rica) Coordenador: Valdir Heitor Barzotto Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
22h-23h	Programação cultural

30/09/2010 - Quinta-feira	
8h-9h30min	Sessões de comunicações
9h30min-10h	Intervalo - Café
10h-11h30min	Mesa redonda 04 Outras linguagens na aula de Língua Portuguesa Paulo Eduardo Ramos (UNIFESP) Adilson Citelli (ECA-USP) Coordenadora: Neide Luzia de Rezende Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
11h30min-13h30min	Intervalo - Almoço
13h30min-15h	Mesa-redonda 05 A formação do professor de língua portuguesa: entre a tradição e modernidade Graziela de Angelis (UFMS) Maria Emília Borges Daniel (UFMS) Coordenador: Emerson de Pietri Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
15h-15h30min	Intervalo - Café
15h30min-17h	Mesa-redonda 06 Literatura: educação e auto-educação Carlos Felipe Moisés (ensaísta, tradutor, poeta e contista) Chico Lopes (ensaísta, tradutor, poeta e contista) Valentim Facioli (FFLCH-USP, ensaísta e editor) Coordenador: Sheila Oliveira Lima (UFPR) Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)

17h-18h30min	Sessões de comunicações
18h30min-20h30min	Minicursos/Oficinas
20h30min-21h	Lançamento de livros
21n-22h	Conferência de encerramento Analisando o prescritivismo e o preconceito na recepção de materiais didáticos elaborados para o ensino de Língua Portuguesa Anna Christina Bentes (IEL, UNICAMP) Local: Auditório da Escola de Aplicação da FE-USP (EA-USP)
22h-23h	Programação cultural

Minicursos

29 e 30/09/2010, 18h30min-20h30min

Título	Ministrante	Local
Os gêneros do discurso e a sequência didática	Sandra Ferreira de Oliveira (PG-FEUSP)	Sala 112
Gêneros textuais no ensino de língua portuguesa	Jorge França de Farias Jr. (Universidade Federal do Oeste do Pará)	Sala 116
Trabalhando com os gêneros da divulgação científica no Ensino Fundamental I	Clécio Bunzen (UNIFESP)	Sala 121
Gênero textual oral: instrumento para o desenvolvimento do professor e do aluno	Siderlene Muniz-Oliveira (PG-Grupo ALTER – LAEL, PUC-SP) Carla Messias Ribeiro da Silva (PG-Grupo ALTER – LAEL, PUC-SP)	Sala 124
Leitura e escrita de crônicas sobre a cidade de São Paulo	Gabriela Rodella (PG-FEUSP)	Sala 126
Breve manual experimental de uso da literatura brasileira	Dirceu Villa	Sala 149

Samba, Literatura e Educação	Ingrid Cadid� (G-FFLCH-USP) e Daniel Sanches Pereira (G-FFLCH-USP)	Lab. 11
Dança e Literatura: a influência do baile nas narrativas da literatura brasileira	Prof. Dr. Marcio Augusto de Moraes (Ex-componente do Ballet Stagium, mestre em literatura brasileira e doutor em teoria literária pela USP)	Lab. 9

Sessões de Comunicações

Data/horário	29/09/2010, 17h – 18h30min.
---------------------	------------------------------------

Sessão 1 - Relatos		Tema: Práticas e gêneros orais	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
A oralidade e a linguagem: cantigas de roda, trovas, contos cumulativos e narração de histórias e o desenvolvimento da linguagem na educação infantil	Fabiola Aparecida Pereira Plácido (FE-USP)	Sala 112	
A escuta do professor: Um relato acerca das rodas de conversa com crianças de 2 a 6 anos.	Natália Bortolaci (Creche Central da USP)		
Por que “que” a língua varia?	Karina Vianna Ciocchi Nivaldo dos Santos Macedo Filho (FFLCH-USP)		

Sessão 2 - Relatos		Tema: Mídias e ensino	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
A língua portuguesa e as mídias em sala de aula um recurso a mais ou um inimigo a ser devorado?	Valdete Shirlei da Silva (E. E. João Solimeo)	Sala 118	
O uso do ambiente virtual de aprendizagem Moodle para orientação e acompanhamento virtual da produção textual dos alunos de ensino médio.	Zilda Kessel (Colégio Pueri Domus) Danielle Caprioli (Colégio Pio XII)		
Ensinar língua portuguesa na era da tecnologização	Diva Conceição Ribeiro (Faculdade Doutor Leocádio José Correia - FALEC)		
O ensino de língua materna e os alunos do século XXI: adaptar para conquistar.	Andreza Rocha (PMSP/FE-USP)		

Sessão 3 - Relatos		Tema: Gêneros textuais e ensino	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
Estudo e prática do gênero do discurso debate em sala de aula.	Glauce de Oliveira Alves Rafael Stopa Rocha	Sala 121	

	Gabriela Ismerin Lacerda (FFLCH-USP)	
A produção de narrativa a partir da modelação da personagem: investigando uma proposta pedagógica	Glória Maria Colombo Nilma Alves Pedrosa (Unifal)	
O ritmo da música e o ritmo da poesia	Amanda Lenharo di Santis Fernanda de Paula Fernando Caetano Rodrigo Brucoli (FE-USP)	

Sessão 4 – Comunicações individuais		Tema: Escrita e Livro didático
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
A produção textual no livro didático: uma reflexão sobre o ensino da escrita	Tatiane Portela Vinhal Renata Junqueira de Souza (Faculdade de Ciências e Tecnologia - CNOLOG)	Sala 124
Propostas de escrita de textos poéticos em manuais didáticos: o caso da coleção “escrever e criar... é só começar”, de Ruth Rocha e Anna Flora	Caroline Cassiana Silva dos Santos (FE-USP)	
Material Didático Sistema J. Piaget de Ensino – Língua Portuguesa	Érica Santos Soares de Freitas (FFLCH-AJUB)	
Os PCNs e os livro didáticos de língua portuguesa: ensinamos como aprendemos?	Cristina Varandas Rubim (Universidade Veiga de Almeida – Secretaria Estadual de Ensino/RJ)	

Sessão 5 – Comunicações individuais		Tema: Práticas e gêneros orais
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Gêneros orais em contexto escolar: o debate e a entrevista no ensino fundamental	Hermes Talles dos Santos (PPGL-UFSCar)	Sala 126
O trabalho pedagógico com gêneros orais no primeiro ano do Ensino Fundamental:	Jefferson Santos-de-Araújo	

um estudo de caso	Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCar)	
O trabalho com a linguagem oral no ensino fundamental	Cibele Moreira Monteiro Rosa (Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá – FEPI)	
Gêneros orais e o ensino de língua materna: a construção de uma sequência didática	Ana Amélia Calazans da Rosa (IEL/UNICAMP)	

Sessão 6 – Comunicações individuais		Tema: Representações da prática docente
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Identidade do professor segundo o REUNI	Marcelo Roberto Dias (USP)	Sala 149
Ensino de língua portuguesa: pressupostos e proposições	Daniela Eufrásio Pricila Oliveira Silvério (UNIFAL- MG)	
Concepções de linguagem dos alunos de Letras da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Brian Galdino da Silva. Bruno Ferreira Mayra de Oliveira (FFLCH-USP)	
Mobilizando olhares de estagiárias em letras sobre a interação em sala de aula de português e literatura	Clara Dornelles (UNIPAMPA)	

Sessão 7 – Comunicações individuais		Tema: Mídias digitais e leitura
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Ensino, leitura e escrita no suporte digital	Rita de Cássia Antonia Nespoli Ramos (FE/USP)	Lab. 1
De leitores a internautas: novas formas de ler	Alba Helena Fernandes Caldas (FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA DE ITAJUBÁ - FEPI)	
Letramento digital: a importância de conhecer e favorecer as práticas discentes nessa esfera	Mariléia Silva da Rosa Neves Michele Freitas Gomes (UNIPAMPA)	
Ler, escrever, digitar, salvar...: O desafio dos multiletramentos na escola	Cláudia GOULART (PG/UNICAMP)	

Sessão 8 – Comunicações individuais		Tema: Discurso e Leitura	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
Análise de Discurso Francesa: contribuições ao estudo crítico do texto nas aulas de Língua Portuguesa	Paulo Robson Silva da Silva (UEPA)	Lab. 5	
O Pensar Alto em Grupo: uma abordagem para a leitura como prática social	Gislaine Vilas Boas (Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá - FEPI)		
Ensino de leitura na perspectiva da análise crítica do discurso	Waldívia Maria de Jesus (PUC-SP)		
A literatura de estrada nas aulas de língua portuguesa: uma análise da produção do sentido em frases de pára-choques e lameiras de caminhões com a temática da mulher	Virgínia Beatriz Baesse Abrahão (UFES)		

Sessão 9 – Comunicações individuais		Tema: Gêneros textuais	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
Contemplar e interpretar o mundo: o olhar poético de Cecília Meireles	Valéria Lize de Oliveira (UNESP)	Lab. 7	
A reconstrução da linguagem no riso de Luis Fernando Veríssimo	Giuliana Capistrano Cunha Mendes de Andrade (FEPI)		
As marcas linguísticas orais na construção da metagem do texto	Evandro Santos Reis Luciana de Souza Aguiar Zanardi (PUC-SP)		
Leitura de charges sobre as olimpíadas de 2016: os sentidos da violência no Brasil	Jacqueline AP. Corrêa de Oliveira (FFLC)		

Sessão 10 – Comunicações individuais		Tema: Formação docente	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
O que estamos propondo para professores de língua portuguesa em formação?	Claudia Rosa Riolfi Marina Martins Marques de Souza Suelen Gregatti da Igreja (FE/FFLCH-USP)	Lab. 9	
Do professor de literatura ao formador de leitores críticos de textos literários:	Rodrigo Alves dos Santos (CEFET-		

desafios e possibilidades à formação do professor de língua portuguesa para o trabalho com a leitura literária no Ensino Médio	MG)	
Um estudo da contribuição do componente língua portuguesa na formação inicial e continuada de professores do ciclo I	José Miguel de Mattos (UBC – Mogi das Cruzes-SP)	
Grupo de programas do PROCAD: quem somos e o que fazemos.	Mariana Maíra Albuquerque Pesirani (FFLCH-USP)	

Sessão 11 – Comunicações coordenadas por Fabiana Claudia Viana Borges (FFCL-ITUVERAVA-SP)	Tema: A autoria na produção textual escrita: da alfabetização ao ensino médio	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Autoria e argumentação: análise discursiva de textos escritos em sala de aula	Fabiana Claudia Viana Borges (FFCL-ITUVERAVA-SP)	Lab. 11
Textos escritos em sala de aula : argumentação e assunção da autoria	Thaís Silva Marinheiro	
Relação da autoria e letramento na alfabetização de jovens e adultos	Maria do Carmo Rodrigues Barbosa Denise Kaliman Vitor	

Data/horário	30/09/2010, 8h – 9h30min.
---------------------	----------------------------------

Sessão 12 – Relatos	Tema: Textos e leituras	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Lendas brasileiras na educação infantil	Andréa Bordini Donnangelo Olindina Maria Ferreira da Cunha (Creche e pré-escola central - USP)	Sala 101
O literário e o pictórico: relato de experiências para a compreensão literária	Rosi da Silva e Santos (E.E. Sílvia Pollastrini)	
Um livro, várias histórias	Vanessa de Almeida Carvalho	

	Janeide de Sousa Silva (Creche e pré-escola central - USP)	
Seduzir pelo texto: Análise do uso do material didático e paradidático de língua portuguesa no ensino fundamental.	Carina de Luca (FE-USP)	

Sessão 13 - Relatos		Tema: Estágio e prática docente
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Percepções psico/pedagógicas acerca das experiências de estágio	Lázaro Aparecido Rufino (FFLCH-USP)	Sala 102
Estágio supervisionado: implicâncias entre o ensino tradicional da professora e o ensino dos gêneros textuais	Camilla da Silva Souza (UFPA)	
Projeto de estágio CEU do Morro Doce: parcerias, limitações, desafios e perspectivas	Nilma Alves Pedrosa (Uniflato) Lucine Nigro Charlariello (PUC-SP) Janaina Mendonça Rodini (CEU Pq. Anhanguera.)	
Saberes mobilizados no trabalho docente: construção da coerência na produção escrita de alunos na escola	Rita de Nazareth Souza Bentes (UEPA) Maria do P. Socorro Dias Pastana (EA-UFPA)	

Sessão 14 - Relatos		Tema: Gêneros textuais e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Literatura: uma maneira de humanizar as aulas – da indiferença a sensibilidade	Teubislete Ferreira Borges (FFLCH-USP)	Sala 103
A criança pequena nos arquivos de escritores: desafios e práticas da criação	Maria Estela Cardoso Martinez Daniel Munhoz Rosa Silvia Lopes Chaves Elly Rozo Ferrari (CEU Jaçanã IEB - USP)	
Blog e literatura	Haidê Silva (E.E.)	

	João Martins/ISEAP)	
Histórias e brincadeiras de sentir medo	Janeide de Sousa Silva (Coseas-USP)	

Sessão 15 – Comunicações individuais		Tema: Variação linguística e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Variação linguística no texto literário: contribuições para o ensino	Anderson de Souto (UERJ)	Sala 104
A importância do tratamento da variação linguística no ensino da EJA: uma abordagem sociolinguístico-cognitiva	Caio César Costa Santos (UFS) Geralda de Oliveira Santos Lima	
A importância da escolarização em língua portuguesa para imigrantes brasileiros no Quebec no ano que Saramago morreu	Nilce da Silva (FE-USP)	
Ensinando e aprendendo a nova ortografia	Daniella Barbosa Buttler Luiza Seselgis-Tendler (Colégio Humboldt PUC-SP)	

Sessão 16 – Comunicações individuais		Tema: Interação
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Escrever na escola: concepções e práticas de professoras de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental	Tirzá Ben-Hur de Almeida de Souza UFPR)	Sala 106
Interação e metodologia de ensino: Ideias pensadas em conjunto	Juliana Berchon (UNIPAMPA)	
“Eu prefiro que copiem sem conversa”: as estruturas de organização da fala-em-interação em sala de aula de língua portuguesa	Jociele Corrêa (UNIPAMPA)	
Reflexões sobre a reescrita: da prática ao reconhecimento dos usos	Maria Isabel de Moura (UFSCar)	

Sessão 17 – Comunicações individuais		Tema: Currículo e formação docente
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
A tripla articulação entre espaço escolar, docência e currículo	Regis Bueno da Silva (USP)	

Currículo e cultura: algumas impressões	Lílian Pereira Palácio (FE-USP)	Sala 108
O processo de apropriação de concepções construtivistas em materiais didáticos para alfabetização	Marilda Pio da Silva (Rede pública, Caieiras)	
Em busca do passado para compreender a prática educativa do professor contemporâneo: em foco a oralidade, leitura e escrita no Ensino Fundamental II	Denérida Brás Martins Tsutsui (FE-USP)	

Sessão 18 – Comunicações individuais		Tema: Mídias digitais e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Oficina de pontuação: uma experiência em EAD	Maria Helena Albé Maria Cristina Kessler Cláudio Gilberto de Paula (UNISINOS)	Sala 111
A mediação como princípio educacional	Maria Cristina Ataide Lobato (UFPA /LAEL- PUCSP)	
Instrução vs Aprendizagem: estratégias de ajustamento do método no ensino mediado pelas novas tecnologias	Daniervelin Renata Marques Pereira (USP/Capes)	
Do VHS ao PODCAST	Adriana Soeiro Pino Chafih Maria Suiti Laszkiewicz (UNINOVE)	

Sessão 19 – Comunicações individuais		Tema: Leitura
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Leitores e não-leitores na escola: um percurso para a compreensão do processo da leitura	Andrea Trench de Castro (USP)	Sala 113
Leitura literária na educação básica: eu no lugar do outro, o outro em meu lugar.	Luciano Melo de Paula (CEPAE- UFG)	
Três poemas, três temas: “Acidente”, José Paulo Paes, “Soneto de fidelidade”, Vinícius de Moraes, e “O bicho”, Manuel Bandeira – Leituras e leitores de 6º e de 9º ano do Ensino Fundamental.	Leonardo Batista dos Santos (FE- USP)	
Comunicação e expressão: um curso para deficientes visuais	Patrícia Regina Cavaleiro Pereira (FFLCH-USP)	

Sessão 20 – Comunicações individuais		Tema: Literatura e ensino	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
O inferno em Vidas Secas: uma leitura cognitiva, contextual e interacional	Nádia Cristina Varjão Kelly Aparecida Mendes (PUC-SP)	Sala 120	
Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura	Maurício Silva (UNINOVE)		
Ensino de literatura: um olhar sobre as antigas práticas e as novas teorias	Ana Carolina Moraes de Freitas (UNIPAMPA)		
A inserção da literatura no livro didático de português	Marilene Alves de Santana (FE-USP)		

Sessão 21 – Comunicações individuais		Tema: Escrita no ensino superior	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
Instrumentos de incentivo para a produção de textos na graduação	Maria Emília Borges Daniel Eva de Mercedes Martins Gomes (UFMS)	Sala 121	
A influência da sequência didática na retextualização da resenha acadêmica	Rosany Aparecida Portugal Adriana da Silva (UFV)		
A produção textual em aula de língua portuguesa para fins específicos: o portfólio como estratégia de (auto) avaliação	Sandro Luís da Silva (UFLA/MG-PUC/SP)		
Contribuições da fala à produção da escrita: a entrevista	Agnes Francine de Carvalho Mariano (ECA-USP)		

Sessão 22 – Comunicações coordenadas por Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP/USP)		Tema: Leitura e escrita em sala de aula: os múltiplos sentidos na voz da criança	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local	
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa como suporte para os estágios curriculares: a leitura e a escrita além do bê-a-bá	Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP/USP)	Lab. 9	
Leitura e interpretação na Educação Infantil: construindo a autoria	Pamela Aline Tizioto (USP)		

“O que quer, o que pode essa escrita?”: o ensino da língua em sala de aula	Elisângela Nascimento Iamamoto (FFCLRP/USP)	
Os clássicos no Ensino Fundamental: O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas possibilidades de interpretação	Mariana Moraes da Silva (FFCLRP-USP) Gabriela P. B. dos Santos (FFCLRP-USP)	

Data/horário	30/09/2010, 17h – 18h30min.
---------------------	------------------------------------

Sessão 23 - Relatos		Tema: Gêneros textuais e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
O gênero textual dos filmes com julgamento: instrumento para o ensino e a aprendizagem da dissertação e da argumentação?	João Eduardo de Oliveira Sita (Colégio Etapa)	Sala 110
<i>Arrivederci</i> : elaborando um diário de viagem	Rafael Ridolfi (FE-USP)	
Sobre a escola, vida, escrita e outros dons	Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ)	
Indicação literária	Maria Cláudia Luzia Nunes Andréa Bordini Donnangelo (Creche e pré-escola central da USP)	

Sessão 24 - Relatos		Tema: Leitura e escrita na escola
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Produção vs reprodução de conhecimentos em aulas de gramática	Ludmila de Nardi (FFLCH-USP)	Sala 112
A escrita dos alunos na primeira série do ensino fundamental II: investigação dos fatores que contribuem para a boa produção de textos escritos.	Ana Luisa Feiteiro Cavalari (FFLCH-USP)	
O ensino da leitura na rede estadual de São Paulo	Nayane Oliveira Ferreira (FFLCH-USP)	

A leitura literária escolar no Ensino Fundamental: diferentes abordagens	Vanessa Cristina da Cunha (FEUSP)	
--	-----------------------------------	--

Sessão 25 - Relatos		Tema: Mídias e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Protagonismo infanto juvenil através da imprensa na escola. Estratégia para a construção das competências leitora e escritora no ensino fundamental.	Christian de Mello Sznick Débora de Cássia de Oliveira Ribeiro Deório (EMEF Prefeito Adhemar de Barros)	Sala 114
A internet como fonte de pesquisa sob uma perspectiva crítica	Adriana Santos Batista (FFLCH-USP)	
Novas tecnologias como ferramentas no ensino de língua portuguesa	Márcia Oliveira da Silva (Rede Pública, SP)	
Diferentes Revoluções, Diferentes Modalidades: A Leitura Ontem E Hoje	Diogo Basei Garcia (FEUSP)	

Sessão 26 – Comunicações individuais		Tema: Formação docente
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Formação de Professores: um trabalho crítico-colaborativo no programa de extensão universitária	Maurício Canuto (PUC-SP)	Sala 121
Universidade e escola na olimpíada de língua portuguesa Escrevendo o futuro	Clara Dornelles Miriam Kelm Vera Medeiros Helen Roratto Leticia F. Coutinho Maria Angélica P. Brum (UNIPAMPA)	
Professores de matemática em atividades de produção de textos: em busca de uma resposta para o problema enfrentado por esses profissionais	Ronaldo Barros Ripardo (USP)	

Sessão 27 – Comunicações individuais		Tema: Multissemiose e culturas locais
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Operação mutante: entre as práticas tradicionais de ensino e as tecnologias de interação modernas	Maria Helena Rodrigues Chaves (UFPA)	Sala 124

Histórias em quadrinhos: um trabalho com as multimodalidades da linguagem	Ellen Flor Becerra (FE-USP)	
Escola e Movimento <i>Hip Hop</i> : um diálogo entre agências de letramento no trabalho com a língua(gem)	Elizabete Bastos da Silva (UNEB – Campus II – Alagoinhas)	
Pólo Cultural Lar Maria e Sininha: A língua que eu falo	Eduardo Marchesan Cecília França (FE-UNICAMP)	

Sessão 28 – Comunicações individuais		Tema: Gêneros textuais e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
A divulgação científica nos suplementos e revistas infantis	Sheila Alves de Almeida (FE-USP)	Sala 126
O Uso de Narrativas Míticas Populares no Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa: o resgate de uma identidade “perdida”	Heliud Luis Maia Moura (UNICAMP)	
Gêneros textuais e ensino: a <i>notícia</i> em sala de aula	Luciana Soares da Silva (PUC-SP)	
O lúdico como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.	Emanuela Francisca Ferreira (Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga)	

Sessão 29 – Comunicações individuais		Tema: Representações e práticas docentes
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
O Papel do Professor de Português na Atualidade	Cássia Rodrigues (UNIPAMPA)	Sala 141
Identificações do professor de língua portuguesa em início de carreira: um movimento na história	Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)	
O ensino de leitura na formação do professor de língua portuguesa	Ana Cristina Champoudry (FE-USP)	

Sessão 30 – Comunicações individuais		Tema: Gramática e ensino
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Ensinar/aprender a língua ou sobre a língua?	Elias André da Silva (UFPE)	Sala 147
Metodologia reflexiva no ensino das preposições: aplicações e impasses provocados pelas gramáticas	Thatiana Ribeiro Vilela (UNIFESP)	
Competência linguística e jogo social: o caso das hipercorreções	Hosana dos Santos Silva (USP)	
Ensino de língua materna: uma análise das práticas discursivas materializadas na e pela escola.	Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL-MG)	

Sessão 31 – Comunicações individuais		Tema: Estágio
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
O estágio curricular de Língua Portuguesa: perspectiva investigativa	Maria Laura Petitinga Silva (UNIJORGE – BA)	Lab. 149
O estágio curricular supervisionado de língua portuguesa dos cursos de letras da universidade do vale do rio dos sinos: concepções teóricas e orientações metodológicas	Janaína Pimenta Lemos Becker Maria Helena Albé (UNISINOS)	
Qualidade do ensino depende da história de vida – a narrativa biográfica	Sidney Bernardo (UNILUS, Santos – SP)	

Sessão 32 – Comunicações individuais		Tema: Alfabetização e letramento
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Relação entre os saberes teóricos e a experiência das práticas alfabetizadoras dos alunos de Letras.	Cristiane Borges de Oliveira (FFLCH-USP)	Lab. 1
Alfabetização e letramento: discutindo as práticas de professoras de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.	Lidia Silva Vaz e Vaz (PUC-Campinas)	
Conhecer as práticas de letramento dos	Michele Freitas	

alunos: direito e dever do professor de língua portuguesa	Gomes (UNIPAMPA)	
O que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias e do contato com livros	Debora Perillo Samori (USP)	

Sessão 33 – Comunicações coordenadas por Siderlene Muniz Oliveira (Doutoranda LAEL/PUC-SP)	Tema: Instrumentos para o processo de formação de professor em uma nova perspectiva	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
A entrevista de instrução ao sócia: instrumento para a formação de professor	Siderlene Muniz Oliveira (PG-LAEL/PUC-SP)	Lab. 9
A tensão no trabalho do professor de português	Daniella Barbosa Buttler (Colégio Humboldt (Deutsche Schule))	
O Trabalho Docente: Possibilidades e Perspectivas a partir da Entrevista de Instrução ao Sósia	Kátia Diolina (PG-LAEL/PUC-SP)	
Gêneros orais no ensino: o comentário jornalístico radiofônico	Carla Messias Ribeiro da Silva (PG-LAEL/PUC-SP)	

Sessão 34 – Comunicações coordenadas por Ana Maria Nápoles Villela (Cefet-MG)	Tema: Ensino de português para estudantes e profissionais de áreas técnicas	
Título do trabalho	Autor/Instituição	Local
Letramento digital de alunos ingressantes em áreas técnicas	Ana Maria Nápoles Villela (Cefet-MG) Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG)	Lab. 11
Leitura e escrita em projetos pedagógicos de engenharia	Erika Gabriele Alves Alcântara (CEFET-MG/ Bolsista Fapemig) Thiago Câmara Rodrigues de Souza (CEFET-MG/ Bolsista Fapemig) Juliana Cristina Souza Soares (CEFET-MG/	

	Bolsista Capes) Ana Maria Nápoles Villela (CEFET-MG)	
Ensino de Português Instrumental: concepções e expectativas de alunos de engenharia	Ana Elisa Ribeiro Izabella Ferreira Guimarães Suelen E. Costa da Silva Bárbara Rodrigues e Silva (Cefet- MG/Fapemig)	

Resumos

I. Conferências

Abertura

Linguagens e culturas no ensino de língua e na formação do professor

Roxane Rojo (IEL/UNICAMP)

A ampliação de acesso escolar no Brasil teve impactos visíveis nos letramentos: o ingresso de alunado e professorado das classes populares nas escolas públicas trouxe para os intramuros escolares letramentos locais ou vernaculares (HAMILTON, 2002) antes desconhecidos e ainda hoje ignorados. Isso cria uma situação de conflito entre práticas letradas valorizadas e não valorizadas na escola. Hamilton (2002: 8) afirma que muitos dos letramentos que são influentes e valorizados na vida cotidiana das pessoas e que têm ampla circulação, são ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais: “não contam como letramento ‘verdadeiro’”. Na escola de hoje, portanto, convivem letramentos múltiplos, valorizados e não valorizados, locais, globais e “universais”, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados. Nessas circunstâncias, o que significa ensinar leitura e escrita para o mundo contemporâneo? Ou, como diz Hamilton (2002), como esboçar políticas de letramento “ao longo da vida” que sustentem e desenvolvam os recursos requeridos na vida contemporânea? A presente palestra se articula a partir da afirmação de que a resposta a essas questões passa pela necessidade de hibridação entre culturas valorizadas e vernaculares nas práticas de apropriação escolares e, conseqüentemente, pelo transletramento e pelos letramentos multissemióticos.

Encerramento

Analisando o prescritivismo e o preconceito na recepção de materiais didáticos elaborados para o ensino de Língua Portuguesa

Anna Christina Bentes (IEL, UNICAMP)

Tenho como objetivo nesta comunicação descrever brevemente como se deu a recepção de um material didático elaborado para o ensino de

Língua Portuguesa para Jovens e Adultos (EJA) de 7^a. e 8^a. séries em um contexto de aproveitamento desse material nas séries regulares. Professores de Língua Portuguesa de diferentes estados da federação (São Paulo, Minas Gerais e Bahia), ao levarem materiais de EJA para salas regulares de 7^a. e 8^a. séries, se deparam com uma proposta que ousa apresentar e analisar, de maneira mais sistemática e aprofundada, temas de relevância e impacto social e variedades e/ou estilos linguísticos não prestigiados. A entrada desse material na sala de aula do ensino regular provocou conflitos de várias ordens (entre alunos e professor, entre professor e direção da escola, entre escola e secretaria de educação, entre as secretarias de educação e Ministério Público etc.) e expõe uma realidade que se mostra pouco afeita à democracia e ao diálogo no que diz respeito às escolhas dos professores e ao entendimento da proposta de trabalho explicitada no material didático. Assim, todo o trabalho desenvolvido com base nas teorias discursivas, textuais e linguísticas que norteiam os PCN não é considerado, sendo que o que prevalece são atitudes preconceituosas, prescritivas e autoritárias em relação ao professor e ao material em questão. Além de apresentar a polêmica e os seus impactos, pretendo, nesta comunicação, descrever de forma mais detalhada a proposta de trabalho que causou tanto impacto em salas de aula de Língua Portuguesa e que tem como único objetivo o desenvolvimento nos alunos de capacidades de reflexão sobre os fenômenos linguístico, textual e discursivo como fundamentalmente sócio-históricos, e não como fenômenos atemporais e alheios aos processos de produção de significados sociais.

II. Mesas redondas

Mesa redonda 1

O professor de Português em tempos de tecnologias digitais

Marcelo Buzato (IEL-Unicamp)

Gil Marques (IF-USP)

Coordenador: Sandoval Nonato Gomes Santos (FE-USP)

A circulação de culturas e mídias digitais na educação insere-se no processo de crescente complexificação do espaço escolar, em sociedades letradas como a brasileira, e a reconfiguração, na atualidade, do lugar da sala de aula neste espaço. O trabalho docente aparece como elemento central neste cenário: se é verdade que o professor não pode ser considerado mais o centro em direção ao qual se voltam os alunos, parece ser justamente seu descentramento dessa posição que complexifica sua tarefa e recoloca o problema do lugar da escola no processo de acesso a, de distribuição e apropriação de bens simbólicos e materiais, entre os quais as mídias digitais. Esse problema parece particularmente relevante considerando políticas públicas que visam, por exemplo, *promover a inclusão digital, por meio da distribuição de um computador portátil (laptop) para cada estudante e professor de educação básica em escolas públicas*, tal como o Projeto UCA (Um Computador por Aluno), do Ministério da Educação e Casa Civil (<http://www.inclusaodigital.gov.br/links-outros-programas/projeto-um-computador-por-aluno-uca>). O lugar da reflexão acadêmica na discussão em tela parece comportar tanto a tarefa de problematizar os usos das mídias digitais na educação, quanto de conceber subsídios teóricos e aplicados que permitam incrementar o debate público sobre os efeitos da inclusão-exclusão digital para a escola brasileira. Estas estão entre as questões a que se pretende voltar a *mesa redonda* ora proposta.

Mesa redonda 2

O aluno e o professor: literatura e formação

Robson Tinoco (UnB)

Vera Lucia Mazanatti (UEMS – Campus de Dourados)

Coordenadora: Neide Luzia de Rezende (FE-USP)

A discussão sobre o ensino de literatura e sobre as novas perspectivas de leitura na escola que ocorre no meio acadêmico tem

sua fonte nas denúncias de precariedade dos resultados colhidos em avaliações de larga escala e no desinteresse do aluno pelos livros, imputado geralmente à emergência das tecnologias digitais. Em consequência, as pesquisas se concentram em grande parte na avaliação e interpretação da posição do professor – considerado modernamente como *mediador* – no qual se vê um profissional desmotivado e mal preparado. Entretanto, esse professor não está sozinho no universo da formação escolar, já que foi ele também formado por uma instituição, a de ensino superior, que deveria, em princípio, ter fornecido recursos para o exercício competente da profissão. Ao ingressar como professor na educação básica, são esses recursos que ele mobiliza para ministrar suas aulas. A pergunta é: como esses egressos dos cursos de Letras e Licenciatura em Letras se prepararam para dar aulas de literatura na educação básica? Diante das novas perspectivas – diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Licenciatura e para o ensino de literatura; Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, por exemplo – haveria de fato formação inicial condizente nos cursos de Letras? Que pesquisas podem aferir esse conhecimento que se apresenta de difícil caracterização? É no âmbito dessas preocupações que se situam as pesquisas coordenadas pelo professor Robson Tinoco, da UnB, e pela professora Vera Lucia Mazanatti, da UEMS.

Mesa redonda 3

EXPERIENCIA FORMATIVA EN COSTA RICA: EL PAPEL DE LA INVESTIGACIÓN EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES Y LA ENSEÑANZA DE ESPAÑOL COMO LENGUA MATERNA

Silvia Elena García (Universidad de Costa Rica, Costa Rica)

Juan Ortega Rojas (Universidad Nacional, Costa Rica)

Coordenador: Valdir Heitor Barzotto (FE-USP)

Bajo el lema “la verdad nos hace libres” nace la Universidad Nacional de Costa Rica el 15 de febrero de 1973, definiéndose desde sus inicios como la “Universidad Necesaria”, al servicio de los sectores menos privilegiados de la sociedad costarricense. Parte central de esta universidad es el Centro de Investigación y Docencia en Educación (CIDE), el cual se constituye en el área encargada de la formación de profesionales en educación para atender las diferentes modalidades del sistema educativo costarricense. Desde sus inicios hasta la actualidad, este centro ha tenido una función preponderante que consiste en actuar, desarrollar y participar en las investigaciones

pedagógicas no solo de esta instancia para la formación del profesorado, sino del país. Por tal motivo, este se conoce como Centro y no facultad, pues procura incorporar en sus planes de estudio el eje de investigación, servir a toda la Universidad en relación con la formación continua del profesorado y forma parte de la unidad coordinadora de las investigaciones que se realicen. Esta ponencia presenta el papel que juega la investigación en la formación de profesores y, en particular, en la formación del profesorado de la enseñanza del Español como lengua materna. Además, sistematiza los sentimientos que generan los procesos investigativos en formadores y estudiantes del Centro de Investigación y Docencia en Educación (CIDE), en especial, las Unidades académicas de Educología y Educación para el Trabajo. Se piensa que es muy poco lo que se puede hacer en el campo de la formación en investigación, si antes no se ha explorado lo que los actores sociales involucrados en los procesos de investigación sienten al respecto. Producto de esta investigación es el fortalecimiento de actitudes positivas o bien el enfrentamiento de las resistencias.

Mesa redonda 4

Outras linguagens na aula de Língua Portuguesa

Paulo Eduardo Ramos (UNIFESP)

Adilson Odair Citelli (ECA-USP)

Coordenadora: Neide Luzia de Rezende (FE-USP)

As modalidades que disputam o lugar com a chamada “literatura canônica” nas práticas culturais dos jovens, tanto na escola quanto fora dela, problematizam as concepções convencionais (de todo modo sempre voláteis) de literatura, e, de vários setores, explicitamente ou não, se clama pela legitimidade dessas práticas na escola. De resto, numa sociedade complexa como a atual, cujos dispositivos culturais exteriores à escola parecem ser tão ou mais importantes como formação para as crianças e jovens, é de se perguntar: tais práticas podem e/ou devem ser legitimadas na escola? De que ordem seria o potencial de formação dessas linguagens artísticas não apenas verbais? O que as diferencia e como podem ser didaticamente mobilizadas? De que modo as práticas culturais de fora da escola servem como parâmetro para se instaurar novos paradigmas de ensino? Outras modalidades artísticas, além da literatura, como as artes plásticas, visuais e cinematográficas, podem compartilhar o mesmo tipo de formação que a literatura promoveria? São questões que ainda pedem uma discussão e investigação mais aprofundadas,

de modo a intervir nas propostas de ensino, tanto no nível dos currículos das escolas quanto no das orientações oficiais, por isso o convite aos professores Paulo Ramos, da UNIFESP, especialista em quadrinhos, e ao professor Adilson Odair Citelli, ECA-USP, que sempre esteve atento às novas possibilidades que a comunicação representa para a educação formal.

Mesa redonda 05

A formação do professor de língua portuguesa: entre a tradição e modernidade

Graziela de Angelis (UFMS)

Maria Emília Borges Daniel (UFMS)

Coordenador: Emerson de Pietri (FE-USP)

Nesta mesa-redonda, pretende-se apresentar elementos sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa, considerando-se sua relação com a formação de professores de língua materna no Brasil. Serão contemplados três momentos do século XX, buscando-se compor um panorama das mudanças ocorridas nas concepções de linguagem e de ensino que fundamentaram a formação e a prática docente no período histórico observado. O objetivo é contribuir para a discussão em torno das propostas de ensino e de formação de professores no país, considerando-se as diferentes instâncias (acadêmicas; pedagógicas; oficiais) envolvidas nesse processo.

Mesa-redonda 06

Literatura: educação e auto-educação

Carlos Felipe Moisés (ensaísta, tradutor, poeta e contista)

Francisco Lopes (ensaísta, tradutor, poeta e contista)

Valentim Facioli (FFLCH-USP, ensaísta e editor)

Coordenadora: Sheila Oliveira Lima (UFPR)

A experiência literária é inerente à condição humana. Seja por meio da escrita ou pela tradição oral, não há povo que possa prescindir das narrativas ficcionais ou dos momentos de renomeação do mundo que a poesia, em sua mais diversa expressão, é capaz de propiciar. A literatura, enquanto possibilidade de educação ou de auto-educação, conduz a reflexão para um aspecto fundamental da formação do indivíduo, que Antonio Cândido, em seu ensaio “O direito à literatura”,

sintetiza de forma primorosa: “(a literatura) não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” A partir desse viés de análise, é possível considerar a literatura num campo muito próximo ao da ética e, assim, o ato de ler não mais comporta uma atitude de alienação do mundo e da vida presentes. Ao contrário disso, a leitura, sobretudo literária, passa a figurar de modo relevante no contexto da formação individual. A educação e a auto-educação que a experiência literária tende a promover, nesse sentido, não necessitaria efetivamente da intermediação da escola para ocorrer. Assim, cabe pensar o quanto dessa experiência vital pode e deve estar presente entre as ações de um ensino mais comprometido socialmente. O debate proposto pela Mesa “Literatura: educação e auto-educação”, composta por três escritores brasileiros contemporâneos, colocará em discussão o papel da literatura num contexto educacional em que a arte da palavra vem sendo desgastada pelas abordagens unicamente escolares, amplamente difundidas no setor da educação. Por outro lado, buscando penetrar ainda mais profundamente no objeto de discussão do IX SMELP, também será trazido para a reflexão o tema da importância da leitura literária na formação do professor das diversas áreas do conhecimento. Por fim, pensando ainda na formação docente, os autores apresentarão suas obras, suas inquietações nos momentos da escrita, seus percursos de formação e de auto-formação enquanto leitores e escritores, ou seja, enquanto sujeitos que vivem a experiência literária em seu sentido mais profundo.

III. Minicursos

Trabalhando com os gêneros da divulgação científica no Ensino Fundamental I

Clecio Bunzen (UNIFESP)

Como base nos estudos sobre ensino de língua materna e gêneros do discurso, este minicurso tem como objetivo discutir a seleção e didatização dos gêneros da divulgação científica para o público infantil (verbetes, artigos de divulgação, notícias, reportagens, documentários) em atividades de leitura, produção de texto e análise linguística. Desta forma, refletiremos sobre o papel dos gêneros da divulgação científica em propostas curriculares, nos materiais didáticos para o ensino fundamental e em episódios de sala de aula.

Samba, Literatura e Educação

Ingrid Cadidé

Daniel Sanches Pereira (FFLCH-USP)

A oficina abordará basicamente o samba paulista e será dividida em duas partes. Por conta da escassez de informação sobre a produção dos sambistas de São Paulo, no primeiro dia serão apresentados alguns trechos de filmes, obras literárias e sonoras de autores e grupos importantes, desde o início do século XX até os dias atuais. Conjuntamente com a apresentação desse material serão abordadas algumas questões sobre a produção de samba-enredo nas Escolas de Samba. A parte prática desse dia contará com duas possibilidades de atividades. Uma proposta é a escrita de alguns sambas pelos participantes, de modo semelhante ao que ocorre nas Gremiações. A outra é a produção tendo como base alguns versos de partido-alto. No segundo dia discutiremos sobre algumas práticas educativas já realizadas em estabelecimentos de ensino, desde o ensino fundamental até o superior (com destaque para as atividades pedagógicas realizadas em parceria entre a EMEF Comandante Garcia D'Ávila e as escolas Unidos do Peruche e Morro da Casa Verde). Algumas práticas de aproximação entre Samba e Literatura também serão experimentadas com os professores e alunos presentes. A finalização da oficina será a apresentação dos sambas iniciados no dia anterior. Todas as atividades terão como objetivo principal fornecer reflexões e propiciar o desenvolvimento de sequências didáticas que auxiliem o professor no trabalho com a

temática História e Cultura Afro-Brasileira, tornada obrigatória desde 2003 em toda Rede de Ensino com a Lei 10.639.

Breve manual experimental de uso da literatura brasileira

Dirceu Villa (PG-USP)

Este mini-curso em dois encontros se dedica a confrontar métodos de escolha de textos literários da língua portuguesa e a sugerir abordagens da prosa, e sobretudo da poesia, para uso em aula. A base das investigações que resultaram nele está no fato de que, historicamente, as antologias literárias em mais de um século se basearam umas nas outras, ao invés de retornar aos livros dos autores — e de outros autores — para recompor, a cada nova investida, o conhecimento. O que se encontra diante do professor é uma literatura imóvel, compilada pelos preceitos vigentes no século XIX, ainda neste século XXI. Também mostra exemplos práticos de fazer discernir estruturas elementares como *prosa de poesia*, *métrica de ritmo*, além de sugerir a concentração inicial em aspectos específicos da composição literária para observação isolada do aluno (som, imagem, elaboração), fazendo com que se torne consciente do processo compreendendo-o *por dentro*, ao invés de registrar mera impressão indiferente, exterior, da experiência literária. Reforça também que o professor *deve* ser um excelente leitor, o que significa: um apaixonado, e pela dificuldade, inclusive. É preciso não subestimar os alunos para poder interessá-los em algo vivo e complexo como a vida. Como escreveu Spinoza, o amor que temos por uma coisa é a compreensão de suas perfeições: ensino indutivo e dedutivo, demonstrando que, em arte, forma = conteúdo. Alguns autores abordados: Sousândrade, Luis Aranha, Marquesa de Alorna, Sapateiro Silva, Dom Tomás de Noronha, Machado de Assis, etc. Exercícios como “parágrafo e epigrama”, a leitura comparativa entre arte (como poema e pintura), assim como exercícios de letra em música, e poesia visual, serão apresentados.

Crônicas sobre a cidade de São Paulo

Gabriela Rodella de Oliveira (PG-FEUSP)

Gênero tradicional e popular, geralmente curto, leve e de fácil comunicação com diferentes leitores, a crônica tem raízes antigas na cultura brasileira e possibilita a quem a lê e a quem a escreve refletir sobre os mais variados assuntos do cotidiano. Nesta oficina, além da

apresentação de uma breve história da crônica, trabalharemos com a leitura de textos de diferentes cronistas – tendo sempre como tema a cidade de São Paulo –, analisando-os da perspectiva da estrutura e do estilo. A leitura de crônicas de Mario Prata, Antônio Prata e Ivan Ângelo será o ponto de partida para o exercício que, então, estará nas mãos dos participantes, que serão convidados a colocar no papel suas reflexões sobre a cidade e a compartilhar seus textos com o grupo por meio da leitura em voz alta. A partir dos comentários dos colegas, os cronistas poderão rever seus textos, atentando para a coerência e a coesão, revendo o encadeamento dos parágrafos, reescrevendo trechos, refletindo sobre o ritmo e pensando sobre sua escrita e sobre o gênero proposto.

Gêneros textuais no ensino de língua portuguesa

Jorge França de Farias Jr. (UNIFOPA)

Cada vez mais os diversos gêneros textuais estão sendo utilizados no ensino de língua, de um modo geral. Essa necessidade se dá pautada na perspectiva textual/discursiva que busca enriquecer o conteúdo da aprendizagem de língua aplicando uma base teórica e possibilitando um ensino-aprendizagem da língua portuguesa, especificamente, a partir de uma visão holística do texto. Tal perspectiva visa trazer à tona um amplo debate recorrente na academia de que na prática o ensino da língua portuguesa ainda está muito relacionado à gramática tradicional, descontextualizado da prática textual. Toda a discussão será feita a partir da noção de gênero textual de Michael Bakhtin (1922) e de múltiplos letramentos de Roxane Rojo (2009), além de levar em consideração as observações sobre o tema, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em um primeiro momento, o objetivo dessa discussão é apresentar atividades curriculares, no sentido de aplicação prática das questões teóricas discutidas em sala de aula. Em seguida, será observada a aplicação dos gêneros para a formação de educadores, professores de língua portuguesa e de literatura. Em suma, pretende-se mudar o cenário do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no que toca a compreensão de textos, pautando-se no estudo e na prática dos gêneros textuais numa perspectiva do ensino da gramática contextualizada.

Dança e Literatura: a influência do baile nas narrativas da literatura brasileira

Márcio Augusto de Moraes (Doutorado em Teoria Literária, USP)

A presença dos fenômenos da dança é no discurso literário é constante, dos salões da burguesia registrados por José de Alencar ao pó dos sertões de João Guimarães Rosa o baile vinca a palavra poética. O curso objetiva, estabelecendo relações culturais e históricas entre a dança, música e literatura, oferecer conhecimentos que favorecem a utilização dos fenômenos culturais do baile na dinâmica do ensino de literatura. O minicurso abarcará três práticas, complementares: a) análise literária de excertos de José de Alencar – valsa em Senhora (1875), Graciliano Ramos – samba em São Bernardo (1934) – e Mário de Andrade – lundu em Macunaíma (1928); b) exercícios físicos de dança que permitam ao educador compreender o que representa o baile no texto literário; c) estudo do contexto social da dança e da música e dos efeitos produzidos pelo fenômenos culturais do baile no fenômeno literário.

Os gêneros do discurso e a sequência didática

Sandra Ferreira de Oliveira (FE-USP)

A partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) o trabalho com os gêneros textuais assumiu um papel de inegável relevância no âmbito das discussões relacionadas à educação. Entretanto, ainda que sejam adotadas medidas voltadas para a mediação entre o texto dos PCN e os professores, não é possível relacionarmos de maneira direta que o amplo debate realizado a respeito do tema assegure por si só o domínio da teoria subjacente ao texto dos PCN. Não raro, dificuldades relacionadas à circulação e recepção das teorias e pesquisas acadêmicas nos diversos âmbitos pertinentes às discussões sobre educação culminam em uma espécie de achatamento da teoria de base que deu origem aos desdobramentos e as discussões que se fazem presentes. A teoria dos gêneros insere-se neste contexto seja pela própria recepção dos textos oficiais entre os professores (no caso dos PCN), seja pela própria flutuação terminológica e consideração dos textos fundadores em situações descontextualizadas no que concerne à sua produção. Apesar de o assunto não representar mais nenhuma novidade, percebe-se que o conhecimento do conceito de gênero discursivo e suas implicações metodológicas não foram suficientemente esclarecidos. O minicurso intitulado “Os gêneros do discurso e a

sequência didática” tem como objetivo resgatar as contribuições teóricas de Bakhtin e o chamado Grupo de Genebra (principalmente Dolz e Schneuwly) tendo em vista a importância do debate em torno do ensino de língua materna baseado na utilização dos gêneros em sala de aula. Além disso, o conteúdo do curso busca apresentar, sem pretensões normativas, sugestões de trabalho para o professor que representam escolhas metodológicas provenientes de embasamento teórico relacionado aos assuntos discutidos.

Gênero textual oral: instrumento para o desenvolvimento do professor e do aluno

Siderlene Muniz-Oliveira (COGEAE/PUC-SP; Grupo ALTER-LAEL)
Carla Messias Ribeiro da Silva (PG-PUC-SP; Grupo ALTER-LAEL)

Este minicurso tem por objetivo apresentar uma proposta de ensino de gêneros textuais a partir da abordagem do interacionismo sociodiscursivo (ISD). Para isso, faremos uma apresentação dos pressupostos teóricos desse quadro, enfatizando o modelo de análise de textos (Bronckart, 1999, 2006) e a questão da transformação do artefato em instrumento apropriado pelo professor (Machado, 2009). Em seguida, discutiremos as relações entre o quadro do ISD e os trabalhos didáticos de Schneuwly & Dolz (2004), discutindo os conceitos de modelo didático, sequência didática e capacidades de linguagem. Finalizando, apresentaremos atividades práticas referentes a gêneros orais, como forma de desenvolvimento do professor e do aluno.

IV. Relatos

A internet como fonte de pesquisa sob uma perspectiva crítica

Adriana Santos Batista (USP – PMSP) - drisb11@yahoo.com.br

A partir da constatação que muitos alunos de uma 7ª série, da rede municipal de São Paulo, não utilizavam letra maiúscula ao escreverem seus nome e sobrenome, iniciou-se um trabalho de resgate das histórias pessoais e pesquisa sobre os significados dos nomes. O objetivo foi promover a discussão de um aspecto formal da escrita por meio de informações trazidas pelos próprios alunos. A pesquisa realizada pelos alunos sobre seus próprios nomes tinha dois focos: a história pessoal, que dizia respeito aos motivos que levaram à escolha do nome; e a etimologia, com pesquisas na Internet e em dicionários específicos. Inicialmente, foram feitas entrevistas com familiares com vistas ao registro da história pessoal e, posteriormente, houve a busca na Internet pelos significados e etimologia de seus nomes; deve-se salientar que não houve intervenção com relação aos sites acessados. De uma classe de trinta e cinco alunos, foi selecionada uma amostra de cinco nomes, com significados e respectivas línguas de origem, para serem expostas para toda a sala. Os alunos foram separados em grupos e receberam dicionários de nomes (GUÉRIOS, 1981 e OLIVER, 2010), sua tarefa era pesquisar novamente os cinco nomes cujos significados tinham sido obtidos através da Internet. Por fim, efetuou-se uma comparação entre os dados obtidos por meio das três fontes: Internet, dicionários mais antigo e mais recente. Considerando-se que houve muitas divergências entre os dados, foi feita com a classe uma discussão para verificar se as informações eram “confiáveis” ou “não confiáveis”; com isso pretendeu-se estabelecer condições para uma visão crítica do aluno com relação às informações disponíveis, tanto em meio eletrônico, quanto escrito.

O ritmo da música e o ritmo da poesia

Amanda Lenharo di Santis (FFLCH-USP) – amanda.santis@usp.br

Fernanda de Paula (FFLCH-USP) – fernandadepaula3@gmail.com

Fernando Caetano (FFLCH-USP) – fernando.caetano@usp.br

Rodrigo Brucoli (FFLCH/FEUSP)

No IX Seminário de Metodologia de Língua Portuguesa, temos por objetivo apresentar uma seqüência didática, nos moldes descritos por Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly em *Gêneros orais e escritos na*

escola (Dolz e Schneuwly, 2004), ainda que curta (projetada para ter, em média, até 5 aulas). A base de nossa seqüência estará na **leitura** como apreensão, como a hermenêutica de um texto (em nosso caso, poético). Tendo esse fim, buscaremos aproximar a concepção de leitura como um processo misto de estratégias de leitura, em que a compreensão com linearidade e ascendência (da palavra para o texto) coexistem com a global e a descendente (do texto para a palavra). Segundo nossa concepção, ainda, levaremos em conta a leitura interativa, ou seja, uma interação entre leitor, texto e contexto (Jover-Faleiros, 2006), compreendendo-se texto como um todo significativo, independentemente de sua extensão. Dessa forma, nosso foco de leitura será o texto de poesia, com destaque especial para a reprodução oral poética, agregando sentidos não apenas ao texto escrito, mas ao texto oral e aos reflexos da forma sobre a construção dos sentidos. Para isso, partiremos de uma leitura macroscópica de textos que carregam um caráter rítmico fundamental. Dentre as opções que poderiam ser trabalhadas, salientaremos “Café com pão”, de Manuel Bandeira; “A valsa”, de Casimiro de Abreu; “A onda”, de Manuel Bandeira e de alguns trechos de “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias. Por meio dos poemas supracitados, proporemos o desenvolvimento, com os alunos, primeiramente de uma visão geral do texto, encontrando palavras-chave e relacionando-as a um campo semântico maior. Em seguida, buscaremos aspectos formais, tais como ritmo, rima, métrica, tônica, figura de linguagem (assonância, aliteração etc.), que reflitam o campo semântico encontrado ou se contraponham a ele, sempre partindo da percepção intuitiva do aluno e dos seus conhecimentos prévios. Para que os alunos construam de maneira ativa o conhecimento, é muito útil que participem, respondam e realizem atividades além da simples leitura silenciosa. Promoveremos, portanto, a declamação, o canto, a dança e a percussão como instrumentos de aproximação de um texto literário. Essa diversidade será uma ferramenta para os processos de elaboração e de retenção dos conteúdos. A poesia é um dos conteúdos mais complexos do Ensino Médio e, no entanto, uma das subdivisões menos exploradas da Língua Portuguesa atualmente, daí nosso foco em leitura de poesia com destaque à apreensão do aluno como vértice do triângulo texto-leitor-contexto, que representa a leitura interativa.

A escrita dos alunos na primeira série do ensino fundamental II: investigação dos fatores que contribuem para a boa produção de textos escritos.

Ana Luisa Feiteiro Cavalari (USP) – analucavalari@yahoo.com.br

Este trabalho refere-se às atividades de estágio da disciplina Metodologia do ensino de Língua Portuguesa I, ministrada pela Professora Dra. Claudia Riolfi. Durante a realização do estágio, verificamos as boas condições das produções textuais, bem como de leitura e interpretação demonstradas pelos alunos da primeira série do fundamental II, portanto, interessou-nos investigar o ensino Língua Portuguesa, mais especificamente a escrita nesta escola. As perguntas de pesquisa que nortearam o trabalho são: Quais os aspectos relativos à instituição Rodrigues Alves contribuem para um ensino de uma produção textual eficiente? Porque os alunos das quintas-séries desta escola conseguem escrever? O fato de estes alunos escreverem deve-se a uma iniciativa isolada, ou seja, de um único professor, ou é em decorrência de um conjunto de fatores? Quais são estes fatores? Para tanto, apresentaremos os aspectos relacionados à escola, aos projetos e as aulas. Com relação aos dados, coletamos quatro textos produzidos pelos alunos da sala em que concentramos nossos estudos, buscamos também informações que tratam da origem escolar dos alunos desta sala. Como embasamento teórico, utilizaremos as teorias da linguística textual com Koch, 2009 e Fávero, 2004. Utilizaremos também Riolfi, 2003 e Geraldi, Riolfi e Garcia 2004. Trataremos também da linguagem e do desenvolvimento humano, visto que, entendemos a escrita como apenas uma das partes que compõe esta complexa estrutura, a linguagem.

Lendas brasileiras na educação infantil: o reconto e as artes plásticas.

Andréa Bordini Donnangelo (Creche e Pré-Escola Central da USP) -
andrea.bordini@hotmail.com;

Olindina Maria Ferreira da Cunha (Creche e Pré-Escola Central da
USP) - dinoca@usp.br

O presente relato de experiência refere-se ao projeto Lendas Brasileiras na Educação Infantil: o reconto e as artes plásticas realizado com crianças de 4 anos da Creche e Pré-Escola Central da USP no ano de 2010, com o objetivo de valorizar e apreciar a cultura e a literatura popular. Sabemos que a leitura tem um papel fundamental

no desenvolvimento da linguagem oral, da capacidade de produzir textos escritos e de formar bons leitores. Demos início ao trabalho com a introdução de diferentes lendas da nossa cultura popular de forma que as crianças pudessem conhecer e ampliar o repertório dessas narrativas para realizar o reconto. Ao longo das escutas podíamos perceber quais narrativas encantavam mais os pequenos, pois era comum o “conta de novo” de algumas lendas específicas. A etapa seguinte foi o reconto oral e sendo este, um grupo que ainda não grafa convencionalmente, este registro foi transcrito por nós educadores e revisado por todos. Sugerimos ao grupo a confecção de um livro que faria parte de nosso acervo sendo esta uma idéia aceita prontamente. Discutimos que tipo de ilustração seria possível realizar e numa das rodas de conversas resolvemos ilustrar com modelagem em plastilina. Antes da produção trouxemos vários títulos, ilustradores e filmes que se utilizavam da técnica de modelagem. Os personagens foram criados a partir do texto produzido por eles com elementos do imaginário de cada um. Criamos o cenário e fotografamos na presença das crianças de forma que eles puderam interferir e opinar nesta criação.

O ensino de língua materna e os alunos do século XXI: adaptar para conquistar

Andreza Rocha (PMSP/GEPPEP-FEUSP) -
andrezarrocha2003@yahoo.com.br

O presente trabalho visa a apresentar uma experiência de ensino-aprendizagem de língua portuguesa desenvolvida com alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de São Paulo. Para tal fim, tomou-se como objeto de análise os registros da professora e as produções dos alunos realizadas durante uma sequência didática centrada na leitura e produção de paródias de músicas de grande repercussão popular na atualidade, atividade que teve como eixo norteador a seguinte pergunta: como, na realização de atividades voltadas a alfabetização, considerar e ampliar o repertório cultural dos alunos? Tendo como referência as contribuições de riolfi et alli (2008) com relação ao ensino de língua portuguesa no século xxi e o conceito de dessimbolização (Dufour, 2005), o estudo constatou a necessidade de o professor, tendo em vista a promoção do ensino de língua materna, adaptar suas concepções a respeito de leitura e literatura de modo a contemplar as concepções das crianças sobre o que é interessante e digno de ser aprendido.

Sobre escola, vida, escrita e outros dons

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ) –
aytelfonseca@yahoo.com.br

Minha intenção com o presente trabalho é relatar uma experiência de leitura e produção de crônicas em turmas do primeiro ano do ensino médio em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto foi valorizar a experiência de vida dos alunos, aproximando-os de práticas textuais repletas de sentido porque detentoras de reais propósitos comunicativos. Ademais, tal experiência levou-me a refletir sobre a verdadeira importância das aulas de Língua Portuguesa. As atividades dividiram-se em cinco etapas: primeiro, lemos diversas crônicas, atentando para as características temáticas, formais e estilísticas; depois, refletimos sobre a escolha de temas para nossas próprias produções, tendo como ponto de partida a leitura de jornais, poemas e letras de música; em seguida, escrevemos as crônicas, relatando fatos ligados à vida do estudante; passamos, então, à revisão coletiva dos textos; por fim, com o auxílio de computadores e outras tecnologias, digitamos todos os textos produzidos e os reunimos em um livro, que contou, inclusive, com uma festa de lançamento. Cuidamos também da diagramação do livro, escolhendo imagens e batendo fotos para a capa. Defendo, a partir dessa minha experiência, a necessidade de integrar o trabalho com os recursos linguísticos às atividades de leitura e de produção de textos, negando, portanto, um ensino estanque e descontextualizado. Além disso, chamo a atenção para a urgência de se valorizar a autoestima dos estudantes, vendo-os como legítimos escritores, que têm *o quê* e *o porquê* dizer. Baseio-me nas considerações sobre crônica feitas por Jorge de Sá (2002) e por Joaquim Ferreira dos Santos (2007), e na visão de ensino propalada pela professora Irandé Antunes (2003).

Estágio Supervisionado: implicâncias entre o ensino tradicional da professora e o ensino dos gêneros textuais das estagiárias

Camilla da Silva Souza (UFPA) - camillasouza_69@hotmail.com

Apresento aqui um relato de experiência que expõe uma das implicações que existe na regência da língua materna nas escolas públicas. O estágio ocorreu numa escola estadual do município de Bragança-PA, numa turma de 1º ano do ensino médio, cuja observação teve a duração de 20 horas e a regência de 24 horas. Um dia antes da minha regência que ia abordar gêneros e tipologias textuais, a professora de língua portuguesa deu uma “pincelada” nos

referidos assuntos, de modo que, a docente afirmou que os gêneros textuais e as tipologias tratavam-se de assuntos igualitários, assim, disse que os gêneros eram: descritivos, narrativos, argumentativos e conversacionais. E é claro que fiquei surpresa, também não a desmenti na frente dos alunos. Porém, na minha regência do dia seguinte fui obrigada a colocar para a turma que gêneros textuais eram os diversos textos com os quais lidamos cotidianamente e que tipologias eram sim o que a professora havia dito. Foi uma situação inesperada no estágio, contudo, a professora que estava juntamente à classe observou minha aula e concordou comigo. Ao final, tudo estava bem. Mas, e se o contrário tivesse ocorrido? Percebe-se nessa situação que muitas das vezes o professor não tem contato com novas ideias ou conceitos que surgem nas academias e que só passam a conhecer pelo fato de que esses assuntos inserem-se nos conteúdos programáticos, nos PCN's, mas, que na sua prática docente está fora do seu contexto. Daí, constata-se uma dificuldade do ensino tradicional, pois as professoras acomodam-se e não tentam buscar o porquê de tais questões. Promovendo, dessa forma, um ensino apenas de lançamentos de conceitos sem a verdadeira interação social com seus alunos.

Seduzir pelo texto: Análise do uso do material didático e paradidático de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental

Carina de Luca (FFLCH – USP) - carina.deluca@gmail.com

A escolha do foco do meu trabalho não ocorreu previamente: foi fruto da observação das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental em uma escola pública do interior de São Paulo. A problemática com a qual me deparei assistindo às aulas de duas professoras de Português foi a falta de interesse dos alunos reforçada pelo que julguei ser uma má escolha de textos aplicados às salas. Durante meu estágio, tive pouco acesso aos textos lidos e trabalhados pelos alunos – talvez por só ter disponibilidade para ir uma vez por semana à escola, talvez porque grande parte da educação desses estudantes se reduza à cópia e formulação de respostas para as perguntas da apostila governamental e do livro didático. Contudo, ainda que meu trabalho seja guiado por uma visão bastante parcial, creio que a análise da adequação de textos utilizados em sala de aula é válida, uma vez que aborda também o material didático em uso em todo o Estado de São Paulo. Outro aspecto que amplia a proposta da minha análise é justamente a temática do “prazer do texto”. Para despertar o interesse dos alunos do Ensino Fundamental pela leitura,

escrita e interpretação, considero primordial a criteriosa seleção de textos a serem trabalhados. A partir desta concepção foi elaborada a proposta de regência, que teve com os alunos de 7º série. Sendo assim, parti de resultados parciais obtidos da observação de aulas e de minha experiência de regência, tentando, à medida do possível, correlacioná-los com os contextos mais abrangentes do material didático oficial e da sedução do leitor pelo texto.

Protagonismo Infanto Juvenil através da Imprensa na Escola. Estratégia para a construção das competências leitora e escritora no Ensino Fundamental

Christian de Mello Sznick (EMEF Prefeito Adhemar de Barros) –
christian.sznick@gmail.com

Débora de Cassia de O. R. Deorio (EMEF Prefeito Adhemar de
Barros) - deboradeorio@uol.com.br

Através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC desenvolver as competências leitora e escritora, em sintonia com o Programa Educacional da Rede Municipal da Cidade de São Paulo, a autonomia do educando, o espírito de liderança. Aprender Fazendo. Com estas premissas o projeto foi implantado no início de 2010 e conta com a participação alunos da 3ª à 7ª séries do Ensino Fundamental, com atividades mediadas por dois professores, em horários extra turno escolar. Os alunos elaboram reportagens, entrevistas, fotografam, filmam, editam vídeos, realizam coberturas de eventos dentro e fora da Unidade Escolar, mantém atualizado e ativo o blog, galeria de fotos virtual, jornal mural da Instituição. Os alunos das séries finais são também monitores no Laboratório de Informática Educativa e colaboram com a Professora Orientadora junto aos alunos dos ciclos I e II do Ensino Fundamental. O sentimento de identidade com a Instituição é reforçado pois os alunos colaboram para a construção coletiva da memória escolar de forma significativa, disponibilizando a informação em meios de comunicação abertos as comunidades interna e externa, articulando ainda a ligação do trabalho efetuado em Sala de aula com outros professores e as mídias e redes sociais. Potencializar as capacidades de comunicação articuladas com um discurso e uma escrita compatíveis com a etapa do desenvolvimento de cada aluno, tem sido a tônica do Projeto que já é reconhecido na Rede Municipal por diversas outras Unidades Escolares e pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo.

Ler, escrever, digitar, salvar...:
O desafio dos multiletramentos na escola
Cláudia Goulart (PG/UNICAMP) – goulart.morais@gmail.com

A inserção cada vez mais acelerada da tecnologia da informação dentro das salas de aulas está fazendo “ruir uma ordem ou um solo comum que era apenas para poucos”, conforme nos aponta Canclini (2008, p. 16). Com isso, uma das noções que tem sofrido modificações ao longo das duas últimas décadas é a de leitor. Se antes um leitor era um sujeito que tinha uma relação solitária com as formas impressas de leitura, hoje, após o advento da Internet, a globalização tem desencadeado efeitos múltiplos sobre a circulação e a recepção de informações. Esse fato, especificamente, resultou naquilo que Canclini chamou de “processo tecnológico de convergência digital e da formação de hábitos culturais diferentes em leitores que, por sua vez, são espectadores e internautas” (CANCLINI, 2008, p. 21), fazendo alusão a um sujeito-leitor multimídia que combina leitura, audição, interação, colaboração e outras habilidades que integram ações e linguagens diferenciadas para interagir com as multissemióticas propiciadas por um computador ligado à *Web*. No campo educacional, essa discussão tornou-se imprescindível, uma vez que as escolas precisam do respaldo de uma epistemologia e de uma pedagogia do pluralismo (Kalantzis & Cope, 2000, p. 130) que deem suporte às “novas” maneiras de ler e escrever. Mesmo estando abertas à incorporação de recursos tecnológicos e informáticos, as escolas conseguem atender parcialmente à demanda em termos de construção de capacidades e competências de leitura e escrita constitutivas dos textos contemporâneos, porque é nas telas extracurriculares (em casa ou nas *lan houses*) que os alunos vão entrar em contato com as multissemióticas e aprender a combinar conhecimento e entretenimento. Nesta comunicação, portanto, pretendemos apresentar uma experiência de leitura e escrita na escola de ensino fundamental utilizando *webquest* para mostrar, ao final, as habilidades esperadas de um aluno “multitarefa”.

**A criança pequena nos arquivos de escritores:
desafios e práticas da criação**

Daniel Munhoz (CEU Jaçanã) munhoz-daniel@bol.com.br

Maria Estela Cardoso Martinez (CEU Jaçanã)

estelinhamarti@hotmail.com

Rosa Silvia Lopes Chaves (CEU Jaçanã) rsilvia.lopes@gmail.com

Elly Roza Ferrari (educadora serviço Educação IEB) – elly@usp.br

Este trabalho aborda a parceria do Núcleo de Ação Educacional da Gestão do CEU Jaçanã, instituição voltada para a educação formal e não-formal do ensino básico da rede municipal, com o Instituto de Estudos Brasileiro da USP, voltado para o público de alunos de graduação, pós-graduação e pesquisadores. Este trabalho em conjunto almeja a interação entre as práticas educativas e culturais, por meio de obras do acervo do IEB, como ponto de partida para a compreensão do contexto da criação literária, com desdobramento tanto para alunos do ensino básico e professores do CEU Jaçanã, como para estagiários do serviço de Educação do IEB. A partir de oficinas realizadas no espaço do CEU Jaçanã e visitas orientadas no espaço expositivo do IEB, criamos a oportunidade do acesso de crianças e professores no ambiente de pesquisa, demonstrando ser possível que as diversas culturas possam se interagir e se alimentar, numa prática social que evidencia outras direções para novas metodologias do ensino da língua portuguesa desde a primeira infância. As primeiras experiências foram com as matrizes de xilogravuras do acervo de cordéis, e com a aquarela de Tomás Santa Rosa do poema de Manuel Bandeira “Estrela da Manhã” obra pertencente ao acervo de Mário de Andrade.

Ensinando e aprendendo a nova ortografia

Daniella Barbosa Buttler (Colégio Humboldt) - daniellabar@gmail.com

Luiza Seselgis-Tendler (Colégio Humboldt) -
luizatendler@yahoo.com.br

Levando em consideração que as escolas e os docentes carecem de informação específica sobre o novo acordo ortográfico e, sobretudo que o setor editorial também está inseguro na divulgação de material, o **objetivo** desta comunicação é exibir aos professores da Educação Infantil ao Ensino Médio um viés de como inserir as novas mudanças da Língua Portuguesa na sala de aula. Logo, apresentaremos dicas de como incorporar à rotina escolar a transitividade para a nova regra. Busca-se analisar exemplos na mídia escrita, placas espalhadas pela cidade de São Paulo, cartazes confeccionados por alunos dos Cursos Pós-Ensino Médio e *links de quiz* para os usuários da língua testarem seus conhecimentos. Toda a apresentação do material visa a propiciar discussões essenciais para o sucesso prático do uso das novas regras ortográficas de forma articulada com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, que é o material oficial que deve orientar os redatores. A rápida incorporação das novas regras ortográficas depende das seguintes etapas: entender, aprender, utilizar, consultar,

memorizar. O trabalho realizado em nosso colégio seguiu essas etapas. Primeiramente, motivação com uma apresentação no *Power Point* mostrando como “anda” o emprego do português em placas espalhadas pela cidade. A seguir, outra apresentação no *Power Point* para entender as novas regras (quando necessário, uma pequena revisão de termos como “paroxítora”, “hiato”, etc). Após essas etapas, recebimento de uma tabela prática com a teoria estudada e exercícios de aplicação. Constantemente se observa em classe o emprego da nova ortografia na mídia escrita e *links de quiz* são utilizados para treino. Para auxiliar a memorização, os alunos fizeram cartazes criativos que ficaram afixados no mural, de forma que, diariamente, há a oportunidade de rever as regras de uma forma criativa. A mídia escrita exerce um importante papel no processo de aprendizado da nova ortografia; porém, a escola precisa criar um ambiente favorável para a motivação, observação, aplicação e conseqüente incorporação.

Ensinar língua portuguesa na era da tecnologização

Diva Conceição Ribeiro (FALEC) - diconri@yahoo.com.br

No mundo contemporâneo, a escola sistematizada precisa refletir e adequar instrumentos pedagógicos para acompanhar, no ensino de Língua Portuguesa, a evolução da tecnologia a fim de manter a história acumulada sem prejuízos ao passado, estar na dinamicidade do presente e sem comprometer o futuro. Na era da tecnologia não é possível opor-se às novas modalidades de comunicação, de escrita e de linguagem via computador, imagética, outdoors, jornais, revistas, panfletos, radiofônicas, televisivas. Essas recentes práticas causam estranhamento porque suprimem a escrita secular e a apresentam abreviada, simplificada para a comunicação humana no século XXI. Não é possível negar a existência, a presença e a permanência da Internet no meio “intelectualizado”. Esta pesquisa mostra como o contexto atua no meio social contemporâneo e como, por meio da internet, pode-se manter o modo de escrever aceito pelo meio social letrado e como o homem é capaz de adequar novas formas de grafar conforme suas necessidades, seja nos chats, no msn, nos emails ou na manutenção da escrita impressa. O campo de atuação docente, assim como a organização do discente de terceiro grau, deve estar atualizada às inovações científicas para dar sustentabilidade ao conhecimento acumulado e ajustá-lo às novas expressões surgidas sempre que o utente demonstre significá-las como agente da comunicação. Assim, cabe ao professor contemporâneo conhecer, navegar, sentir, investigar espaços internetizados, compreender como eles se estabelecem no

mundo da tecnologização. A isso cabe esclarecer que não se trata de deixar de ensinar, de exercitar a prática de escrever, e sobretudo, com domínio e propriedade, ensinar a saber fazer, entender, usar, e poder escolher o como quer realizar e o porquê escolher esta ou aquela modalidade de escrita, ou de usar as novas tecnologias e permitir-se a decisão de escolha a fim de cumprir o exercício da democracia: conhecer, dominar para depois poder realizar a sua escolha.

O lúdico como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem

Emanuela Francisca Ferreira
(Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga) –
assismusic@bol.com.br

No aprendizado a variação é fundamental para fugir da repetição maçante de exercícios teóricos em sala de aula. Este projeto teve o intuito de trabalhar a linguagem musical como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem. O lúdico, sob forma de jogo é recurso didático que transforma o processo educativo, fazendo com que o novo, a expectativa, tornem o tempo sincrônico em que se está, em tempo sagrado, ritualístico. Jogar e brincar são atividades que oferecem ao espaço escolar a interação, a socialização, o entendimento e a compreensão, através da participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Cognição e sensibilidade, técnica e arte, se encontram em sala de aula nos jogos, com o mesmo objetivo: proporcionar no momento sagrado do ato de jogar a aprendizagem eficaz e a aquisição de conhecimentos de forma lúdica e prazerosa, incitando a motivação e combatendo a evasão escolar. Embasado nas teorias de Kater (2005) e Agambem (2005), que enfocam o jogo e o brinquedo, este projeto procurou trabalhar a linguagem musical no dia a dia escolar, visando não só o raciocínio lógico, mas a socialização, o estar junto, que é parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

A oralidade e a linguagem: cantigas de roda, trovas, contos cumulativos e narração de histórias e o desenvolvimento da linguagem na educação infantil

Fabiola Aparecida Pereira Placido (FE-USP) – fabi.placido@ig.com.br

Esse trabalho apresentará um relato breve das experiências que obtive com a contação de histórias e o uso de cantigas, versos e contos cumulativos na Educação Infantil, promovendo a

experimentação dessas atividades de maneira lúdica e interativa. O objetivo é que os participantes percebam a influência da oralidade na aquisição da língua portuguesa, através das atividades dinâmicas e lúdicas que podem ser promovidas nas aulas de educação infantil. Usarei como referência os trabalhos de Claudemir Belintane e Walter Ong para embasar a teoria e relacioná-la à prática.

Estudo e prática do gênero do discurso: debate em sala de aula

Gabriela Ismerin Lacerda (FFLCH-USP) -
gabriela_ismerim@yahoo.com.br

Glauce de Oliveira Alves (FFLCH-USP) - glau.leusp@gmail.com

Rafael Stopa Rocha (FFLCH-USP) - rocha87@gmail.com

Há tempos, a escola recusou o estudo da oralidade, primando o da escrita. Contudo, não se pode ocultar a existência e a importância das práticas orais nos diversos meios. Gradativamente, tem-se dado espaço para a aplicação dessas no âmbito escolar - ainda que de forma tímida - destacando-se a questão dos gêneros do discurso orais. Todavia, o trabalho com esses tipos de gêneros em sala tem sido um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa, seja pela sua resistência no que diz respeito ao estudo da oralidade e/ou dos gêneros do discurso, ou pela sua limitada orientação a respeito. Pensando em tais questões é que, ao elaborarmos o projeto para a disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I, propomos criar uma sequência didática para o estudo e a prática do gênero debate em sala de aula. Decidimos contemplar tal gênero devido à sua vasta capacidade temática, uma vez que envolve questões dos mais variados meios sociais; e ao seu caráter predominantemente argumentativo, possibilitando que o aluno desenvolva sua capacidade crítica em relação ao mundo. Além disso, o debate demanda um trabalho de pesquisa tanto do professor, quanto do aluno, cabendo àquele orientar este na busca de fontes confiáveis de estudo, a fim de que se consiga obter o máximo de informações pertinentes que auxiliem a tornar a argumentação consistente. Valemo-nos do esquema de sequência didática conforme proposto por Schenewuly & Dolz (2004) (a partir da *apresentação da situação*, seguida da *produção inicial*, pelos *módulos*, e por uma *produção final*). Avaliados continuamente através das atividades, os alunos terão seu o processo priorizado e não apenas o seu produto. A sequência possui 18 aulas divididas em duas aulas por semana. E, dependendo da escolha do tema, deve, na medida do possível, relacionar-se com outras disciplinas do currículo escolar, de forma a promover a interdisciplinaridade.

A produção de narrativa a partir da modelação da personagem: investigando uma proposta pedagógica

Glória Marina Colombo (UNIESP-SP) - glorinhacolombo@gmail.com

Nilma Alves Pedrosa (UNIESP-SP) - atelierradagente@gmail.com

Este ensaio apresenta os resultados de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que investigou o papel mediador de esculturas de personagens e da leitura na construção de narrativas. Fundamentou-se na idéia de mediação de Vygotsky (1998), estudos sobre leitura de Souza (2004) e investigações sobre narrativa (GANCHO, 2006; SCHNEUWLY, 2004). Participaram 19 estudantes do 6º Ano de uma Escola de São Paulo-SP. As atividades fizeram parte de uma oficina de redação desenvolvida em 15 encontros. Envolveram técnicas de modelação em *papel machê* e *collê*, construção de personagens, reflexão sobre os elementos da narrativa, leituras e escrita. As produções dos estudantes foram analisadas nas relações entre sujeito/estudante, objeto/narrativa e instrumento/ escultura ou leitura. Os resultados mostraram que atividades motivadoras e instigadoras proporcionam condições eficientes para o diálogo entre a leitura, modelação de esculturas e produção de narrativa. O ambiente da oficina de redação foi capaz de acolher tanto a diversidade quanto a singularidade das linguagens e dos nossos interesses. A escultura e as leituras se mostram na produção da narrativa como elemento recreativo, expressivo, comunicativo, semântico, de busca interior e descoberta de si, de melhora da auto-estima, de motivação e coleta de informações. As narrativas produzidas pelos estudantes espelham tomadas de posição sustentada por argumentos, além disso, parecem ter emergido das esculturas, invenções/fantasias modeladas e caracterizadas em personagens de papel.

Blog e Literatura

Haidê Silva (EE João Martins/ISEAP) - haidesilva1@terra.com.br

O objetivo do presente trabalho é socializar uma experiência profissional com a utilização do Blog para auxiliar o ensino de Literatura na Educação Básica, com alunos do Ensino Médio. A idéia de fazer um Blog individual surgiu quando professores do período da manhã da escola em que leciono resolveram construir um Blog para a escola. Primeiramente, acreditei que seria possível compartilhar o mesmo ambiente virtual, mas, no entanto, percebi que não seria fácil trabalhar um conteúdo específico entre tantos objetivos de inúmeros professores e da própria escola, e por isso, decidi pela elaboração de

um Blog mais direcionado para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura. E desde então, o Blog tem sido utilizado com frequência e me parece bastante útil no ensino de Literatura para complementar e ampliar a aula, promover mais interação entre professor e alunos, permitir a leitura prévia dos textos utilizados na sala de aula, a retomada dos textos utilizados durante a aula no momento de livre escolha dos alunos, permitir que os alunos façam leituras complementares e enviem suas tarefas com as respectivas dúvidas, entre outras coisas que vão surgindo no nosso dia a dia. Dessa forma, a organização do Blog tem a finalidade de facilitar o acesso dos alunos aos conteúdos que estão sendo trabalhados durante o bimestre e justamente por esse motivo, eles se apresentam estruturados em páginas que geralmente levam os títulos dos assuntos como por exemplo: “Como analisar narrativas”, “Enem”, “Literatura”, e “Leitura e produção de textos”, além das páginas de recado direcionada aos alunos.

Histórias e brincadeiras de sentir medo

Janeide de Sousa Silva (Creche e Pré-escola Central – USP) -
janeguinha@gmail.com

Histórias e Brincadeira de Sentir Medo é a temática presente neste relato de experiência que foi desenvolvida com crianças de idades entre 4 a 6 anos, na Creche / Pré-escola Central da USP, no ano de 2007. O objetivo deste trabalho versou sobre qual é o papel de tais enredos nos processos de construção de conhecimento e jogos infantis. Neste percurso, a postura de investigador do educador foi um grande aliado do processo de intervenção pedagógica junto às crianças. Para dar concretude ao projeto, foram necessárias: (i) a observação e seleção do grupo de crianças onde a presença de brincadeiras de assustar era recorrente; (ii) a investigação teórica por meio da leitura de bibliografias que discorriam sobre literatura, brincadeiras, desenvolvimento infantil e sobre o medo; (iii) planejamento de atividades nas quais a temática do medo fosse a disparadora do processo. Assim, brincamos de Passeio no Labirinto do Minotauro; lemos e ouvimos histórias de assombração; exibimos sessão cinema de terror infantil; e finalizamos com uma roda de conversa sobre as brincadeiras e histórias de assustar. Algumas considerações resultantes desta aprendizagem pedagógica desvelaram que brincar de sentir medo é uma experiência fabulosa, desde que abordadas adequadamente com a criança. No que se refere às possibilidades de lidar com os elementos da realidade da

qual se pretende entender, para as crianças, as brincadeiras e textos de assustar também são recursos valiosos. Além do que, quando se sente medo, o organismo libera adrenalina no corpo o que provocar sensações de prazer e divertimento. O grande desafio para os educadores, no entanto, é observar o limite entre a brincadeira e a realidade, o prazer e o temor, evitando o que pode desestruturar as crianças, promovendo atividades que materializem seus jogos fantásticos com segurança.

**O gênero textual dos filmes com julgamento:
Instrumento para o ensino e a aprendizagem da dissertação e da
argumentação?**

João Eduardo de Oliveira Sita (Colégio Etapa) -
joaosita@yahoo.com.br

Os gêneros textuais são realizações linguísticas concretas definidas por funções específicas em situações de comunicação particulares. A diversidade dessas situações determina uma heterogeneidade de gêneros que contrasta com a homogeneidade dos tipos textuais, construções teóricas cujas propriedades linguísticas intrínsecas, tais como elementos lexicais e sintáticos, tempos verbais e relações enunciativas, são relativamente mais estáveis. Gêneros textuais e tipos textuais constituem, por conseguinte, conceitos distintos. Todavia, uma vez introduzidos como objetos de ensino e aprendizagem, os gêneros são desvinculados dos contextos de comunicação autêntica, disso resultando a simplificação de suas propriedades linguísticas e a identificação entre tipo e gênero. A dissertação é um gênero escolar que, em virtude da predominância dos procedimentos argumentativos e da ausência da situação efetiva de comunicação, costuma ser identificado ao tipo argumentativo de texto. Essa redução do gênero dissertativo à argumentação transforma, em objetos privilegiados de ensino e aprendizagem, a compreensão da natureza e do funcionamento da própria argumentação, que passa a ser entendida como tarefa prévia ao estudo da dissertação. Por outro lado, dada a complexidade inerente aos recursos argumentativos, filmes com julgamento são adotados como instrumento para o entendimento da argumentação. Estabelece-se, portanto, um entrecruzamento entre gêneros e tipo de texto, cujos aspectos positivos e fragilidades podem ser apontados com base na análise de uma sequência didática.

Por que “que” a língua varia?

Karina Vianna Ciocchi (FFLCH-USP) – kvciocchi@hotmail.com

Nivaldo dos Santos Macedo Filho (FFLCH-USP) –
nivaldo.santos.filho@usp.br

A unidade busca despertar o interesse do aluno chamando-o para ser um investigador. Já na proposta observar-se-á uma mudança na característica de ensino comparando-se à tradicional. Ao chamar o aluno para ser ator da construção de conhecimento e não mais um ouvinte passível, já se opera uma mudança. Entretanto, só a mudança de papel não é suficiente para que se produzam resultados, assim um vídeo cômico, tirado da internet, chama atenção e abre a possibilidade de se iniciar o assunto a ser tratado. Na primeira parte da unidade então, coloca-se uma espécie de introdução teórica sobre o assunto Variação Linguística. Este já é um assunto diferenciado, nas gramáticas tradicionais não aparece, entretanto é preciso que se trate de maneira que o aluno construa a teoria e tenha os conceitos sem que esses precisem ser explicitados a ele. A considerada teoria é colocada na expectativa de diminuir o preconceito linguístico que um aluno no nono ano do ensino fundamental construiu ao longo de sua formação. São colocados em xeque os conceitos de Certo e Errado. De maneira divertida e não-normativa os alunos são apresentados aos conceitos que valorizam as diversas formas de expressão da língua e não só a padrão, que é construída e muitas vezes imposta a eles. Se na primeira etapa o objetivo é desconstrução de conceitos e preconceitos, na segunda, as atividades são uma maneira de mostrar exemplos de formas variantes. Nesta perspectiva, são usadas tirinhas, páginas do Orkut (universo mais próximo da realidade discente) e piadas. Os exemplos, caso a caso, levam à construção dos conceitos. Ao invés de impor normativamente os termos técnicos como diafásica, diatópica, diastrática e diacrônica, o aluno deverá comentar e discutir as formas diferentes em que a língua pode variar.

Percepções psico/pedagógicas acerca das experiências de estágio

Lázaro Aparecido Rufino (FFLCH – USP) - lazarorufino@ig.com.br

Esse trabalho discute novas abordagens, para o ensino de português, com vistas a atacar dois problemas: - o desinteresse e a falta de atenção/concentração - a indisciplina. O viés é basicamente a aplicação de princípios psicológicos de persuasão e conscientização num primeiro momento; e de recursos que impressionem de maneira

interessante (à luz da psicologia junguiana; da hiper-ciência e arte musical; da aromaterapia e das "hiper-ciências religiosas do oriente") um número e área maior dos sentidos, de maneira intrigante mas instigante, votada a gerar estranhamento prazeroso mas de efeitos interessantes para o fim em vista (mesmo que em 2º plano ou subliminar). A área de contato com a escola assim ampliada, revertendo em benefício para o processo de aprendizado da língua, literatura e linguística. Nossa experiência de estágio pela matéria EDM0405-52, sob responsabilidade do Prof. Emerson de Pietri, foi levada a cabo na mesma escola onde já havíamos feito estágios de outras matérias de licenciatura.

Produção vs Reprodução de conhecimento em aulas de gramática

Ludmila De Nardi (USP) – ludnardi@ig.com.br

O objetivo de estudo deste trabalho é analisar a construção de conhecimentos de língua portuguesa pelos alunos, a partir de sua produção linguística e guiados pelo professor, nas aulas de gramática. Ele tem como objetivo geral comparar os efeitos dessa aprendizagem com o ensino de reconhecimento e reconstrução de regras gramaticais prescritas pelo professor. Para tanto, serão analisadas anotações de um diário de campo feito na Escola Estadual Marechal Juarez Távora na região de Santo André nas 5ª e 7ª séries do Ensino Fundamental durante um estágio de observação de duas diferentes professoras de língua portuguesa. Mais especificamente, este trabalho visa responder como a língua pode ser aprendida como construção de conhecimentos em lugar de ser ensinada, como vemos atualmente, como reprodução de conhecimentos para que realmente tenha utilidade para os alunos e os estimule ao aprendizado em vez de afastá-los do mesmo.

Novas tecnologias como ferramentas no ensino de língua portuguesa

Márcia Oliveira da Silva (Rede pública de ensino) –
o.nomemarcia@yahoo.com.br

Partindo para situação da sala de aula e ensino aprendizagem, pretendo mostrar que devemos adequar as nossas aulas para o cotidiano do aluno, nos despir de todo preconceito linguístico, e enfatizar o mistério em que muitos professores se encontram, de ter

alunos em sala de aula que não produz nada, nem contos, fábulas, nem crônicas, mas diante das tecnologias atuais o mesmo aluno, tem um twitter, orkut e blog. Escreve incessantemente, se vinculando a tecnologia, e tornando-a como único meio de comunicação e aprendizagem. Os gêneros textuais é a grande esfera linguística que o professor tem para interagir com o aluno, e fazê-lo produzir, distinguir e inferir informações implícitas. Temos como foco, o aprendizado e como meio, os gêneros textuais, como o aluno pode ser capaz de ter um blog, escrever diariamente e na sala de aula não produzir nada? Sendo que, o aluno tem contato com gêneros no seu dia a dia, em casa, na rua, no trabalho e na mídia. Fazer com que os alunos reflitam e se posicionem mediante ao que eles estão produzindo é a grande lacuna que existe entre professor e aluno, ou seja, conteúdo e objetivo pretendido. Partindo deste pressuposto pretendo discorrer, sobre a lacuna existente, entre gêneros e tecnologias e sobre o encantamento tecnológico que motiva o aluno a se sentir engajado socialmente para produzir.

Indicação literária

Maria Claudia Luzia Nunes Perna da Silva (Creche e Pré-Escola Central da USP) - cacauperna@hotmail.com
Andréa Bordini Donnangelo (Creche e Pré-Escola Central da USP) - andrea.bordini@hotmail.com

Ao reconhecer a importância de ler diariamente bons livros para as crianças, pensamos em um projeto de produção de textos usando a linguagem escrita. Considerando um grande número de livros lidos propomos para as crianças de 6 anos que pudessem indicar para outros os nossos livros prediletos. Estas indicações literárias poderiam servir para vários eventos, em feira de livros, saraus de histórias, empréstimos de livros da biblioteca da creche para a comunidade e a própria compra de livros por parte das famílias a partir destas indicações. Para isso acontecer precisaríamos escrever as nossas próprias resenhas, ou seja, textos curtos com informações sobre cada obra. Portanto fizemos uma coletânea que as crianças pudessem ler e compreender a função de uma indicação literária, escrita por outros autores. Também manusearam catálogos de editoras e lemos as resenhas para o grupo. Realizada esta pesquisa as crianças puderam escolher e decidir seus títulos preferidos. E para dar o início, todos retomaram a leitura para relembrar as histórias e discutir como iriam escrever os textos. Cada texto continha informações como título, autor, editora e uma curta descrição. Já era esperado por nós, que os textos

produzidos pelas crianças não respeitariam as convenções da escrita e precisariam de ajustes, então se fez necessário realizar uma revisão. Nesta etapa apenas uma resenha era lida por dia em voz alta, na íntegra. Depois fomos relendo em partes, chamando a atenção para determinados aspectos, colocando boas questões para serem discutidas, problematizando o que estava ambíguo, confuso, sem sentido e repetitivo como por exemplo: né e tá. Lembrando-nos que o conteúdo trabalhado manteve suas características de uso sociocultural real, sem se transformar em um objeto escolar vazio de significado social.

A escuta do professor: um relato acerca das rodas de conversa com crianças de 2 a 6 anos

Natália Bortolaci (Creche Central da USP – Prefeitura Municipal de São Paulo) - bortolaci@usp.br

“Jogar conversa fora” é uma expressão ultrapassada quando falamos de educação. Ainda mais se pensamos em crianças pequenas. As conversas tem-se constituído como um privilegiado momento de trabalho com a oralidade, na construção de vínculos, troca de experiências, elaboração de narrativas orais, sendo o intercâmbio oral um grande favorecedor de aprendizagens. É também o momento de se conjuntamente com os alunos aquilo que será trabalhado. Seja por meio de um suporte para a fala, objetos disparadores com os menores, por meio das discussões para a solução de algum problema, ou um momento de discutir os livros lidos no final de semana com as famílias, ou ainda comentar de um passeio, sabemos que nessa faixa etária não é simples encontrar as palavras para expressar tudo o que se quer dizer. Trabalhar com a oralidade por meio de rodas de conversas é atribuir à criança o trabalho de elaborar uma fala que requer sistematização, seleção, mediação e desafios. Proporcionar momentos de conversa, bem como ter a escuta atenta ao que dizem as crianças, é concebê-las não apenas como “alunos” que passam horas escutando o que diz o professor e executando as atividades, mas é tê-las como sujeitos, protagonistas e com direito a voz no processo de aprendizagem. Ao falar para um coletivo a criança organiza seu pensamento, produz enredo, faz narrativas, normalmente baseadas em vivências, dúvidas ou em histórias imaginárias, explorando os gêneros do discurso.

O Ensino da Leitura na Rede Estadual de São Paulo

Nayane Oliveira Ferreira (FFLCH/USP) - nayanef@hotmail.com

O objeto de estudo deste trabalho foi a dificuldade de interpretação de textos na 6ª e na 8ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Jesus José Attab, localizada em uma periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Ele teve por finalidade analisar como o professor trabalha as dificuldades na interpretação e o gosto pela leitura nos alunos. Para tanto, foram analisadas as anotações do Diário de Campo formulado durante o estágio de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, orientado pela professora Claudia Riolfi. A importância da leitura na formação do aluno é reconhecida pelos professores de todas as áreas; além de sua necessidade para compreender os diversos campos (matemática, ciências, biologia, etc.) é necessário que as habilidades de leitura sejam trabalhadas para proporcionar o desenvolvimento psicológico e crítico do aluno, ampliando o seu universo e transformando a sua visão de mundo. A escola tem um papel fundamental na formação deste leitor. A leitura é formadora e transformadora, através dela o aluno terá a possibilidade de apropriar-se do conhecimento. Entretanto, se sua importância é tão óbvia parece haver uma discordância entre a intenção e/ou o esforço dos professores em promover a prática da leitura e os resultados obtidos. Se com condições materiais adequadas, tais como facilidade de reprodução de materiais e aquisição de livros (como é o caso das escolas mais estruturadas), não há garantia de resultados compensadores, o trabalho com alunos de classe baixa se torna ainda mais problemático: a escola carece de livros, de biblioteca, de ambientes propícios à leitura... Posto isto, a pergunta que norteia a escrita deste ensaio é: neste caso, o problema reside na forma como a leitura é trabalhada ou na falta de leitura?

Projeto de estágio CEU do Morro Doce: parcerias, limitações desafios e perspectivas

Nilma Alves Pedrosa (UNIESP/SP) - nilmalettras@gmail.com

Luciane Nigro Charlariello (PUC/SP) - lu.nigro@gmail.com

Janaina Mendonça Rodini (CEU Parque Anhanguera/SP) - janainarodini@yahoo.com.br

Este trabalho apresenta resultados de uma proposta interdisciplinar de estágio na forma do Projeto CEU DO MORRO DOCE, parceria entre licenciandas em Letras e Matemática do Grupo de Estudo Letras e Letramento (GELL) da União das Instituições Educacionais de São

Paulo (UNIESP) e a Biblioteca da Escola Pública Municipal CEU Parque Anhanguera/SP. Fundamentou-se na idéia de mediação de Vygotsky (1998), nas atividades em biblioteca de Bajard (2002) e nos estudos sobre leitura de Souza (2004). Em 2009 aos sábados, durante 25 encontros de 4 horas, foram ministradas atividades de Literatura, Língua Inglesa e Portuguesa e Matemática a 30 estudantes do Ensino Fundamental II e Médio. As atividades envolveram leituras, incentivo à aquisição de vocabulário, produção de narrativas escritas e orais, construção de jogos e modelação de esculturas em papel. As ministrantes alternaram-se entre atividades de regência, observação, registro escrito e filmagem dos encontros. Por um lado, buscou-se atender, a aprendizagem dos estudantes motivando-os para o uso do acervo da Biblioteca e sua ampliação com a construção de uma Magicoteca (jogos com orientações de uso); por outro, atender aos objetivos do Estágio e das Atividades Complementares, colher dados para a construção dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e participar de Eventos Científicos. Após cada encontro, o material coletado era discutido e investigado pelo GELL, permitindo corrigir situações desapropriadas para o projeto envolvendo a promoção de práticas alternativas no exercício do Estágio. A modelação de personagens, leituras, narrativas e a produção de jogos se mostraram como elementos recreativos, expressivos, comunicativos, de melhora da auto-estima, de motivação e de coleta de informações.

Arrivederci: elaborando um diário de viagem

Rafael Ridolfi (FFLCH – USP) – rafael_ridolfi@yahoo.com.br

O meu foco foi a produção escrita e, para tal, elaborei uma atividade voltada ao registro de uma viagem. Na verdade, esse registro foi feito em dois momentos: as primeiras impressões e, em seguida, o relato da viagem realizada. A realização da sequência didática “Elaborando um diário de viagem” permitiu constatar o seguinte fato: antes que o ensino possa comunicar fatos e idéias por intermédio de signos, a escola deve fornecer situações reais em que a participação pessoal do aluno traga do cotidiano a importância do material e dos problemas existentes na situação. Ou seja, a situação real da experiência direta e imediata é ampliada e aprofundada pela experiência simbólica. Existe uma relação com o mundo onde não é possível se separar daquele universo em que vive. O ser humano tende a sentir a si próprio e a sua relação com o outro. É justamente essa vivência emocional que transforma a relação com a educação em algo pleno de significados. A educação é o processo de uma atividade reflexiva que tem como

objetivo alcançar o conhecimento. Como essa reflexão tem um caráter contínuo, permanente e não se esgota no âmbito escolar, as aprendizagens não são reduzidas àquilo que é oferecido exclusivamente pela escola. A “auto-consciência” aparece como a própria consciência da experiência pessoal e, por isso, é necessário estabelecer uma relação com o espaço e o tempo. A realidade do mundo contemporâneo não é como uma pedra isolada, ou seja, não é um objeto único em tempo e espaço. Como o ser humano se identifica no Outro e tende a não estabelecer uma distância, a aproximação aparece como uma espécie de ponte entre esse sujeito e a realidade que o circunda. Assim, entra em jogo quando o sujeito comunica sua relação com o mundo – é a apropriação espontânea de sua vivência e a experimentação de si próprio. Partindo desse pressuposto, foi muito interessante ver a participação efetiva dos alunos e como, rapidamente, se envolveram com a possibilidade de poder fazer algo novo, em um processo no qual a escrita aconteceu naturalmente e sem muitas barreiras.

Saberes mobilizados no trabalho docente: construção da coerência na produção escrita de alunos na escola

Rita de Nazareth Souza Bentes (SEDUC-UEPA) -
ritasbentes@yahoo.com.br

Maria do P. Socorro Dias Pastana (EA/UFPA) -
socorro_pastana@yahoo.com.br

Este trabalho propõe refletir sobre o ensino e a aprendizagem do gênero *carta* organizada em sequência didática enquanto instrumento orientador ao trabalho docente de Língua Portuguesa. Busca-se também pontuar, neste processo didático, a importância de o professor analisar a produção textual dos alunos à luz dos pressupostos teóricos da linguística textual e da análise do discurso, considerando a textualidade fenômeno essencial na compreensão e produção dos alunos, no decorrer da realização desta proposta, desenvolvem-se as dimensões desse fenômeno como saber ensinável. Isso acontece por meio da prática da sequência didática do gênero Carta Pessoal. Este processo de ensino e aprendizagem efetiva-se com base nos diversos instrumentos tomados enquanto discursivos e materiais, usados historicamente por estes sujeitos particulares. A experiência ocorreu, quando os alunos da sexta série, da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, do projeto oficina de leitura, realizaram atividades de leitura e produção escrita de cartas. A condição de existência dessas trocas de saberes

acontece em função do encaminhamento didático de atividades de leitura e produção de textos planejados em módulos e em atividades de produção. A construção do corpus se deu por anotações em diário de campo do professor, como também por meio dos textos produzidos pelos discentes envolvidos. A análise dos dados nos permitiu revelar o modo como os discentes aprendem efetivamente em co-participação com o docente, quando é feita a prática de uso e reflexão linguística do texto, pontuando a coerência temática dos alunos articulada aos organizadores textuais nas cartas, por meio de diversos instrumentos e saberes didáticos mobilizados.

O literário e o pictórico: relato de experiências para a compreensão literária

Rosi da Silva e Santos (EE Sílvia Pollastrini) - rosialcazar@ig.com.br

Em uma sociedade marcada pela globalização, o acúmulo de conhecimentos abstratos tem sido privilegiado em detrimento da imaginação, da habilidade manual e da aptidão para comunicar (Delors, Eufrázio e Hargreaves). O texto literário, cujas características contradizem a linguagem comum, muitas vezes não se revela atrativo e motivador para a aprendizagem, fato comprovado pelos docentes ao ensinar literatura, sobretudo quando se estuda o texto poético. Este trabalho tem por objetivo socializar e difundir os resultados de uma experiência bem sucedida com o ensino e aprendizagem de literatura no ensino médio realizada em uma escola estadual em Itanhaém, SP. A partir da escolha de textos literários diversos, em prosa e verso, foi possível inter-relacionar a literatura (forma de representação artística e escrita da realidade) a uma representação pictórica em uma situação interdisciplinar através de ilustrações pintadas em sala de aula. Os discentes passaram a apreciar o poder multisignificativo da linguagem conotativa através da percepção de diferentes possibilidades de interpretação, facilitando sua análise e desenvolvendo o artístico e o imaginário pessoal.

Literatura: uma maneira de humanizar as aulas – da indiferença a sensibilidade

Teubislete Ferreira Borges (FFLCH-USP) -
teubislete_usp@yahoo.com.br

Ensinar português ou ensinar os alunos a necessidade do respeito?
Pergunta realizada em meu trabalho de Metodologia do Ensino de

Língua Portuguesa I (MELP I) na FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Eu a elaborei a partir de minha experiência em um estágio em que acompanhei as aulas de uma professora de língua portuguesa de uma escola pública da periferia da cidade de Carapicuíba (região metropolitana da Cidade de São Paulo) bastante preocupada em fazer seus alunos aprenderem a importância do respeito. Durante as aulas dessa professora, era costume presenciar os alunos agredindo-se verbalmente. Para a professora mais importante do que aprender a “usar bem o português” era aprender a se colocar no lugar de outro indivíduo. Entretanto, para isso, ela frequentemente abria mão de sua posição de professora de língua portuguesa. O que nós duas percebíamos é que os alunos não aprendiam nenhuma das duas coisas. Partindo das considerações presentes em *O Ensino de Língua Portuguesa* (Riolfi et alii, 2008) e em *O direito à literatura* (CANDIDO, 1995, p. 235-263), o presente trabalho propõe uma alternativa que, talvez, una as duas coisas: a literatura, uma vez que ela possui o poder de despertar o interesse pela leitura e uma vez que ela une construção, conteúdo e a incorporação do que se lê de maneira difusa e inconsciente. Portanto, a literatura teria o poder de humanizar (CANDIDO, 1995, p. 244).

A língua portuguesa e as mídias em sala de aula: um recurso a mais ou um inimigo a ser devorado?

Valdete Shirlei da Silva (E.E. João Solimeo) – v.shirlei@ig.com.br

Na época de hoje, onde convivemos com o avanço tecnológico de última geração e, todo ser humano com ou sem poder aquisitivo pode ter acesso a ela, assim fica difícil conseguir a atenção dos alunos em qualquer tipo de aula ou disciplina, porque, enquanto trabalhamos apenas com o giz, lousa e uma didática ainda voltada para alunos de décadas passadas, nossos alunos se evoluíram e passaram a nossa frente e conseguem dominar essa nova modalidade sem esforço algum. Hoje, enfrentamos uma batalha árdua com o nosso concorrente, pois convivemos com uma educação arcaica, parada no tempo, onde a evolução só ocorreu no papel. As mídias em sala de aula mudaram a metodologia e nos levaram a suscitar um ensino e aprendizagem mais eloquentes aos ouvintes, segundo Selfe, 1988, Bales, 1990 Seaton, 1993 e Nalley, 1995, as mídias tecnológicas devem proporcionar aos educandos uma oportunidade de interagir e para juntos trabalharmos os problemas e projetos significativos para ambos. Pensando nisso e em como envolver os discentes nos poucos recursos disponíveis, nada melhor do que trazermos para perto de nós

a mídia e fazer dela nossa mais nova aliada em sala de aula, unindo assim, o conhecimento e a internet para que as aulas sejam turbinadas. Quando conseguirmos elencar esses dois fatores, sem nenhum medo e nenhuma culpa e, deixarmos de olhar a mídia como nosso rival (monstro) que irá nos destruir, aí sim, trabalharemos com o que temos disponível e passar a empregar a nossa criatividade. Desta forma, aprenderemos utilizá-la a nosso favor, incluindo atividades bimestrais para os nossos “especialistas” onde a curiosidade seja anestesiada com grandes doses de pesquisas (orientada), mesclada com projetos de interesses pessoais associados aos do docente. A partir do momento que o medo da mídia foi quebrado e passamos a não vê-la mais como inimiga, resolvemos criar a Revista Eletrônica, uma versão da sua original em colaboração com os discentes que foram atrás de programas gratuitos e através de longas horas no MSN com o especialista Cleiton José Costa Feitosa o monstro foi devorado, através deste trabalho, conquistamos amigos, conhecimento mútuo, mais interesses dos alunos não só pelas aulas, como também em ver seus nomes escritos na revista. Portanto, tudo foi superado, a motivação e o incentivo foram adquiridos e agora podemos dizer que graças ao uso da mídia em sala de aula, formamos cidadãos leitores.

Um livro várias histórias

Vanessa de Almeida Carvalho (Creche e Pré-escola Central – USP) -
vancarvalho@usp.br

Janeide de Sousa Silva (Creche e Pré-escola Central – USP) -
janeguinha@gmail.com

Um Livro Várias Histórias foi uma experiência desenvolvida com crianças de idades entre 2 a 3 anos, na Creche / Pré-escola Central da USP. Este trabalho tem sua origem nas observações das educadoras pelo apreço das crianças pela leitura da história “Bruxa-Bruxa Venha a Minha Festa” de Arden Druce. As personagens deste título ganharam vida e saíram do livro para partilhar com as crianças suas experiências e histórias de vida. Neste jogo fantástico, as crianças puderam apreciar outras histórias além de fazerem. O projeto versou sobre qual é o papel do educador ao observar o interesse das crianças e transformar seus registros em intervenções significativas. O enredo e personagens desta história mediaram processos de construção de conhecimento e jogos infantis, uma vez que, pequenas sequências de atividades foram desencadeadas como: vivências no mar, construção de instrumentos e apreciação musical, brincadeiras com projeções de luzes e sombras, experiências com massas de

consistências diversas, leituras de livros e rodas de contos, rodas de brincadeiras com contos da tradição popular entre outros. As educadoras contaram também com a parceria de funcionários de outros segmentos da instituição compondo um cenário lúdico, onde a literatura infantil esteve presente. Para dar concretude ao projeto, foram necessárias: (i) a observação do grupo de crianças e levantamento de seus títulos preferidos; (ii) a investigação teórica de bibliografias que discorriam sobre literatura, brincadeiras, desenvolvimento infantil; (iii) planejamento de sequências de atividades nas quais os personagens da história fossem disparadores de brincadeiras. O grande desafio para os educadores foi observar as demandas de crianças tão pequenas e mediar a construção de conhecimentos sobre a realidade por meio da linguagem lúdica.

O uso do ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* para orientação e acompanhamento virtual da produção textual dos alunos de ensino médio.

Zilda Kessel (Colégio Pueri Domus) - zkessel@uol.com.br
Danielle Caprioli (Colégio Pueri Domus, Colégio Pio XII) - daniellecapioli@yahoo.com.br

O objetivo deste relato é compartilhar com educadores o processo de diagnóstico, implantação e utilização do LMS *Moodle*, no Ensino Médio, colocado em prática no trabalho de *Oficina de Redação*. O uso desta ferramenta tecnológica propiciou o registro e a preservação do conjunto de versões e revisões do texto que, associados às orientações da professora, contribuíram efetivamente para a melhoria das competências de leitura e produção textual. Em 2007, um diagnóstico no uso de tecnologias na rede Pueri Domus identificou, entre outras situações, a falta de registro sistemático e organizado dos processos e produtos da ação pedagógica assim como a impossibilidade de acesso à produção e às metodologias de orientação do trabalho dos alunos. Especificamente, para a área de produção de textos, identificamos que não havia espaço estruturado (físico ou virtual) destinado a organizar a produção dos alunos de maneira a propiciar um olhar em perspectiva acerca das dificuldades e dos avanços. Além disso, não era possível o acesso do grupo à produção dos colegas e às orientações individuais, impedindo que o trabalho de produção escrita considerasse ações importantes como compartilhar textos entre colegas e correção coletiva da produção. A fim de organizar esses produtos, implantou-se o programa *Moodle*, com salas virtuais para cada série. Neste espaço, passaram a ser

publicadas as propostas de trabalho, assim como recebidas as produções dos alunos. Poder acompanhar a evolução dos alunos e poder interagir a partir de fóruns estão entre as facilidades permitidas por esse ambiente. O *Moodle* se tornou um aliado ímpar, já que se tem o controle de todas as produções, funcionando como um portfólio das redações. Evita-se, assim, a perda das versões de um mesmo tema que demonstrem a progressão dos alunos. Além disso, o ambiente permite a interação (fóruns) entre alunos e professores, favorecendo a troca de ideias para o desenvolvimento das propostas argumentativas pelos educandos.

V. Comunicações Individuais

Contribuições da fala à produção da escrita: a entrevista

Agnes Francine de Carvalho Mariano (USP/ECA)

O presente trabalho é parte de uma proposta de investigação sobre as possibilidades de estímulo à produção da escrita em ambientes educacionais, tomando como base a interação verbal oral. Parte-se aqui de uma concepção dialógica, que compreende a linguagem como o "fenômeno social da interação social, realizada através da enunciação ou das enunciações" (BAKHTIN, 1986). Isto é, que acredita em um permanente diálogo entre enunciados e interlocutores nos processos de interação verbal (escrita, oral, etc.) Outro pressuposto importante aqui é a visão não dicotômica da relação entre a oralidade e escrita, que se daria por meio de um *continuum*, criando gêneros textuais mistos (MARCUSCHI, 2007). Dentro desse contexto emerge a proposta de incorporação do diálogo, em seu formato "entrevista", em ambientes educacionais, como forma de estimular e facilitar a produção da escrita. Partindo de revisão bibliográfica e análise de algumas experiências, discute-se algumas das vantagens de incorporar a oralidade e o contexto (pessoas, histórias e ambientes próximos ao universo dos estudantes) em atividades didáticas. A hipótese central é a de que a fala do entrevistado poderia, de muitas formas, orientar e estimular o processo de escrita do estudante. Especialmente quando se trata de entrevistas sobre histórias de vida, por conta das sequências narrativas e empatia gerada. Amplamente utilizada no ensino superior, em disciplinas de produção de texto ministradas em cursos de jornalismo, a interação verbal oral também está presente em projetos educacionais que lidam com crianças e adolescentes, seja em um formato próximo da entrevista jornalística, seja em moldes que se aproximam da entrevista em história oral.

De leitores a internautas: novas formas de ler

Alba Helena Fernandes Caldas (FEPI) - albacaldas@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir aspectos relevantes das teorias de leitura que vêm sendo estudadas e utilizadas nas práticas de leitura escolar. Para tanto, o trabalho ancora-se nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1988, 1992), Van Dijk (2008),

Kleiman (1993), Rojo (2009), Chartier (1999), Koch (2005), Elias (2000), Santaella (2004), Canclini (2008) e outros. Pretende-se também mostrar que a incorporação das tecnologias da informação ao ambiente escolar fez com que as práticas de leitura se modificassem. Pode-se afirmar que a internet exige do leitor um novo modo de leitura devido às características do texto digital. Embora os textos, em ambiente digital, estejam, cada vez mais, multissemióticos, multimidiáticos e hipermidiáticos (LEMKE, 1998), sua matéria prima, é principalmente e desde sempre, a linguagem escrita. Beaudouin (2002) comenta que, com a internet, ficou possível conversar com as mãos e os olhos, ao invés de com a boca e os ouvidos. Portanto, os atos de ler e escrever são ainda mais fundamentais na interação virtual que em nossas interações diárias no mundo atual. Espera-se que este trabalho promova reflexões acerca da temática discutida, proporcionando as escolas um repensar em seu trabalho com as práticas de leitura, uma vez que o desenvolvimento de capacidades e habilidades de leitura em outros meios que não o impresso está cada vez mais necessário, tendo em vista os diferentes arranjos textuais que são encontrados na tela do computador.

Do VHS ao PODCAST

Adriana Soeiro Pino (PG-UNINOVE) – adriansoeiro@uninove.br
Cháfiha Maria Suiti Laszkiewicz (PG-UNINOVE) – chafiha@uninove.br

O ensino a distância não é uma novidade deste milênio, suas raízes encontram-se no ensino por correspondência iniciado no século XIX. A globalização e o largo desenvolvimento tecnológico intensificaram a expansão da Educação a Distância via internet, modalidade de ensino em que se alteram não apenas as condições convencionais como o espaço, o veículo e o tempo, mas também as propostas pedagógicas que atendem às necessidades dos indivíduos que buscam essa nova forma de educação. Nas últimas décadas, com o intenso desenvolvimento tecnológico, a educação adquiriu novas perspectivas. A era da informação e da comunicação de massa fez surgir a Educação a Distância via Internet que favorece a utilização de novas mídias que compõem e diversificam o cenário educacional. Entre elas destacam-se a utilização de DVD player, videoaula, teleconferência e o Podcast, ferramenta que mais têm atraído os jovens estudantes do Ensino Médio e universitários, pois apresenta grande facilidade de acesso, agilidade e interatividade. O termo Podcast surgiu da junção de duas outras palavras iPod e *broadcast*

que constitui um arquivo de áudio digital disponibilizado na *Web* em vários formatos, que pode ser transferido para computador ou qualquer outro dispositivo móvel. Desse modo, a utilização de tal recurso tem favorecido muito o processo de aprendizagem da modalidade EaD. Nesse *workshop* iremos promover a criação de roteiros e *podcasts* com finalidade pedagógica para diversos componentes curriculares.

Gêneros orais e o ensino de língua materna: a construção de uma sequência didática

Ana Amélia Calazans da Rosa (IEL/UNICAMP) -
amelia_calazans@hotmail.com

Reconhecendo a escola pública como um espaço democrático que visa formar sujeitos reflexivos e críticos, socialmente engajados e transformadores da realidade social, meu objetivo nesta apresentação é discutir de que forma o trabalho com gêneros orais nas aulas de língua materna pode contribuir para tal formação desejada. De acordo com as teorias sociointeracionistas (BAKHHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2002; 2006; ROJO, 2005, entre outros) que vêm embasando o ensino/aprendizagem de línguas nos últimos anos (cf. Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, por exemplo), o estudo aqui apresentado sugere uma sequência didática para o ensino do gênero discursivo *debate regrado* em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do Paraná. O objetivo da sequência desenvolvida foi integrar diferentes habilidades de uso da língua (compreensão escrita e oral e produção oral) à formação de uma opinião crítica sobre o assunto em questão. Para isso, as unidades básicas foram textos que abarcavam discursos divergentes e o debate regrado foi o objeto de ensino e o instrumento das aulas ministradas. Os resultados obtidos ao final da sequência mostraram que grande parte dos alunos pôde refletir mais sistematicamente sobre o assunto, apropriando-se de novos discursos, ressignificando-os e dando início à formulação de opiniões pessoais mais seguras e embasadas. Portanto, a sequência didática elaborada para o estudo do gênero debate parece ter atingido os três aspectos necessários para que um modelo didático seja bem sucedido: (i) o princípio de legitimidade; (ii) o princípio de pertinência e (iii) o efeito de solidarização (DOLZ, SCHNEUWLY & HALLER, 2004).

Ensino de literatura: Um olhar sobre as antigas práticas e as novas teorias

Ana Carolina Morais de Freitas (UNIPAMPA) -
estagioletras1@gmail.com

No presente relato, pretendo apresentar as reflexões e análises resultantes do período de estágio de observação de aulas de Literatura, em uma Escola Estadual de Ensino Médio da cidade de Bagé (RS). Orientada pelo *Referencial Curricular Lições do Rio Grande (2009)*, que apóia o ensino de literatura centrado no texto, e pela visão humanizadora da literatura encontrada em (CÂNDIDO, 1995), fui a campo verificar se as práticas pedagógicas de ensino/estudo literário estão dialogando com as novas teorias apresentadas pelas universidades, teóricos e documentos educacionais. Como resultado das observações conclui-se que as práticas observadas em pleno século XXI ainda são as mesmas de séculos anteriores. Estas são basicamente voltadas ao estudo da história da literatura fundamentada na cronologia dos períodos literários e na lista dos principais autores e obras de cada época. Isto faz com que o texto seja encarado como coadjuvante do ensino literário com função de ilustrador de períodos e constituinte de exercícios. Além das observações, foi realizada uma atividade de prática docente que visava aproximar a estagiária da realidade escolar e favorecer a reflexão quanto à possibilidade de relação dialética entre teoria e prática. Por meio da aula, elaborada e ministrada pela professora em formação, ficou claro que a mudança de enfoque é possível e também uma expectativa do alunado. Este não consegue visualizar a razão de ser da disciplina e nem da leitura de livros tão distantes de sua época e realidade. Sabemos que não existe uma receita para o ensino, no entanto, há pressupostos que podem ajudar o professor a orientar-se sobre qual enfoque dar ao conteúdo. Nosso objetivo não é pontuar metodologias prontas e sim induzir a reflexão sobre o ensino atual e a finalidade do ensino de literatura.

O ensino de leitura na formação do professor de língua portuguesa

Ana Cristina Champoudry (PG-FEUSP) - anachampoudry@gmail.com

O presente trabalho integra o projeto “*Disciplinas da licenciatura voltadas para o ensino de Língua Portuguesa: saberes e práticas na formação docente*”, financiado pela CAPES e desenvolvido pela USP, UFMA e UERN, que tem como finalidade *circunscrever* as

especificidades do campo recoberto pelas práticas e saberes mobilizados nas disciplinas que se encarregam diretamente de conteúdos relacionados ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nos cursos de Letras. Nesta pesquisa, fazemos uma aproximação entre o referido projeto e nossa pesquisa sobre “A produção de conhecimentos sobre leitura” que desenvolvemos no mestrado. Desse modo, para este encontro, apresentaremos os resultados da análise de programas de MELP de uma universidade pública que responde a seguinte questão: Como se caracteriza o ensino da leitura nos programas de MELP?. Tomamos como aporte teórico, a concepção de disciplina de Foucault (2006), a fim de reconhecermos recorrências entre os programas que poderão ser apontadas como elementos que identificam o ensino de leitura na disciplina de MELP. A partir dessa análise, passamos a observar de que modo o ensino de leitura aparece nos referidos programas, quais objetivos e conteúdos são contemplados e quais referências bibliográficas a respeito do ensino de leitura são apresentadas nestes programas. Desse modo, como resultados parciais, percebemos que, de um modo geral, os programas trazem como unidades de ensino de Língua Portuguesa as práticas de leitura, de oralidade, a produção escrita e a gramática que, embora, apareçam descritas de modo equilibrado nos objetivos e conteúdos, nas referências bibliográficas costuma-se enfatizar o ensino de gramática.

Variação linguística no texto literário: contribuições para o ensino

Anderson de Souto (UERJ)

O objetivo desta apresentação é despertar reflexões acerca da presença indispensável e efetiva do fenômeno da variação linguística nas aulas de Português, buscando um diálogo com os docentes, para que aquelas se (re)instalem mais significativamente. Como modo de abordar tal fenômeno, escolhemos a via do texto literário, o conto, pelo seu modo de explorar a linguagem nas diversas potencialidades e por sua brevidade, buscando despertar nos estudantes a consciência de que cada variedade é regrada, tanto a padrão quanto a não-padrão, e que, portanto, não há variedade superior a outra, de modo a combater e diminuir manifestações de preconceito linguístico. É o professor, em sala de aula, o orientador do processo de educação linguística, cabe a ele abordar, em todas as atividades de leitura e escrita, a variação, de modo a, inclusive, assegurar o domínio da norma padrão, para que o aluno possa transitar entre as diversas variedades, cumprindo e compreendendo intenções comunicativas, apresente-se como "um

poliglota em sua própria língua", competente linguisticamente. Intentamos, pois, analisar marcas linguísticas da variação e de seus fatores sociais, econômicos, culturais, geográficos e psicológicos no texto literário, para despertar a consciência do alunado sobre o fenômeno. Para tanto, utilizamos pressupostos teóricos de Eugenio Coseriu, Dino Pretti, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Estela Maris Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno. Por fim, elaboramos propostas de atividades significativas que buscam ampliar as potencialidades comunicativas dos alunos e combater o preconceito linguístico.

Mobilizando olhares de estagiárias em Letras sobre a interação em sala de aula de português e literatura

Clara Dornelles (Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA) -
claradornelles@gmail.com

Neste trabalho, assumo um ponto de vista aplicado (SIGNORINI, 1999) e dialógico (BAKHTIN, 2003) para analisar e discutir o modo como duas estagiárias em Letras (re)textualizam (MATENCIO, 2003) observações e reflexões sobre aulas de português e de literatura na escola pública. Os dados aqui analisados provêm do relatório de observação produzido em conjunto, no primeiro semestre de 2009, por duas graduandas de uma universidade pública no interior do Rio Grande do Sul. Dialogando com as orientações oficiais para o ensino de língua e literatura e o discurso acadêmico sobre esse tema, as duas estagiárias foram orientadas a observar aulas a partir de um ponto de vista etnográfico e com o seguinte objetivo: “refletir sobre a prática pedagógica a partir da realidade local”. Em relatos parciais de observação, notei que as análises enfatizavam as “falhas” da ação pedagógica, apresentando uma leitura monológica e generalizante da prática das professoras observadas. Em função disso, orientei as estagiárias para que justificassem sempre suas asserções sobre as aulas, através de descrições das ações situadas e conjuntas dos participantes e dos recursos por eles utilizados ou produzidos. Na versão final do relato das aulas, predominam sequências narrativas e descritivas que focalizam o discurso didático (KLEIMAN, 2003; MATENCIO, 2001), as formas de participação e pontos de vista dos alunos, e incluem textos multimodais em uma (re)textualização articulada argumentativamente. A orientação etnográfica possibilitou que as estagiárias focalizassem ações de letramento relevantes para seu o exercício profissional na escola e “estranhassem” esse mundo (des)conhecido, vendo a aula como prática social co-construída (JACOBY; OCHS, 1995).

Leitores e não-leitores na escola: um percurso para a compreensão do processo da leitura

Andrea Trench de Castro (PG-USP)

A presente comunicação pretende expor alguns resultados parciais de pesquisas realizadas com alunos do Ensino Médio a respeito da leitura dentro e fora do âmbito escolar. Assim, tentaremos conjugar alguns pontos de vista de professores e alunos, tentando mostrar que muitas vezes há uma identificação entre eles, isto é: que não há um abismo entre as necessidades dos alunos e as práticas dos professores. No entanto, a função primordial que geralmente se delega à literatura, aquela de fornecer conhecimento e cultura, sendo coincidente entre alunos que não têm o hábito da leitura e entre professores, mas bastante diversa daqueles que já se apropriaram desse hábito, poderia ser relativizada, e uma nova função poderia ser mais desenvolvida em sala de aula: a da fruição estética, através da dupla sensação de liberdade e criatividade. Deve-se, assim, aproveitar essa relação altamente construtiva desenvolvida na sala de aula, a do professor e a do aluno, com o intuito de trazer de volta à escola a importância da motivação da leitura, sendo entendida como ferramenta indispensável para a formação de sujeitos autônomos, capazes de utilizá-la nos mais diversos âmbitos. Dessa forma, a intenção da pesquisa não foi somente fazer um levantamento das diferenças entre leitores e não-leitores na escola; confiando na inserção ou re-inserção dos não-leitores no grupo dos leitores, buscamos ressaltar algumas lacunas ainda existentes na prática escolar no que diz respeito ao processo de aquisição da leitura.

O ensino de língua materna e os alunos do século XXI: adaptar para conquistar

Andreza Rocha (PMSP/GEPPEP-FEUSP) -
andrezarrocha2003@yahoo.com.br

O presente trabalho visa apresentar uma experiência de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa desenvolvida com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de São Paulo. Para tal fim, tomou-se como objeto de análise os registros da professora e as produções dos alunos realizadas durante uma sequência didática centrada na leitura e produção de paródias de músicas de grande repercussão popular na atualidade; atividade que teve como eixo norteador a seguinte pergunta: como, na realização de atividades voltadas a alfabetização, considerar e ampliar o repertório cultural dos alunos?

Tendo como referência as contribuições de Riolfi et alli (2008) com relação ao ensino de Língua Portuguesa no século XXI e o conceito de dessimbolização (DUFOUR,2005), o estudo constatou a necessidade de o professor, tendo em vista a promoção do ensino de língua materna, adaptar suas concepções a respeito de leitura e literatura de modo a contemplar as concepções das crianças sobre o que é interessante e digno de ser aprendido.

Concepções de linguagem dos alunos de Letras da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Brian Galdino da Silva (FFLCH – USP) - brian.galdino@yahoo.com.br

Bruno Ferreira (FFLCH – USP) - brunofe@yahoo.com.br

Mayra de Oliveira (FFLCH – USP) - panguando2004@yahoo.com.br

O trabalho proposto baseia-se em um projeto de Iniciação Científica concluído em março de 2010. O nome do projeto é “AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O PERFIL DO ALUNO DE LETRAS”. O mesmo foi concebido pelo Professor Doutor Emílio Gozze Pagotto, que orientou três estudantes do curso Letras: Brian Galdino da Silva, graduando do curso de Letras (FFLCH) com dupla habilitação (Grego Antigo/Português); Bruno Ferreira, graduando do curso de Letras (FFLCH) com dupla habilitação (Italiano/Português) e Mayra de Oliveira, graduanda do curso de Letras (FFLCH) com dupla habilitação (Mandarim/ Português). O projeto teve apoio financeiro da Pró-Reitoria, fazendo parte do programa “Ensinar com Pesquisa”, e visou analisar o perfil do aluno de Letras na USP, com destaque especial para as concepções de língua e de ensino de língua, com vistas a apresentar contribuições às práticas de ensino no interior da graduação. Problematicando qual a bagagem linguística que os alunos ingressantes e, em uma menor proporção, egressantes, trazem consigo dentro do quadro de alunos que fazem parte de um curso que visa o trabalho com a linguagem. Além de um quadro geral que incluía noções sócio-econômicas, história de vida e aspirações no que diz respeito ao futuro dos alunos de Letras (FFLCH). Visto a gritante heterogeneidade do curso. Para que fosse adequado à apresentação esperada pelo “Seminário de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa”, o foco da apresentação será as questões que problematizavam as concepções de linguagem, em principal dos ingressantes, para que possamos prever um quadro de como os alunos, que na grande maioria seguirá a carreira docente, trazem consigo dos ensinamentos fundamental e médio.

A importância do tratamento da variação linguística no ensino da EJA: uma abordagem sociolinguístico-cognitiva

Caio César Costa Santos (Graduando/UFS)
Geralda de Oliveira Santos Lima (Doutora/UFS)

Este trabalho é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão – PIBIX (2010-2011) intitulado “A importância do tratamento da variação linguística no ensino da língua materna”. Tal projeto nasce de inquietações providas de algumas reflexões acerca do tratamento dado à variação ou diversidade linguística (BORTONI-RICARDO, 2006; LABOV, 2008) no ensino da língua materna para alunos da educação de jovens e adultos (EJA), visto que esse processo de variação constitui um dos mais importantes fenômenos de articulação entre os conhecimentos do cotidiano, resultantes da experiência de vida de cada indivíduo nas suas práticas sociocognitivo-interativas, (KOCH; MARCUSCHI, 1998; MONDADA; DUBOIS, 2003; VAN DIJK, 2004), tendo em vista as especulações evidenciadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e os conteúdos ministrados na escola segundo processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos por professores em seu projeto político pedagógico (PPP). Procuraremos estabelecer, portanto, a correlação do que vem nesses documentos oficiais com as práticas (ações) que as escolas selecionadas vêm desenvolvendo. Para isso, a execução do projeto ocorrerá em três escolas públicas do interior do Estado de Sergipe: uma localizada no município de Lagarto (Escola Estadual Dom Mário Rino Sivieri); outra em Simão Dias (O Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Prof. Marcos Ferreira) e a terceira localizada no município de Salgado (Escola Municipal Durval Militão de Araújo). A nossa proposta, será, pois, levar estes sujeitos sociais atuantes a perceber a variação linguística na produção de textos (orais e escritos), e quais suas atitudes frente ao fenômeno, tendo em vista, sobretudo, a (re)construção semântica textual.

Propostas de escrita de textos poéticos em manuais didáticos: o caso da coleção “escrever e criar... é só começar”, de Ruth Rocha e Anna Flora

Caroline Cassiana Silva dos Santos (PG-FEUSP)

O clima nacionalista reinante no entre-séculos e a carência de material adequado para a leitura das crianças brasileiras, uma vez que os livros de leitura encontrados no Brasil eram, em sua maioria, traduzidos ou adaptados de originais estrangeiros, especialmente os

portugueses, acaba por inspirar intelectuais, jornalistas e professores que passaram a produzir livros infantis destinados ao corpo discente de escolas. Entretanto, como aponta Souza (2010, p. 25), “*dado o caráter técnico e instrumental da leitura reivindicada como útil ao desenvolvimento da nova sociedade, o instrumento por excelência da burguesia para a disseminação da leitura na escola não será a obra literária infantil, mas o manual didático*”. Com isso, historicamente, percebe-se que o maior contato com a escrita pela criança se dá por meio dos manuais escolares que foram, ao longo do tempo, se configurando como antologias de textos (narrativos ou poéticos), com variações de tamanho, de temática e da natureza dos exercícios que acompanham os excertos literários. Para este trabalho, consideramos como *corpus* os quatro volumes da Coleção “Escrever e criar...é só começar”, manuais de redação escritos por Ruth Rocha e Anna Flora, publicados pela editora FTD. Publicado pela primeira vez em 1996, analisamos esta coleção com dois objetivos: primeiro, quantificar os textos poéticos presentes nos livros (desde poesias de origem popular, como parlendas, trava-línguas, entre outras, até poemas de outra natureza) e, segundo, qualificar a proposta didática de escritura poética, considerando especialmente a produção escrita sugerida nesses manuais uma vez que se trata de uma coleção destinada à redação.

O Papel do Professor de Português na Atualidade

Cássia Rodrigues (UNIPAMPA)

Nesta apresentação, pretendo discutir, a partir de observações feitas por mim em sala de aula, concepções a respeito do papel do professor português nos dias atuais. Estas observações se deram em 15 horas de aula de Português em um 8º ano de uma escola pública na periferia de Bagé (RS). Através das observações foi elaborado um diário de campo, o qual foi posteriormente analisado seguindo os parâmetros de Zabalza (2004). Os resultados das observações evidenciaram o conflito da professora de português a respeito de seu papel enquanto educadora da língua (GUEDES, 2006), pois os conceitos de certo e errado na fala e na escrita, pregados pela gramática tradicional, não se encaixavam inúmeras vezes em sua realidade e na de seus alunos, ambos falantes fluentes de Português. O não reconhecimento da proficiência destes conhecimentos, juntamente com a desatenção e dificuldades de aprendizagem constantes, evidentes, principalmente, pela baixa qualidade das produções textuais dos alunos, permitiram o questionamento a

respeito do papel real da professora enquanto estudiosa da língua. O auxílio teórico das orientações oficiais para o ensino de língua portuguesa, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e as Lições do Rio Grande (RIO GRANDE DO SUL, 2009) foram fundamentais para as reflexões sobre o tópico principal desta comunicação. Ao partir do princípio de que qualquer questionamento a respeito do funcionamento da língua é estudar gramática (NEVES, 2006), tornar o texto, riquíssima manifestação da língua, como principal objeto de estudo, me parece um tanto interessante e coerente, pois, desta forma, será proporcionado aos alunos condições de se apropriarem e movimentarem cada vez mais livres e seguramente entre os mais variados tipos de texto, sendo o professor auxiliar e mediador neste processo de construção de conhecimento.

O trabalho com a linguagem oral no ensino fundamental

Cibele Moreira Monteiro Rosa (FEPI) - cibsmm@yahoo.com.br

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental apresentam a linguagem oral como parte do conteúdo a ser trabalhado em todas as séries desse nível de ensino. No entanto, a observação das práticas escolares revela que muitas vezes os professores de Língua Portuguesa abordam exclusivamente a linguagem escrita em sua prática docente. Essa postura costuma fundamentar-se na concepção de que a linguagem oral é adquirida de forma natural, em oposição à escrita, cuja aquisição ocorre de maneira sistemática. Essa constatação motivou a realização de nossa pesquisa, desenvolvida com o objetivo de evidenciar as limitações da concepção apresentada acima e explicitar motivos pelos quais o trabalho com a linguagem oral no Ensino Fundamental necessita ser considerado essencial. Para tanto, fundamentamo-nos em trabalhos desenvolvidos a partir do conceito bakhtiniano de gênero discursivo e em estudos referentes ao ensino de Língua Portuguesa. A valorização das condições e finalidades específicas das diferentes situações de comunicação evidencia que saber falar não significa saber se expressar oralmente de maneira adequada em diferentes contextos. A utilização da linguagem oral também exige um processo sistemático de reflexão para que o falante atinja seus objetivos. Soma-se a isso o fato de que, ao refletir a respeito da oralidade, o aluno compreende melhor o processo da escrita, pois percebe as diferenças entre a comunicação oral e a escrita. Espera-se que este trabalho possa contribuir para que os docentes de Língua Portuguesa passem a explorar adequadamente a linguagem oral na escola, não apenas

devido à preocupação em cumprir o conteúdo programático proposto, mas principalmente por estarem cientes das contribuições que proporcionarão a seus alunos, que deverão saber se comunicar eficazmente em situações diversas.

Universidade e escola na olimpíada de língua portuguesa Escrevendo o futuro

Clara Dornelles (UNIPAMPA)

Miriam Kelm (UNIPAMPA)

Vera Medeiros (UNIPAMPA)

Helen Roratto (SMED/Bagé)

Letícia F. Coutinho (Escola Municipal Arideo Monteiro)

Maria Angélica P. Brum (Escola Municipal Arideo Monteiro)

Nos últimos anos, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Bagé/RS tem possibilitado aos professores da educação básica a participação em programas de formação continuada voltados para a área de língua portuguesa (LP). Como esses programas são respaldados em orientações que não fizeram parte da formação inicial desses professores, as novas propostas muitas vezes têm efeito tímido na mudança levada a cabo em sala de aula. Por esse motivo, alguns professores formadores do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) iniciaram parceria com a SMED, através de um projeto de extensão, para a oferta de um curso de formação continuada baseado na proposta metodológica da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLP). Desta ação, resultou a colaboração de duas professoras da Escola Municipal Arideo Monteiro em um evento dos estudantes de graduação da universidade. A próxima ação do projeto será refletir sobre os efeitos do envolvimento na OLP nas ações dos professores da escola e da universidade, e dos alunos da graduação que se envolveram com a metodologia do concurso. Entendemos que a interação entre a escola, a universidade e órgãos gestores da educação viabiliza o estabelecimento de parâmetros mais concretos e locais para a implementação das políticas oficiais de ensino. Além disso, o diálogo entre os diferentes atores envolvidos no processo educacional produz conhecimentos sobre as culturas escolar e docente (ROJO, 2009), o que é essencial tanto para a formação inicial, quanto para a formação continuada dos professores das escolas e dos professores universitários dos cursos de licenciatura.

O que estamos propondo para professores de língua portuguesa em formação?

Claudia Rosa Riolfi (EDM/FEUSP)

Marina Martins Marques de Souza (FFLCH/USP)

Suelen Gregatti da Igreja (EDM/FEUSP)

O objetivo da comunicação é dar uma notícia do estado da arte da pesquisa realizada por um dos subgrupos do projeto PROCAD N° 08/2008 da CAPES, integrado por três universidades públicas brasileiras, quais sejam: a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, a Universidade Federal do Maranhão – UFMA e a Universidade de São Paulo – USP. Intitulado Disciplinas da Licenciatura voltadas para o ensino de Língua Portuguesa - saberes e práticas na formação docente, ele visa a circunscrever quais são as especificidades do campo recoberto pelas práticas e saberes mobilizados nas disciplinas que se encarregam diretamente de conteúdos relacionados ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nos cursos de Letras. Nossa colaboração específica tem se voltado à elucidação da extensão na qual pode ser verdadeiro afirmar que, em nosso país, as disciplinas disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (MELP) podem ser caracterizadas em termo de uma disciplina na acepção da palavra que é dada por Michel Foucault na obra “A Ordem do Discurso”. Com o intuito de depreender das aulas ministradas traços recorrentes nas proposições consideradas verdadeiras pelos docentes que ministram suas aulas o grupo vem analisando diários de campo que registram aulas de MELP ministradas por três docentes diferentes. Neste trabalho, apresentamos os resultados parciais da análise dos dados, que têm apontado para uma relativa homogeneidade nos dizeres utilizados para a formação de Língua Portuguesa no estado de São Paulo.

Relação entre os saberes teóricos e a experiência das práticas alfabetizadoras dos alunos de Letras

Cristiane Borges de Oliveira (FFLCH-USP)

A presente pesquisa, em andamento, objetiva o conhecimento das relações estabelecidas entre os saberes sobre linguagem e ensino, presentes na formação dos alunos de letras da Universidade pública paulista, e as práticas alfabetizadoras que estes presenciam em salas de alfabetização em escolas públicas da cidade. Os sujeitos da pesquisa são alunos-pesquisadores participantes de projeto público

municipal que os inclui em salas de primeiro ano do ensino fundamental. Esse projeto vincula escolas municipais e universidades da cidade de São Paulo. O objetivo é que os alunos tenham contato e possam, através da observação e do auxílio à professora regente, conhecer o processo aquisitivo da escrita pelas crianças. Para permanecer no programa, o aluno-pesquisador deve participar de reuniões formativas na universidade e entregar, mensalmente, relatórios que apontem os estados em que se encontram os alfabetizando quanto aos avanços nas hipóteses linguísticas, à melhora na leitura, ao interesse das crianças durante o processo de aquisição da escrita, a eficiência (ou não) dos materiais didáticos utilizados, etc. Como material de análise, optei por observar os relatórios elaborados de abril a dezembro do ano de 2008, de alunos que fizeram parte do projeto durante todo este período. Neste ano, os alunos-pesquisadores realizaram uma prova seletiva, na própria universidade, na qual, para sua feitura, era necessária a familiaridade com uma bibliografia básica sobre alfabetização. O material produzido na ocasião também é objeto das reflexões do presente estudo.

Os PCNs e os livros didáticos de língua portuguesa: ensinamos como aprendemos?

Cristina Varandas Rubim (UVA/Secretaria Estadual de Ensino, RJ)

O objetivo deste trabalho de helenarochaves@hotmail.com é apresentar uma discussão sobre a implementação dos PCNs e os livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino Fundamental II. Mais de dez anos após o lançamento dos PCNs (Brasil, 1998) muitos livros didáticos de Língua Portuguesa, mesmo aprovados pelo PNLD, não consideram o ensino da língua portuguesa como prática social. Sendo assim, este trabalho visa comparar a proposta dos PCNs de Língua Portuguesa com três livros didáticos recentemente publicados por diferentes editoras. Observamos no material analisado a utilização do texto literário e não literário (ainda) como pretexto para o ensino da gramática. É possível constatar também a idéia de uma gramática do certo e do errado, que desconsidera as variações linguísticas (Antunes, 2007) e a não utilização dos gêneros do discurso como prática social (MARCUSCHI, 2002; SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) e sim como “modelo” para atividade de produção escrita. O trabalho busca contribuir de forma a relacionar a prática pedagógica, o material didático utilizado nas aulas de Língua Portuguesa e os documentos oficiais.

Ensino de língua portuguesa: pressupostos e proposições

Daniela Eufrásio (UNIFAL-MG) - danielaeufrasio@hotmail.com

Pricila Oliveira Silvério (UNIFAL-MG) -
pricilaoliveirasilverio@yahoo.com.br

O presente trabalho propõe-se a apresentar reflexão oriunda do Projeto de Pesquisa *Disciplinas da Licenciatura voltadas para o Ensino de Língua Portuguesa*. Nesta comunicação, serão apresentados resultados preliminares alcançados no interior do referido projeto. Como problema de pesquisa, focalizamos a investigação sobre as disciplinas de método e prática de ensino de língua portuguesa ofertadas em cursos de Letras e Pedagogia de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas de Minas Gerais. É sabido que nas dinâmicas curriculares constituintes dos cursos supracitados incluem-se disciplinas que se propõem a apresentar um panorama sobre o ensino de língua portuguesa. O objetivo da presente pesquisa é verificar qual a configuração e que nomenclatura tem recebido esta disciplina nas diversas IES públicas de MG. Para o desenvolvimento deste trabalho, apoiamos-nos, principalmente, no referencial teórico de Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (2004). Deste referencial, extraímos o conceito de “disciplina”, a fim de verificar se, quanto às disciplinas que tratam de método e prática de ensino de língua portuguesa, podemos afirmar que há a constituição de um campo discursivo que poderia ser nomeado enquanto *disciplina*, no sentido que Foucault dá a este conceito. Na análise do *corpus*, constituído por dinâmicas curriculares dos cursos de Pedagogia e Letras e programas de ensino das disciplinas que tratam sobre ensino de língua materna, dedicamo-nos a verificar quais são as convergências e divergências quanto ao que se define enquanto objeto de estudo, metodologia pertinente, proposições basilares e referencial teórico e avaliar de que modo os traços convergentes e divergentes sinalizam um campo discursivo que poderia ser intitulado como “disciplina”. Atualmente, a análise dos dados encontra-se em fase inicial e, por isso, esta apresentação pretende expor os indícios que puderam até então ser sistematizados e de que modo eles sinalizam uma resposta para a pergunta de investigação deste trabalho.

Instrução vs Aprendizagem: estratégias de ajustamento do método no ensino mediado pelas novas tecnologias

Daniervelin Renata Marques Pereira (USP/Capes)

Alguns estudiosos do uso de games na educação (SMITH; RAGAN, 2005; MATTAR, 2010) perceberam que num esquema em que se relacionam educação, treinamento, ensino e instrução, a aprendizagem estaria numa região em que haveria educação e ensino, mas não instrução, ou seja, há uma orientação, mas não uma programação do ensinado como algo dado. No caso dos games, essa aprendizagem estaria intimamente ligada à diversão seguida de uma reflexão posterior para apreensão dos conhecimentos adquiridos. Essa observação nos levou à reflexão de que estratégias poderiam ser desenvolvidas para uma situação de ensino-aprendizagem otimizada. Tendo em mente o ensino de língua portuguesa, elencamos algumas ferramentas e métodos de uso, colhidos em dados de pesquisa e experiências relatadas, que podem propiciar um envolvimento maior dos estudantes sem deixar pesar aí a artificialidade dos métodos tradicionais, nem a diversão pela diversão. O momento de entretenimento de uma aula mostram que o conhecimento pode ser melhor adquirido quando não há uma intenção explícita de ensinar-aprender algo, mas um “fluxo” ou imersão num contexto, como num jogo, e a posterior reflexão sobre o aprendido. Paralelamente a uma exemplificação, são apontadas algumas abordagens teóricas que possam ajudar na organização dessas experiências em busca de um método e conteúdos adequados ao meio e público, bem como as regularidades que estariam por trás dessa concepção de fazer didático, que não é singularidade da atualidade, como pensamos, mas está nos mais diversos tipos de aula.

O que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias e do contato com livros

Debora Perillo Samori (USP/FAPESP) - debora.samor@usp.br

Esta pesquisa de mestrado investiga as relações que crianças estabelecem entre a literatura infantil e suas vidas a partir do contato com os livros (como objetos culturais) e com a literatura infantil no contexto escolar. Tem como pressupostos alguns conceitos da Sociologia da Infância, como a reprodução interpretativa, cultura de pares e considera as crianças como agentes sociais. Por meio de uma abordagem etnográfica e de posse de dados já obtidos em uma

entrevista coletiva com crianças de seis anos, foram observados cinco eixos de análise que representam uma tentativa de encontrar pontos convergentes e sintetizar alguns conteúdos da linguagem e da literatura que surgiram a partir das falas das crianças. A metodologia utilizada para culminar nesses eixos se constituiu num movimento constante de leitura e releitura dos dados, que se mostraram coerentes a conceitos, como: constituição do papel do leitor e de sua ação diante dos livros literários; a abordagem sociológica que vê a infância como uma categoria social com crianças dotadas de capacidade de produzir culturas próprias quando estão em contato com objetos culturais e entre pares. Os eixos transversais são temas e categorias que se estendem por diversas observações da conversa com as crianças. Já os eixos de aprofundamento, que fornecerão elementos para se chegar a categorias analíticas de observação dos dados, estão sendo desenvolvidos na segunda parte do trabalho de campo com observação e novas entrevistas com crianças. Por meio da análise buscou-se compreender de quais elementos da cultura já existentes as crianças se apropriam para reconstruir suas culturas, negociando significados, sentidos dos textos lidos e trazendo experiências pessoais para interações entre elas a partir dos livros.

Em busca do passado para compreender a prática educativa do professor contemporâneo: em foco a oralidade, leitura e escrita no Ensino Fundamental II

Denéri da Brás Martins Tsutsui (PG-FEUSP) - denerid@globlo.com

Esta dissertação - que se insere nas áreas de Linguagem e Educação - tem como proposição investigar o poder do passado nas práticas da oralidade, leitura e escrita contemporâneas, especificamente na atuação do professor do Ensino Fundamental II. Tal investigação responde aos recentes interesses acadêmicos, na área de formação docente, em investigar as crenças que subjazem as práticas pedagógicas desses profissionais. Para tanto, ao longo deste trabalho, abordaremos alguns assuntos pertinentes a essa problemática, a saber: os conteúdos exigidos para a prática profissional (no passado e no presente), o processo de construção e socialização desses saberes no âmbito educacional, a contribuição da prática reflexiva na profissionalização docente, os saberes envolvidos na formação do sujeito-professor e, por fim, analisar a dinâmica da mudança versus manutenção do sistema educacional em decorrência desses fatores. Para efetivá-la, busca-se o apoio nos estudos do interacionismo sociodiscursivo, numa abordagem pragmática e na sociologia das

práticas. Para tanto, contemplaremos os trabalhos de Idméa Semeghini-Siqueira, de Clermont Gauthier, de Maurice Tardif, de Phillipe Perrenoud e de Antonio Nóvoa, entre outros. Com essa orientação, busca-se verificar os avanços e impasses na atuação do docente em relação às novas necessidades impostas à escola contemporânea. Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada na proposta de linguagem, com bases bakhtinianas e vygotskianas, direcionada ao desenvolvimento do ser humano em relação aos valores mobilizados por uma dada sociedade. Os sujeitos de pesquisa serão constituídos de professores da área específica. Transitaremos na faixa etária: 25 – 65 anos, de ambos os sexos. Para a coleta de dados, utilizaremos entrevistas e questionários como instrumentos de abordagem.

Diferentes Revoluções, Diferentes Modalidades: A Leitura Ontem E Hoje

Diogo Basei Garcia (Faculdade de Educação - USP) -
diogo.garcia@usp.br

Trata-se de uma reflexão teórica a respeito das práticas de leitura forjadas a partir da textualidade eletrônica, considerando, portanto, a tela do computador como novo suporte para a escrita. Para tanto, utilizou-se tanto uma abordagem histórica (e aqui as contribuições de Chartier foram decisivas) quanto uma análise do ponto de vista linguístico e semiótico (baseando-se em Xavier e Santaella). Assim, as diferentes modalidades surgidas ao longo da história ocidental e as muitas revoluções na leitura devem ser consideradas para as observações tecidas, bem como as possibilidades criadas pelo hipertexto, pela hiperídia e pela navegação na internet. Essas novas práticas alteram uma ordem tradicional de leitura, estabelecida na sua relação com o impresso, suscitando uma nova. As práticas de leitura fundadas com o texto eletrônico modificam inclusive a leitura do impresso, gerando uma situação inusitada para os educadores. Tais ponderações são importantes para aqueles que trabalham com textos na escola, uma vez que os alunos de hoje são formados a partir dessa nova ordem. As questões que se colocam dizem respeito à postura do professor e da própria escola nesse contexto: devemos negar essa ordem eletrônica, aceitá-la como inevitável, ou participar ativamente na sua construção? A apresentação tem como objetivo propor estas questões, já que o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação se faz presente no cotidiano escolar.

Pólo Cultural Lar Maria e Sininha: A língua que eu falo

Eduardo Marchesan (PG-FE-UNICAMP) - ecmarchesan@gmail.com

Cecília França (Pólo Cultural)

Este projeto de intervenção pedagógica vem ocorrendo, com a parceria da UNESCO, no Pólo Cultural Lar Maria e Sininha, na região de Pedreira, divisa entre a cidade de São Paulo e o município de Diadema. A partir de um contato prolongado com a população local, foi possível verificar que boa parte dos jovens, ainda que frequentassem regularmente a escola ou já houvessem concluído o ensino médio, apresentavam grandes dificuldades na leitura, compreensão e produção de diversos gêneros escritos. Isto motivou a criação de um projeto dentro do Pólo Cultural que pudesse articular as oficinas existentes (capoeira e informática) a uma preocupação com o desenvolvimento de capacidades de leitura. Houve então o aumento do número de oficinas (teatro, batuque e roda de leitura) e a criação de uma oficina especificamente voltada para o ensino da língua portuguesa (A língua que eu falo). Tendo esta oficina como elemento central do projeto, a partir do qual se organizam os demais trabalhos, o pólo assumiu a missão de trabalhar questões como: a produção e circulação de sentidos; a materialidade do discurso; as ideologias e suas expressões; a partir de uma concepção ampla de texto, o que permitiu o trabalho com outras áreas (o teatro, a informática e a capoeira), articuladas ao objetivo principal: o desenvolvimento de capacidades de leitura. A oficina “A língua que eu falo” é composta por 2 professores estagiários de Letras, que recebem supervisão semanal e trabalham com alunos de 12 a 20 anos divididos em 2 turmas. O referencial teórico são os trabalhos de Bakhtin, o que motiva um ensino de língua a partir de gêneros do discurso. No entanto, não perdemos de vista a importância do trabalho com a materialidade linguística e seu ensino formalizado, sempre levando em consideração a variedade do português brasileiro.

Ensinar/aprender a língua ou sobre a língua?

Elias André da Silva (PG-UFPE/CAPES)

É urgente a necessidade de uma reflexão por parte das agências formadoras de professores de Língua Portuguesa para a questão do ensino sobre a língua e o ensino da língua materna. A demanda de alunos às escolas não significa que estes não saibam Português, como já apontam diversas reflexões teóricas. O problema a se enfrentar localiza-se em outro aspecto: o que se pratica de ensino

dessa língua em sala de aula? Na verdade, o que se tem observado tanto na prática de professores quanto no que prescrevem os livros didáticos é que há uma tendência ao ensino sobre a língua e não o direcionamento ao ensino da língua materna. Ora, o aluno comparece à escola com a intenção de aprimorar e adequar sua linguagem a usos específicos não experimentados plenamente – na maioria das vezes – em sua vida cotidiana. Nenhum deles professa o interesse em se tornar teóricos da língua X ou Y. No entanto, as atividades de linguagem quando não se resumem majoritariamente à apresentação de normas gramaticais, migram para a aplicação de conceitos e termos linguísticos que não permitem aos alunos um avanço no aperfeiçoamento de usos da língua que deveria receber na escola. Esse trabalho pretende discutir as noções de ensino sobre a língua (trato teórico) e o ensino da língua (aperfeiçoamento do uso). Além disso, pretende estabelecer distinções teóricas e práticas sobre as noções apresentadas para a formação do professor de língua portuguesa como língua materna, que atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, oriundo dos cursos de graduação em Pedagogia e/ou licenciatura em Letras.

Escola e Movimento Hip Hop: um diálogo entre agências de letramento no trabalho com a língua(gem)

Elizabete Bastos da Silva (UNEB –Alagoínhas) -
elizabethbastos@yahoo.com.br

O presente trabalho se constitui como uma breve análise de práticas e eventos do Movimento Hip Hop de Alagoínhas/Bahia, com recorte para as oficinas de Rap e o evento Petrolatividade, realizados pelo Mc Osmar, em escolas públicas e na baixada do bairro Petrolar de Alagoínhas/Bahia. Utilizando as orientações teóricas que apresentam discussões sobre letramento, hegemonia ou não da escrita na sociedade e a relação oralidade, escrita e letramento. Tais discussões contextualizam sua abordagem na perspectiva da cultura, da prática social e do contexto. No que se refere à cultura, nos basearemos em teóricos que a compreendem como um campo no qual o homem elabora símbolos que representam práticas e valores. Considerar-se-á ainda, o conceito de letramento como prática social de leitura e escrita, em contextos específicos. Assim, vozes da cultura do Hip Hop de Alagoínhas, através de suas práticas e eventos, serão analisadas considerando a pluralidade e diferença dos sujeitos, das práticas sociais e contexto sociocultural, pois no modelo ideológico de letramento as práticas de letramento são aspectos da cultura e das estruturas de

poder numa sociedade. O Movimento Hip Hop, ainda em observação, é de Alagoinhas/ Bahia que se caracteriza por um movimento de jovens da periferia da cidade que, além de cantar, produzir letras do rap e grafitar, também dançam, assim representam vozes e práticas da cultura da minoria no contexto da diversidade social e cultural do litoral norte da Bahia, especificamente Alagoinhas. O trabalho em questão se insere no Projeto de Pesquisa do Mestrado em Crítica Cultural da UNEB, na linha 2 – Letramento, identidade e formação de professores, onde me proponho a analisar os elementos constitutivos do movimento Hip Hop como prática e eventos de letramento.

Histórias em quadrinhos: um trabalho com as multimodalidades da linguagem

Ellen Flor Bezerra (FEUSP) - ellenflorb@yahoo.com.br

Mídia, comunicação e compreensão do mundo estão intrinsecamente relacionadas em um século onde não somente as palavras comunicam, mas tudo o que nos circunda, como imagens, símbolos, sons por intermédio dos meios midiáticos, como televisão, rádio, internet, outdoors, revistas. A escola de hoje não pode mais se ater aos livros sem levar em consideração o mundo virtual e imagético em que os alunos estão inseridos. Há uma combinação das diversas modalidades de linguagem em um só meio de comunicação, e uma fusão entre escrita, oralidade e imagem como nunca dantes visto. Atinando para a importância da “leitura” das variadas modalidades, a pesquisa visou investigar o processo pelo qual passam os alunos em fase de aquisição de escrita ao se depararem com outras linguagens que não a escrita. Para tal experimentação, foi proposto a crianças em fase de alfabetização, a leitura e textualização de histórias em quadrinhos que possuem uma característica peculiar: a ausência da modalidade escrita da linguagem em sua composição. Além da compreensão das imagens, a leitura dos elementos icônicos foi imprescindível para que os alunos pudessem elaborar suas produções textuais, o que se mostrou como um desafio para muitos deles. Portanto, a pesquisa visa analisar estes fatores de interrelação entre imagem e escrita através da análise das produções textuais compostas por crianças em fase de alfabetização de duas escolas pesquisadas, procurando verificar o uso e importância da multimodalidade da linguagem na escola, e tendo em vista a multimodalidade como mais um elemento no processo de alfabetização para que os alunos sejam capazes de ler e compreender

os elementos que os meios midiáticos produzem a cada dia como forma de veicular mensagens cada vez mais plurais e abrangentes.

Material Didático Sistema J. Piaget de Ensino – Língua Portuguesa

Érica Santos Soares de Freitas (PG-FFLCH-USP) -
ericafreitas@usp.br

Apresentaremos nesta comunicação a elaboração de um material didático de Língua Portuguesa para o sexto ano do ensino fundamental do Sistema J. Piaget de Ensino, a partir de modelos construtivistas, sem perder o foco dos conteúdos mínimos exigidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa. O objetivo do material é promover ao aluno uma progressiva aquisição de competência em relação à linguagem, que lhe possibilite solucionar problemas da vida cotidiana, estimular o acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo. Para isso, propomos várias atividades e reflexões para que ele possa expandir o uso da linguagem, assumir a própria palavra e produzir textos, tanto orais como escritos, coerentes e coesos, adequados aos fins a que se propõem. Para apresentar ao aluno as variedades linguísticas do português falado, propomos o estudo de diferentes gêneros textuais, como textos argumentativos, crônicas e HQs, analisando não somente sua tipologia, mas também seu contexto dentro do tema proposto. Além disso, promovemos a autorreflexão, por meio da argumentação, visto que esta busca influenciar, convencer, defender ou repudiar um ponto de vista. Assim, seu desenvolvimento é fundamental para a interação social, que pode ser trabalhada por intermédio da língua. Pretende-se, portanto, fazer um trabalho efetivo que proporcione ao aluno desenvolver essa habilidade, tão necessária para torná-lo um cidadão capaz de atuar plenamente na sociedade.

As marcas linguísticas orais na construção da metagemagem do texto

Evandro Santos Reis (PUC – SP) - itirucu@bol.com.br
Luciana de Souza Aguiar Zanardi (PUC – SP) – lu-aguiar@bol.com.br

Haja vista a dificuldade de se observarem algumas marcas de oralidade por meio de gravações em fita ou vídeo, frequentemente recorreremos aos “repositórios de modelos falados”, ou seja, aos documentos escritos que reproduzem estratégias discursivas. Esses

documentos são, muitas vezes, modelos eficientes quando pretendemos analisar situações dificilmente encontradas em *corpus* de primeira mão. Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivos refletir sobre os efeitos da oralidade na linguagem, relacionar as marcas orais à construção das mensagens postas e implícitas do texto escrito e analisar as marcas de oralidade encontradas em um texto publicitário específico intitulado “Coral USP”. A pesquisa busca responder à seguinte questão: as marcas de oralidade encontradas em um texto teriam relação com a construção de sua metagemagem? Para isso, fundamentamo-nos em Barros (2009) acerca dos efeitos da oralidade na linguagem, em Marcurschi (2001) a respeito da relação entre fala e escrita e em Preti (2004) no que concerne às estratégias conversacionais.

O Pensar Alto em Grupo: uma abordagem para a leitura como prática social

Gislaine Vilas Boas (FEPI) - gislaineavb@yahoo.com.br

Os estudos de leitura em Linguística Aplicada buscam novos rumos para a prática de leitura na sala de aula. As pesquisas recentes se apóiam no paradigma qualitativo de pesquisa que renuncia o positivismo, corrente na qual a interpretação única permeia o ensino tradicional de leitura, que preza pelo sentido literal e determinado do texto (ZANOTTO & PALMA, 2008). Esse novo paradigma entende a leitura como uma prática social (Bloome, 1993, Street, 1993) na qual os leitores, em um momento de interação, têm a oportunidade de construir suas próprias leituras e de se posicionarem diante delas, respeitando o outro, tanto o colega quanto o próprio texto. Sob a abordagem qualitativa de pesquisa, faço uso do Pensar Alto em Grupo (Zanotto, 1997) como uma metodologia de geração de dados e também como uma prática pedagógica. Como metodologia, o Pensar Alto em Grupo possibilita a geração de dados em um momento de interação entre leitores, em uma situação de uso real da língua: o momento de interpretação textual. Como prática pedagógica, o Pensar Alto em Grupo proporciona mudanças com relação à postura tanto do professor como na dos alunos no momento da leitura. Desse modo, tanto os alunos como os professores aprendem a lidar com as diferentes opiniões, o que terá implicações significantes na construção dos sentidos de um texto, admitindo, assim, as múltiplas leituras. O Pensar Alto passou por mudanças consideráveis dentro do grupo

GEIM (Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora) pela investigação sobre sua complexidade pedagógica. Desse modo, meu objetivo - como integrante do GEIM (LAEL-PUCSP) - nesta comunicação é apresentar os resultados obtidos com aplicação da prática do Pensar Alto em Grupo no curso de Letras.

A reconstrução da linguagem no riso de Luis Fernando Veríssimo

Giuliana Capistrano Cunha Mendes de Andrade (FEPI) -
gcapistrano@ina.br

A produção literária de Luis Fernando Veríssimo encontra-se distante das discussões acadêmicas, embora seu sucesso junto ao público seja notório. A ausência de fortuna crítica justifica-se, em um primeiro momento, por se tratar de um escritor contemporâneo, o que atrai uma cautela compreensível devido à incerteza da solidez de seus textos. Pode-se acrescentar ainda que a maior parte de sua produção literária se baseia na escritura de crônicas, gênero ainda sem sustentação teórica completa, mas que carrega a marca do registro do instante, o que transmite ao texto a sensação de fragilidade temporal. Além disso, Luis Fernando Veríssimo usa sua escrita para propagar a comicidade. O riso, embora as tentativas de elucidação de vários teóricos, carrega ainda a marca de inferioridade quando confrontado com o pensamento sério. O objetivo deste trabalho é analisar a linguagem empregada por Veríssimo como mecanismo para o surgimento das situações cômicas, bem como para reflexões em torno da própria linguagem e seu funcionamento. Trabalha-se, para isso, com um *corpus* constituído de crônicas do autor, sendo a fundamentação teórica centrada nos estudos sobre o riso. A análise do *corpus* permite concluir que a utilização da linguagem como instrumento para alcance do riso não só libera prazer como também critica a rigidez da norma instituída. Luis Fernando Veríssimo, ao suscitar o riso, demonstra uma outra forma de pensar o que já está dado, gerando possibilidades de reflexão sobre os mecanismos textuais de produção do riso e, conseqüentemente, sobre o funcionamento da própria linguagem.

O Uso de Narrativas Míticas Populares no Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa: o resgate de uma identidade “perdida”.

Heliud Luis Maia Moura (UNICAMP) – heliudlmm@yahoo.com.br

Este Trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre o uso de Narrativas Míticas Populares no ensino/aprendizagem de Língua

Portuguesa. Este estudo constitui uma proposta de ensino e visa implementar o resgate das referidas histórias, já que estas podem constituir um instrumento didático importante no que concerne à reconstrução de elementos constituidores das identidades das populações que habitam as várias regiões do Brasil. As narrativas míticas em questão expressam conteúdos socioculturais de comunidades da Amazônia, mas que também estão conectados a aspectos culturais de outras regiões do país. Defendendo a idéia dos contínuos culturais, as histórias e mitos sob investigação apontam para vários significados e práticas, o que as torna produtivas em termos de sua utilização como recurso didático. Para as análises aqui implementadas, tomo como referencial teórico as postulações da Linguística Textual, das teorias de gênero, do Sociointeracionismo e da Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna. Segundo Marcuschi (2008) “gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.” (Marcuschi, 2008, p.155). O corpus deste estudo é constituído de duas narrativas: uma do curupira e outra do boto, as quais fazem parte de um corpus maior de 30(trinta) histórias coletadas por mim mesmo no interior da Amazônia. Os informantes são pessoas de várias faixas etárias e residem tradicionalmente nas localidades onde a coleta foi realizada. As narrativas são típicas do lócus de sua produção e podem reafirmar práticas recorrentes nesses ambientes.

Gêneros Oraís em contexto escolar: o debate e a entrevista no ensino fundamental

Hermes Talles dos Santos (PPGL/UFSCar)

Nos últimos anos, os professores brasileiros de língua portuguesa, incentivados por documentos oficiais de orientação educacional, estão trabalhando cada vez mais com os gêneros discursivos em sala de aula, visando ao desenvolvimento do estudante em um usuário linguístico competente, o qual emprega adequadamente a língua conforme a situação interacional de que participa. Destarte, também os gêneros orais começam a ser compreendidos como objetos de ensino. Entretanto, se, por um lado, o trabalho com os gêneros orais começa a se intensificar no ambiente escolar; por outro, estudos expõem que esses são desenvolvidos, muitas vezes, de forma intuitiva por grande

parte dos professores, com uma sistematização excessiva, próxima a que os gêneros escritos recebem, ou com pouca ou inadequada metodologia didática. Compreendendo que o trabalho com os gêneros orais precisam de uma sistematização que considere suas especificidades e com base em nossa pesquisa de iniciação científica, propomos algumas formas de sistematização de trabalho com dois gêneros orais, debate e entrevista, em contexto escolar. Tal proposta foi elaborada a partir de acompanhamento de salas de sexto e nono anos do ensino fundamental, que realizaram atividades com debates e entrevistas como objetos de ensino. A sistematização empregada pelo investigador no desenvolvimento das mesmas revelou-se bastante satisfatória, uma vez que os estudantes demonstraram se apropriar adequadamente dos mesmos, conseguindo dominá-los e empregá-los de maneira reflexiva e mais consciente. Nosso compartilhamento de propostas de sistematização para esses gêneros orais pretende atentar os professores para a necessidade de um trabalho metodológico-didático que conceba a oralidade como objeto de ensino que, portanto, precise ser ensinado/aprendido.

Competência linguística e jogo social: o caso das hipercorreções

Hosana dos Santos Silva (USP/FAPESP) - hosanasantos@usp.br

Partindo do pressuposto de que a morfossintaxe aprendida na escola tem estatuto estilístico e não gramatical (nos termos de Kato, 1994), discutimos, neste estudo, algumas questões relacionadas às dificuldades de alunos de ensino fundamental e médio no processo de aprendizagem da gramática da escrita. Em especial, analisamos o processo de hipercorreção na produção de relativas preposicionadas, examinando suas motivações sociais e linguísticas. No curso da análise, desenvolvemos a hipótese de que a hipercorreção, aqui definida como aplicação equivocada de uma regra gramatical aprendida imperfeitamente (cf. Labov, 1972), está diretamente associada a dois fatores: à dificuldade na produção da relativa convencional, possivelmente determinada pelas diferenças estruturais entre relativas preposicionadas e relativas vernaculares (cf. CORREA, 1994; SANTOS SILVA, 2007), e, paradoxalmente, ao sistema escolar. Nesse sentido, propomos que a escola, em seu trabalho permanente de correção linguística e imposição e valorização da língua normatizada, leva o aluno a estigmatizar as variantes populares, a julgar com demasiada severidade suas próprias produções linguísticas e a imitar as formas de maior prestígio, desencadeando a hipercorreção. Considerando a ação e a interação desses dois fatores,

procuramos refletir sobre uma questão particularmente difícil: quais os limites entre competência linguística e competência social?

O estágio curricular supervisionado de língua portuguesa dos cursos de letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: concepções teóricas e orientações metodológicas

Janaína Pimenta Lemos Becker (UNISINOS) - jpibecker@gmail.com

Maria Helena Albé (UNISINOS) - mhalbe@unisinis.br

Este trabalho considera que o objeto de estudo das aulas de língua portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio deve ser o texto, considerado o produto de um ato de comunicação produzido por um sujeito em uma situação de comunicação específica. Além disso, este trabalho assume que os gêneros do discurso correspondem aos tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelos ramos de utilização da língua (Bakhtin, 1992) e se alia à concepção de que o gênero discursivo é uma “matriz sócio-histórica e discursiva cujo conhecimento permite participar nos eventos de diversas instituições, realizando as atividades prévias dessas instituições com algum grau de legitimidade” (Kleiman, 2006, p. 26). Assim, os objetivos deste trabalho são (a) apresentar as concepções teóricas e as orientações metodológicas que norteiam a realização do estágio curricular supervisionado de Língua Portuguesa dos cursos de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), localizada em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e (b) ilustrar a prática docente mediante a descrição de dois projetos de intervenção pedagógica realizados no ano de 2009 com duas turmas de ensino fundamental de escolas da região geoeducacional da UNISINOS. Os projetos articulam as concepções de gêneros do discurso e de texto às práticas de leitura e de produção de texto e às atividades de reflexão linguística. A análise dos resultados revela que a abordagem dos gêneros do discurso na escola permite o efetivo desenvolvimento das habilidades de compreensão e de produção de textos dos alunos.

Leitura de charges sobre as olimpíadas de 2016: os sentidos da violência no Brasil

Jacqueline AP. Corrêa de Oliveira (FFCL-ITUVERAVA-SP) -
jackie_oliveira@hotmail.com

Esta comunicação tem por objetivo apresentar análises de charges que se movimentam pela mídia eletrônica, que falam sobre a

Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, investigando como essas charges, consideradas por nós como discursos, produzem sentidos sobre o Brasil. Para esse movimento de análise, serão mobilizados conceitos como o de discurso, texto, sentido, sujeito, arquivo, memória, interdiscurso, violência... a partir de autores como Orlandi, Pêcheux, Arendt, Foucault, dentre outros. Procuramos responder, a partir de hipóteses constituídas por meio de interpretações preliminares, como essas charges colocam em evidência sentidos que ressaltam principalmente a presença da violência no Rio de Janeiro. A teoria que norteia este trabalho é a Análise de Discurso, chamada de “linha francesa”, que considera os sentidos como sendo construídos por efeitos ideológicos, numa relação com a memória, com o interdiscurso. Consideramos que, pelos gestos de interpretação das charges que circulam pela rede eletrônica, podemos investigar possibilidades de sentidos que se re-fazem, re-significando o Brasil. Por conseguinte, pretendemos apresentar, por essas análises, como a memória de sentidos, o pré-construído e as condições de produção são indispensáveis para pensarmos na constituição dos sentidos ali produzidos e de como esses sentidos se movimentam e passam a fazer parte do que o Brasil significa, como por exemplo, sentidos de “assalto triplo”, que irrompem com os sentidos de designações próprias do meio olímpico, que assaltantes terão de aprender a língua inglesa para assaltar os gringos, que fazem parte deste meio, que o próprio Cristo Redentor, uma das sete maravilhas do mundo, terá de andar de colete. Essa violência retratada pelas charges refletem sentidos já cristalizados pela ideologia sobre negros e favelados, os causadores da violência, que se colocam como já-lá e evidentes, conforme explicitarão as análises aqui apresentadas.

O trabalho pedagógico com gêneros orais no primeiro ano do Ensino Fundamental: um estudo de caso

Jefferson Santos-de-Araújo (Mestrando em Linguística – UFSCar)
Maria Sílvia Cintra Martins (Departamento de Letras-UFSCar)

O objetivo geral deste trabalho foi investigar, por meio de observação de aulas, no decorrer do segundo semestre de 2009, e entrevista com a professora responsável por uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, como ocorre o trabalho pedagógico com gêneros orais e escritos do discurso em sala de aula de 1º. ano do Ensino Fundamental e quais as concepções desta professora sobre o trabalho com gêneros orais. De modo a complementar e para detalhar o objetivo geral, nossos

objetivos específicos foram: 1) compreender, com base em pesquisa bibliográfica e nas observações, as teorias referentes a: atividade, atividade principal (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2001) e transição dos gêneros primários para os gêneros secundários do discurso (BAKHTIN, 1997); 2) observar e entrevistar, de acordo com a abordagem qualitativa de pesquisa em educação (LUDKE; ANDRÉ, 1986), as aulas atento ao trabalho pedagógico com a linguagem oral; 3) observar o grau de ênfase que a docente responsável pela classe atribui ao trabalho pedagógico com a linguagem oral. Os resultados que obtivemos demonstram que a professora tem como eixo central de seu trabalho a aquisição da escrita, não tendo um enfoque direcionado ao trabalho com gêneros orais.

**“Eu prefiro que copiem sem conversa”:
as estruturas de organização da fala-em-interação
em sala de aula de língua portuguesa**

Jociele Corrêa (UNIPAMPA) - claradornelles@gmail.com

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa de cunho etnográfico e interpretativista realizada durante o estágio obrigatório em Língua Portuguesa e/ou Literatura do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Com base em estudos sobre o ensino de língua materna (IRANDÉ, 2003; RIO GRANDE DO SUL, 2009) e também estudos referentes à fala-em-interação institucional de sala de aula a partir da sequência triádica Iniciação-Resposta-Avaliação (IRA) (GARCEZ, 2006; SCHULZ, 2007) analisarei excertos do diário reflexivo (ZABALZA, 2004) e materiais coletados durante a realização do estágio. O objetivo deste trabalho consiste em analisar as estruturas de participação encontradas na fala-em-interação em uma sala de aula de português de uma escola estadual de Bagé. Os resultados apontam que a fala-em-interação em sala de aula se direciona de acordo com a sequência IRA. A professora regente controla o turno conversacional em sala de aula, embora os alunos quebrem essa regra constantemente, surgindo o que conhecemos como ‘conversa paralela’. A constante ocorrência desse fenômeno nas aulas está relacionada com as concepções de ensino da professora regente, relacionadas ao trabalho mecânico da gramática. Paralelo a esse fato, o tom de voz da professora regula a participação dos alunos na aula. Quando a professora eleva o tom de voz, impondo a sua autoridade, os alunos percebem que ultrapassaram o limite e estão quebrando a regra de interação, a qual determina que eles só podem falar quando a professora lhes dá a

palavra. As estruturas de participação em sala de aula revelam que a forma de interagir nesse contexto é construída em conjunto pela professora e pelos alunos.

Um estudo da contribuição do componente língua portuguesa na formação inicial e continuada de professores do ciclo I

José Miguel de Mattos (UBC – Mogi das Cruzes-SP) -
jmmattos@uol.com.br

Na última década, os alunos do Ciclo I, do Ensino Fundamental têm sido submetidos a avaliações externas, como SAEB e SARESP. O objetivo desses instrumentos é oferecer dados que possibilitem o conhecimento dos pontos frágeis no aprendizado dos alunos, em especial, nos componentes Língua Portuguesa e Matemática. Os resultados do SAEB E SARESP de 2009 mostraram um avanço nos índices de aproveitamento dos alunos, porém ainda estão aquém do esperado, principalmente se comparados a outros países da América do Sul, como Chile, por exemplo. Muitas são as causas do lento crescimento do desempenho dos alunos apontadas pelos relatórios oficiais e pela mídia, que passam pela falta de infraestrutura da escola, por políticas públicas ineficazes, pela desvalorização e pela deficiência na formação do professor; sendo esta última a escolhida para refletirmos nessa comunicação, a saber: a formação do componente Língua Portuguesa dos Professores que atuam no Ciclo I e o seu impacto na aprendizagem dos alunos. Objetivamos, dessa forma, analisar em que momento o componente curricular Língua Portuguesa esteve presente na formação inicial e continuada de professores que atuam no Ciclo I de uma escola pertencente à Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo e em que medida os conhecimentos adquiridos lhes oferecem subsídios suficientes para atender às exigências das avaliações externas, principalmente no que se refere ao desempenho linguístico e discursivo dos alunos. A nossa reflexão se baseará em dados coletados em situações que vivenciamos em funções administrativas e técnico-pedagógicas em escola de Ciclo I do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

Interação e metodologia de ensino: Ideias pensadas em conjunto Juliana Berchon (UNIPAMPA)

Nesta apresentação, pretendo analisar as relações entre alunos e professora em sala de aula e os métodos de ensino de língua

portuguesa aplicados pela professora de uma turma de 7ª série do ensino fundamental de uma escola PÚBLICA DO CENTRO de Bagé (RS). Para tanto, assumo a concepção de interação de CORACINI (2005) e considero as orientações para o ensino de língua portuguesa conforme Travaglia (2009). Os dados analisados provêm de 15 horas de observação de aula, de um diário produzido a partir dessas observações e também do relatório final de estágio. Nas aulas de língua portuguesa, a professora utilizava frases soltas e descontextualizadas geralmente, e quando trabalhava com textos, usava-os como pretexto. Essa maneira de ensinar deixou mais evidente a falta de interação dos alunos entre si e com ela, pois visivelmente não estavam interessados nas atividades propostas, mas seguiam exatamente os passos da professora sem que houvesse nenhuma troca de experiência entre eles. Com isso, o andamento da aula se dava de forma mecânica, pois os conteúdos eram propostos e executados pelos alunos sem que precisassem refletir sobre eles. Assim sendo, a língua portuguesa não era trabalhada de uma maneira reflexiva. A gramática era ensinada fora de seu uso, sem consideração do meio em que o aluno está inserido. Quando os alunos precisaram interpretar um texto aplicado por mim, ao final do estágio, onde nenhum deles conseguiu demonstrar um bom entendimento sobre o texto, o que evidencia que o trabalho prescritivo com a gramática não favorece a formação de leitores. Então, se sem interação não há reflexão sem ela não existe total eficácia no ensino. Essa pesquisa mostra que o ensino de língua portuguesa é muito mais que gramática, pois a língua é social e principalmente, reflexiva.

Três poemas, três temas: “Acidente”, José Paulo Paes, “Soneto de fidelidade”, Vinícius de Moraes, e “O bicho”, Manuel Bandeira – Leituras e leitores de 6º e de 9º ano do Ensino Fundamental.

Leonaldo Batista dos Santos (FEUSP) – leonaldo@usp.br

A pesquisa tem por objetivo investigar como determinados poemas são e podem ser lidos e fruídos por leitores de diferentes momentos da formação escolar. Acreditamos que não é propriamente a idade nem a série do aluno que devem determinar as sugestões de leituras oferecidas ao educando e sim sua maturidade, suas experiências leitoras. Pretende-se identificar, descrever e analisar as preferências e as experiências vivenciadas pelos leitores através dos poemas propostos. Para tanto, tem seu foco voltado para alunos do 6º ano e do 9º ano do E. F. e do 3º ano do E. M. de uma escola pública do estado de São Paulo. A pesquisa orienta-se pela perspectiva da

Estética da Recepção, cujos precursores são Hans R. Jauss e W. Iser, além de autores mais recentes que mantêm o foco na recepção do texto, como Vincent Jouve, Annie Rouxel e G. Langlae, que destacam a importância do leitor na construção dos sentidos do texto e em sua efetiva realização. Esta Comunicação é parte da pesquisa e serão compartilhados resultados de experiências leitoras com três textos: “Acidente”, José Paulo Paes, “Soneto de fidelidade”, Vinícius de Moraes, e “O bicho”, Manuel Bandeira. Duas turmas de alunos, uma de 6º e outra de 9º ano do E. F., leram esses textos. Serão apresentadas as perspectivas aplicadas pelos alunos das duas turmas para, de forma compartilhada, atribuírem sentidos aos poemas. Nosso olhar, portanto, se volta para a descrição e a análise, considera cada série e suas especificidades, da maneira como se processou cada leitura e que habilidades foram articuladas para construir significados aos textos.

Alfabetização e letramento: discutindo as práticas de professoras de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

Lidia Silva Vaz e Vaz (PG-PUC-Campinas) – lidia.vaz@unasp.edu.br

A alfabetização ao longo do tempo se apresenta como um tema importante de pesquisas e debates em nosso país. Por muito tempo a alfabetização resumia-se a um processo de decodificação de letras. Contudo, atualmente, observamos que os estudos sobre letramento vêm trazendo novos rumos ao fazer pedagógico por meio do incentivo à utilização, por parte da escola, de práticas verdadeiras de leitura e escrita que estão presentes no contexto social. Tal tarefa requer um professor que exerça uma função de mediador na relação entre aluno e escrita, um professor com olhar crítico e reflexivo, consciente do cidadão que deseja formar. Da mesma forma, requer uma escola comprometida com um ensino de qualidade, proporcionando condições e alternativas para professores e alunos. O desafio está na formação de um cidadão crítico e atuante na sociedade, por meio de um fazer pedagógico consciente, que possibilite ao aluno a sua inserção nas práticas de uso da leitura e da escrita presentes no cotidiano da sociedade. Diante deste cenário, surge uma tendência de articulação entre alfabetização e letramento, conceito que pressupõe as práticas de uso da escrita e da leitura, promovendo uma revisão de conceitos e, conseqüentemente, uma revisão das metodologias utilizadas no processo de construção da escrita. Na abordagem metodológica da pesquisa em andamento utilizaremos o procedimento

da autoscopia, processo pelo qual o professor é filmado em seu ambiente de trabalho, ou seja, a sala de aula, pois é ali que as relações de ensino e aprendizagem acontecem. Após a filmagem do trabalho docente em sala de aula, o professor em questão submete-se à observação e análise do material, a fim de que faça comentários sobre a sua atuação, a partir de um roteiro proposto pela pesquisadora. Tais comentários serão audiogravados e se constituirão nos dados a serem analisados. Com a pesquisa pretende-se conhecer quais as concepções dos professores com relação à alfabetização, como também trazer contribuições para a formação do educador, discutindo as práticas pedagógicas de alfabetização na perspectiva do letramento.

Currículo e cultura: algumas impressões

Lílian Pereira Palácio (FE-USP) - lilianpalacio@yahoo.com.br

Falar sobre currículo não é simplesmente situá-lo em um dado momento histórico ou falar de técnicas e métodos, fluxogramas ou cadeias de disciplinas. O currículo perpassa tudo isso quando é entendido como transmissão de cultura. O que proponho neste trabalho é despertar no leitor um olhar para essa compreensão de currículo. Parto do pressuposto de que é possível enxergar diálogo entre currículo e cultura em todos os momentos da educação, que, além da questão de ensino, o currículo é uma questão de identidade cultural. Para isso, é importante reconhecer que essa identidade cultural é construída por discursos de poder que permeiam várias esferas. Inicialmente, procuro fazer uma reflexão sobre currículo e cultura, apoiando-me nas ideias de Forquin e Giroux; em seguida, apresento questões sobre o ensino e sua relação com o currículo, baseado em Sacristán e, por fim, algumas discussões sobre o que é currículo, tomando conceitos de Silva, Apple. Subjacente a toda essa discussão, procuro deixar impressões do que Machado sugere: vê o currículo como um mapa. Um mapa recheado de marcas culturais que por ora confronta com as políticas educacionais impostas, gerando conflitos, contradições, questionamentos.

Gêneros textuais e ensino: a *notícia* em sala de aula

Luciana Soares da Silva (PUC-SP) - lusoares29@yahoo.com.br

Objetivamos, neste artigo, a sistematização de conceitos apreendidos sobre o estudo dos gêneros textuais, estabelecendo uma relação entre

a teoria estudada e a prática a ser desenvolvida em sala de aula. Para tanto, apresentamos o conceito de gêneros, focalizando autores fundamentais para o desenvolvimento desse tema, tais como Bakhtin (2003) e Bronckart (1999), entre outros; em seguida, discutimos a importância do trabalho pedagógico baseado no estudo dos gêneros para o processo de ensino e de aprendizagem e, por fim, propomos uma sequência didática, à luz dos estudos de Schnewly e Dolz (2004). De acordo com nosso estudo, o ensino de língua portuguesa não pode mais se restringir à gramática, uma vez que necessita trabalhar a linguagem como ação social e formar os alunos para a interação na sociedade. Esse trabalho deve ser desenvolvido em paralelo com o trabalho com os tipos textuais e a gramática, encarando sempre o texto como um processo que perpassa pelo contato com o gênero, pelo reconhecimento de suas características e pela sua produção. Além disso, focar o gênero notícia, dentro do domínio discursivo jornalístico, possibilita aos alunos contato com uma produção que traz fatos da realidade e suscita a criticidade. Embora seja imprescindível a presença de textos literários de grandes autores na escola, não se pode menosprezar as produções atuais, as quais auxiliam sobremaneira no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

Leitura literária na educação básica: eu no lugar do outro, o outro em meu lugar

Luciano Melo de Paula (CEPAE/UFG) - Imdepaula@gmail.com

Mudar de posição, alterar o foco, colocar-se no lugar do outro. A leitura literária é uma prática que proporciona infinitas possibilidades para a produção desse *movimento*. Este trabalho pretende apresentar reflexões sobre a prática da leitura literária, na medida em que não se trata de mera decodificação de sinais no texto, mas da construção de sentidos mediada pela atividade leitora, entendida como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido (autor e leitor), ambos sociohistoricamente determinados e ideologicamente constituídos. Na sala de aula, mediada pelo professor, a atividade de ler tem fortes probabilidades de provocar condições que rompem com a fixidez dos papéis desempenhados na cena pedagógica: alunos e professor, ambos leitores, instados a produzirem sentidos diante dos traços negros no papel.

Afinal, a leitura literária constitui-se uma prática individual, mas ao mesmo tempo coletiva, especialmente em sala de aula, uma vez que promove a relação entre as diferenças, entre o *eu* e o *outro*. A literatura põe em cena personagens que vivem situações as quais

também poderão ser experimentadas, no momento da leitura, pelos leitores. Por tratar do homem, esse gênero discursivo constitui-se como campo privilegiado para que o leitor perceba a si mesmo, o outro e o mundo. Marcado pela polissemia, o discurso literário convida a certa liberdade de interpretação, oferecendo ao leitor uma história que também pode ser a sua.

Identidade do professor segundo o REUNI

Marcelo Roberto Dias (USP) - marcelodyas@gmail.com

Partindo das informações do Banco de Dados do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) intitulado: “Disciplinas da Licenciatura Voltadas para o Ensino de Língua Portuguesa: saberes e práticas na formação docente”, esse trabalho propõe-se a comparar os parâmetros e modelos de universidade bem como os sugeridos ao professor e ao aluno de uma determinada universidade do Estado de Minas Gerais pelo programa nacional Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) com um estudo feito por alunos dessa mesma instituição sobre as necessidades de melhorias para a instituição. Investigando tal confronto de posições, sob o enfoque das ideais expostas por Foucault em *Análise do Discurso*, por Chervel em *Histórias das Disciplinas Escolares* e Chartier em *A história Cultural entre as Práticas e Representações*, discute-se sobre o controle da identidade docente e discente dos processos histórico-pessoais, ou histórico-acadêmicos que possam ser criados pelo professor e pelo aluno durante seu contato acadêmico. Constata-se, não apenas pelas características discursivas de ambos os objetos, mas também pela força, seja como documento institucional, seja como um texto científico, uma tentativa de fixar modelos e parâmetros, que, mesmo se sobressaindo as posturas e condutas esperadas em convívio acadêmico, procuram impor-se nesse universo como verdades.

A mediação como princípio educacional

Maria Cristina Ataíde Lobato (UFPA /LAEL-PUCSP)

A mediação adotada como princípio educacional confere a seu agente um papel de grande destaque e uma responsabilidade a isso correspondente. Um mediador por excelência é um agente de mudanças que intervém nos processos cognitivos de desenvolvimento do mediado, colocando-se como um facilitador ou motivador da

aprendizagem. Apesar de a mediação ser um tema tradicional nos estudos educacionais, há atualmente um interesse renovado na questão diante da multiplicidade de cursos na modalidade a distância e dos diversos ambientes síncronos e assíncronos introduzidos em cursos nessa modalidade. Dentre esses ambientes, os fóruns virtuais têm sido utilizados, frequentemente, como apoio para o ensino-aprendizagem em cursos a distância. A mediação pedagógica em fóruns de aprendizagem exige domínio de processos comunicativos específicos que se evidenciam nas interações com os alunos e no sucesso da aprendizagem destes. Portanto, a compreensão das ações discursivas pedagógicas nesses fóruns pode ajudar a indicar estratégias de sucesso e de fracasso em cursos a distância. O objetivo deste trabalho é analisar as ações de mediação de professores em fóruns virtuais de apoio a um curso superior a distância, a fim de compreender, à luz da perspectiva sociointeracionista da linguagem (Vigotsky, 1932), que ações discursivas concorrem para a aprendizagem dos alunos. A pesquisa baseia-se no modelo de *Community of Inquiry* desenvolvido por Garrison et al (2000) e Anderson et al (2001) em ambientes educacionais *online* de nível superior. Neste estudo, focalizamos a análise nas ações do professor em fóruns educacionais do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – modalidade a distância, da Universidade Federal do Pará.

Instrumentos de incentivo para a produção de textos na graduação

Maria Emília Borges Daniel (UFMS)
Eva de Mercedes Martins Gomes (UFMS).

Esta comunicação tem como objetivo apresentar resultados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento que pretende analisar instrumentos de incentivo para a produção de textos na graduação. Tais resultados referem-se à revista *Rabiscos de Primeira – Caderno dos alunos do curso de Letras/CCHS, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, ISSN 1679-6322, e primeiro número publicado em 2001. Tal iniciativa pioneira foi concebida pelo Prof. Dr. José Genésio Fernandes, então ministrante da disciplina Prática de Leitura e Produção de Textos. Participavam da equipe do projeto vários professores e alunos do curso. Assim, a *Rabiscos* surgia como um espaço de publicação de artigos produzidos por alunos da graduação, orientados por professores das disciplinas do curso. A intenção era buscar uma forma mais produtiva de ensinar os

conteúdos das disciplinas, marcadas pela produção de gêneros endógenos, provas, resumos, resenhas e sínteses, cuja função se esgotava na relação do professor com o aluno. A expectativa era que o aluno de graduação tivesse a oportunidade de escolher uma das disciplinas, delimitar um tema, formular uma questão e tentar respondê-la a partir de hipóteses formuladas com a ajuda do professor. Dessa forma, teria condições mais adequadas para produzir o gênero *artigo de divulgação científica*, para, de um lado, correr riscos e, de outro, experimentar os benefícios de se colocar como autor diante de um público mais amplo, aceitando riscos. Aprenderia a praticar o exercício da ciência e das atividades profissionais, com vistas, sobretudo, ao enriquecimento da formação inicial do professor. Com oito edições publicadas, totalizando 146 artigos e 46 depoimentos, produzidos por 255 autores, a *Rabiscos*, confirmando e superando as expectativas iniciais, tem colaborado positivamente para a formação inicial dos sujeitos envolvidos.

Oficina de pontuação: uma experiência em EAD

Maria Helena Albé (UNISINOS)

Maria Cristina Kessler (UNISINOS)

Cláudio Gilberto de Paula (UNISINOS)

Esta experiência é uma das ações desenvolvidas pelo Projeto Ensino Propulsor, um projeto de cunho pedagógico que inclui as áreas de conhecimento de português, matemática, física, química e estatística, voltado essencialmente para a minimização do índice de repetência e de evasão na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Destina-se a impulsionar a aprendizagem de seus acadêmicos mediante oferta de novos instrumentos pedagógicos e acompanhamento sistemático, ambos ajustados aos estilos e às condições de aprendizagem individuais. Relata-se uma dessas ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2010 pela área de Português: uma oficina na modalidade a distância sobre o uso de alguns sinais de pontuação, focalizando quatro aspectos: (1) os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a produção do material didático construído, como ludicidade, linguagem acessível, contextualização, interatividade, feedback construtivo e imediato, inclusão de conteúdos da Educação Básica; (2) o processo de implementação do material: cadernos de exercícios em powerpoint, que incluem atividades, desafios, vídeos, curiosidades, propostas de produção escrita, além de caixas de texto em que o estudante é incentivado a explicar ou a justificar determinadas questões; (3) o processo de desenvolvimento

da oficina: envio, correção, devolução com comentários; (4) e o processo de validação e avaliação da atividade. O Caderno de Exercícios pode atuar como um portfólio, constituindo importante instrumento tanto para o professor quanto para o estudante, ao possibilitar a gravação da tarefa realizada. É um recurso que pode ser utilizado em todos os níveis de ensino por professores preocupados em minimizar a tensão entre conteúdos tradicionais e novas tecnologias.

Operação mutante: entre as práticas tradicionais de ensino e as tecnologias de interação modernas

Maria Helena Rodrigues Chaves (UFPA) -
helenarochaves@hotmail.com

Este trabalho propõe reflexões a respeito dos modos como o ensino de língua materna vem sendo implementado em escolas de ensino fundamental do interior do Pará, em decorrência, a nosso ver, das novas orientações curriculares (PCNs, LDB, novo ensino fundamental). Quais são os lugares que a língua portuguesa assume no espaço escolar a partir das concepções sociointeracionistas de linguagem, gramática, sujeito e ensino? Em que momento o velho e o novo se confundem, se rejeitam ou se camuflam? Quais são os lugares que professor e aprendiz ocupam nessa discussão? Nessa jornada interpretativa adotamos os conceitos bakhtinianos de linguagem e de gêneros do discurso; o conceito bourdieusiano de *habitus*, a partir da leitura de Hanks (2008) e de Bourdieu ele mesmo (2010), em que o autor discute a gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo* no área da teoria e da prática científica; os estudos de Rojo (2007), a respeito da formação de professores e dos modos de sedimentação das práticas pedagógicas; e os de Chaves (2008), em que se problematiza o ensino tradicional. Inscrevemo-nos, assim, entre os estudos de Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006) (2006), e, tomando a linguagem como objeto de estudo e dialogando com outras ciências afins, buscamos compreensão para os fenômenos sociais. Os dados que analisaremos derivam de relatórios de estágios de alunos de licenciatura em letras e foram constituídos em situação de cotidiano escolar, próximo do que André (1995) chama de “Etnografia da prática escolar” e apontam para o pressuposto de que entre as práticas tradicionais de ensino e as tecnologias inovadoras gesta-se um novo objeto de ensino, um novo ensinante e um novo aprendente, que não configuram o triângulo didático atual. Os pólos didáticos que interagem na escola atual subsistem em um espaço mais ou menos virtual, mutantes entre o velho

e o novo, refratando as teorias modernas e sedimentando-as conforme os hábitos locais.

Reflexões sobre a reescrita: da prática ao reconhecimento dos usos

Maria Isabel de Moura (UFSCar) - marisabel@terra.com.br

Nessa comunicação discuto a importância da reescrita no processo de produção de textos escritos e atribuo à interlocução que se desenvolve no interior desse processo, através da leitura que os colegas realizam dos textos uns dos outros, como condição para o êxito da reescrita. No episódio analisado, a segunda versão dos textos foi produzida sem a interferência direta do professor, baseando-se exclusivamente na percepção de cada um sobre o trabalho dos outros e nos breves comentários feitos em cada texto pelos colegas leitores. O reencontro do autor com seu texto, mediado pelas práticas textuais dos colegas, demanda novos movimentos expressivos, uma vez que a interação com os demais textos gera, forçosamente, a necessidade de se considerar os modos particulares de construção e sua adequação (ou não) aos propósitos da interação. As reflexões intuitivas dos produtores resultam na reorganização dos textos por meio de, basicamente, dois movimentos de reescrita. Um de enxugamento do texto e outro de completude argumentativa, o que por sua vez demonstra um investimento coletivo na modalidade da interação. A seleção de recursos mais adequados a um texto, ou interação escrita, somente passa a interessar aos alunos durante a produção da segunda versão, podendo-se concluir com isso que inicialmente predomina uma preocupação com o tipo ou gênero da interação proposta. À medida que se confrontam com seus textos se dão conta da complexidade das interações escritas e passam a prestar maior atenção não apenas ao que dizem mas também a como e em que instância dizem. Acredito que dificilmente dispomos de outros processos de produção e de reconhecimento de recursos linguísticos com a mesma amplitude que podemos observar no caso do trabalho com a reescrita.

O estágio curricular de Língua Portuguesa: perspectiva investigativa

Maria Laura Petitinga Silva (UNIJORGE – BA) -
laurapeti@terra.com.br

O Estágio Curricular Obrigatório de Língua Portuguesa parece assumir, de modo geral, nas Instituições de Ensino Superior (IES), uma

perspectiva meramente burocrática, na medida em que os alunos em formação não conseguem se perceber do lugar do docente, experimentando práticas autônomas de ensino. Eles são orientados pelas IES a assumir uma turma na escola concedente do estágio, durante um determinado período (às vezes, 40h mais ou menos), realizando aquilo que o professor regente já planejara, aquilo que ele simplesmente “dita”, sem possibilidades de interlocuções. Para o aluno em formação, são conteúdos, frequentemente, que vão de encontro às necessidades dos estudantes, e que contrariam as reflexões em torno da linguagem e do ensino contextualizado, significativo, promovidas pelas academias. Fica evidente que, dessa forma, o momento de transferência dos conhecimentos construídos no percurso de sua formação para a prática de sala de aula não tem surtido o efeito necessário, pois esses estagiários pouco tem tido a oportunidade de pesquisar, investigar o que se ensina e como se ensina, quando se ensina a língua materna e, de outro modo, pouco compreendem sobre o que se aprende e como se aprende quando se estuda a língua. Com isso, pode-se afirmar que os estágios tem contribuído muito pouco para a formação do docente reflexivo. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência de estágio realizado em três semestres consecutivos em que os alunos em formação, a partir da decisão, no primeiro semestre, do que investigar sobre o ensino de Língua Portuguesa, realizam seu estágio de docência nessa perspectiva reflexiva, investigando, buscando, criando, as melhores estratégias de ensino que possam comprometer os alunos de escolas da educação básica com a cidadania, com a sua cultura.

Grupo de programas do PROCAD: quem somos e o que fazemos

Mariana Maira Albuquerque Pesirani (FFLCH-USP) -
maripesirani@hotmail.com

O PROCAD é um projeto temático cujo objetivo é investigar as representações sobre a formação do professor de língua portuguesa e sobre seu ensino-aprendizado. Tal objetivo pressupõe que, analisar sistematicamente a formação desses professores pode vir a ser um importante instrumento de pesquisa, o qual os interessados em compreender os procedimentos pelos quais é possível formar profissionais aptos a encontrar soluções para os desafios lançados pelos alunos da educação básica poderão utilizar. Estão envolvidos nessa investigação professores, alunos de doutorado, mestrado e graduação da faculdade de Letras e Educação da Universidade de São Paulo e de outras universidades brasileiras. Por fins metodológicos,

foram criados dois grupos dentro do PROCAD: o grupo de diários e o grupo de programas, sobre o qual esse trabalho tratará. O grupo de diários trabalha com observação e registro de aulas da disciplina de Metodologia do Ensino de Português (e correlatas), e com entrevistas feitas com professores que ministram tal disciplina. O grupo de programas analisa currículos de cursos e programas de disciplinas de diversas faculdades, análise essa que se caracteriza por ser discursiva, e se ocupar primeiramente do estudo do discurso escrito, institucionalizado. É através dessa análise que esse grupo pretende observar as relações interdiscursivas que possibilitam a delimitação dos discursos em jogo nesse campo discursivo, bem como quais as posições discursivas atribuídas, nos referidos documentos, ao professor em formação.

O processo de apropriação de concepções construtivistas em materiais didáticos para alfabetização

Marilda Pio da Silva (Rede Pública Caieiras, SP) -
maripios@hotmail.com

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo conhecer alterações ocorridas no processo de apropriação de concepções construtivistas sobre aprendizagem de escrita e em materiais didáticos para alfabetização do ensino fundamental I. A pesquisa se fundamentou em concepção discursiva segundo a qual é no interior de um campo discursivo que o discurso se constitui de forma a deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. Dessa forma, trabalhou-se com a hipótese do primado do interdiscurso sobre o discurso. Para a pesquisa, a década de 70 foi escolhida como o momento para se iniciar as investigações, pois foi naquela época que começou a se intensificar a presença de registros da concepção construtivista em artigos acadêmicos; além disso, realizou-se a análise de dados referentes às décadas de 80 e 90 com o objetivo de observar o impacto desta nova concepção em documentos sobre ensino e sua evolução em materiais pedagógicos. A análise dos materiais foi guiada por metodologia baseada no paradigma indiciário. A pesquisa mostrou algumas concepções de ensino que intermediaram a apropriação de concepção construtivista em livros didáticos para o Ensino Fundamental I no Brasil e encontrou outros discursos que participaram do processo de constituição das relações entre construtivismo e ensino da escrita.

Letramento digital: a importância de conhecer e favorecer as práticas discentes nessa esfera

Mariléia Silva da Rosa Neves (PG-UNIPAMPA)

Michele Freitas Gomes (PG-UNIPAMPA)

O objetivo deste trabalho é investigar em quais práticas e eventos de letramento digital estão inseridos dois pequenos grupos de estudantes, um de alunos da 4ª série do ensino fundamental e, outro, de alunos do 1º ano do ensino médio de uma escola da rede particular de ensino de Bagé, RS. Acreditamos que para aprimorar o ensino da língua materna, especialmente no que se refere à competência leitora, é importante, em primeiro lugar, conhecer os eventos de letramentos em que os alunos estão envolvidos. Para essa investigação, partimos de uma concepção de letramento baseada nos estudos, principalmente, de Rojo, 2009. Essa concepção defendida considera o letramento como uma prática social de linguagem praticada dentro e fora da escola. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2010, através da aplicação de questionário baseado em Vóvio (2007 apud ROJO, 2009). Esse instrumento de análise contém quatro blocos de questões, no entanto, para tal pesquisa, fizemos um recorte do terceiro bloco, que se refere às práticas e eventos de letramento digital, uma vez que as faixas etárias que constituem o corpus da pesquisa é conhecida pelo uso que faz do computador. Os resultados têm mostrado que os alunos, embora não participem de todas as práticas oferecidas pelo questionário, têm acesso a esta ferramenta, usando-a para fins de lazer e de estudo. A relevância desta pesquisa está no fato de que vivemos em uma sociedade altamente digitalizada, na qual o letramento digital torna-se cada vez mais importante. A partir desta realidade, e acreditando que a comunidade escolar deve, e precisa, receber oportunidades de aprender a utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação, entendemos que é necessário atrelar o ensino de língua materna – e da leitura – ao universo digital.

A inserção da literatura no livro didático de português

Marilene Alves de Santana (FEUSP) - marilenesantana@gmail.com

Para participação no IX Seminário de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, apresentarei algumas etapas até aqui realizadas no meu percurso de Mestrado, na Faculdade de Educação da USP. Tendo em vista o meu projeto inicial de pesquisa, desenvolvido com o intuito de estudar o texto literário inserido no livro didático de

Português, sobressaem algumas considerações, ainda que parciais, referentes ao material analisado e aos objetivos anteriormente traçados. As disciplinas cursadas, os eventos dos quais participei e os trabalhos até aqui realizados possibilitaram-me um estudo mais detalhado e consistente do meu *corpus* de pesquisa: os livros didáticos publicados nas décadas de 1970 e 1980, e, como complemento à análise, os documentos oficiais produzidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em ambos os períodos. Buscando estudar, mais especificamente, aqueles manuais destinados às antigas quintas e sextas séries do ensino fundamental, tomando como referência as teorias discursivas de Mikhail M. Bakhtin e, também, os estudos de Roger Chartier, acerca da materialidade dos suportes e das práticas de leitura, verifiquei algumas alternâncias entre os textos apresentados nos livros didáticos e seus respectivos originais, bem como a imagem dos leitores aos quais se destinam os manuais, entrevista na formatação e linguagem empregadas nos textos. Sobre tais características, já observadas em dois livros didáticos, publicados nos períodos acima mencionados, é que pretendo discorrer na apresentação do meu trabalho.

Formação de Professores: um trabalho crítico-colaborativo no programa de extensão universitária

Maurício Canuto (PUC-SP) - mau.canuto@gmail.com

Esta apresentação discute a formação de pesquisadores e formadores no programa de extensão universitária e aponta como, no decorrer do processo, ele se tornou um lócus de formação. O Subprojeto Leitura e Escrita nas Diferentes Áreas - LEDA, inserido no Programa Ação Cidadã – PAC -, tem como objetivo desenvolver, em escolas da rede oficial de ensino, contextos para a discussão e transformação das práticas com leitura e escrita nas diversas áreas do conhecimento. Desde o início, com o Projeto Leitura nas Diferentes Áreas/LDA, era objetivo (Magalhães, Liberali, Lessa e Fidalgo, 2004) criar contextos de formação em que leitura e escrita embasassem a aprendizagem de conteúdos específicos de cada disciplina e a apropriação da linguagem para a constituição de alunos cidadãos. Embasado na Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC), conforme discussões elaboradas por Vygotsky (1930/2008, 1934/2008), por Leontiev (1977, 1978, 1983, 2004) e por Engeström (1987, 1999a, 1999b, 1999c), sobre ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Em termos metodológicos, está apoiada nos pressupostos da Pesquisa Crítica de Colaboração/PCCol, segundo Magalhães (2004). Com base

nos dados coletados por meio de vídeo-gravações, nos relatos transcritos e na própria produção de unidade didática (no prelo, Canuto) nos projetos de formação que desenvolvemos, esta apresentação examina como se constituiu um contexto para aprendizagem e desenvolvimento de formadores e pesquisadores.

Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura

Maurício Silva (Universidade Nove de Julho)

Ler, analisar, interpretar e julgar um texto literário pode ter os mais diversos sentidos para as sociedades letradas, mas talvez nenhum deles seja tão importante ao ser humano quanto à capacidade que a literatura tem de conferir ao homem uma singular experiência ontológica, na medida em que emerge como representação simbólica de sua própria vivência. Isso não quer dizer que a experiência literária prescindia de uma faceta mais prática. Ao contrário do que se pode imaginar, a atividade literária pressupõe certo pragmatismo, marcado por uma funcionalidade pedagógica, não exatamente de natureza impessoal, mecanicista e – nos limites do neoliberalismo – mercadológica, mas atuando como suporte da própria educação: faz parte, assim, de um modelo de ensino em que a *educação dos sentidos* torna-se o denominador comum de um sistema que procura equacionar, no plano da imaginação criativa, ética e estética. Este trabalho procura analisar questões relacionadas ao ensino de literatura, buscando compreender as metodologias de ensino e os processos de aprendizagem da literatura em sala de aula. Nossa proposta relaciona-se à possibilidade de aplicar, ao ensino de literatura, o conceito de *letramento literário*, (COSSON, 2006), que num amplo processo de leitura, análise, interpretação e avaliação do texto literário, dando a ele um sentido maior que um simples gênero discursivo.

Conhecer as práticas de letramento dos alunos: direito e dever do professor de língua portuguesa

Michele Freitas Gomes (UNIPAMPA/RS) - michelefg@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo investigar as práticas de leitura de um grupo de alunos da 4ª série do Ensino Fundamental (10 anos) em uma instituição privada de Bagé, RS, a fim de conhecer em quais práticas de letramento eles estão inseridos. Podemos dizer que para essa análise dois conceitos foram importantes, abordados aqui

conforme Rojo (2009:10): o de alfabetismo – termo que vai relacionar tanto às capacidades de leitura como às de escrita - e letramento – que relacionamos mais às práticas sociais que envolvem a escrita. A partir da reflexão teórica sobre esses conceitos, foi possível analisar os dados obtidos. A geração dados foi realizada no 1º semestre de 2010, através da aplicação do questionário de Vóvio (2007). Obtivemos, assim, uma amostragem dos principais eventos de letramento e o conhecimento da experiência de leitura desses alunos a fim de apontar caminhos que (re) signifiquem as práticas de leitura na 4ª série do Ensino Fundamental. A relevância dessa pesquisa reside na discussão de conceitos / dados importantes frente aos resultados insatisfatórios dos alunos brasileiros em inúmeras pesquisas que avaliam a competência leitora e a relação desses resultados com as práticas propostas pela escola também nos anos iniciais do ensino. Creemos que a partir do conhecimento dos diferentes usos da linguagem que os sujeitos fazem, seja possível organizar atividades que desenvolvam competências e habilidades, contribuindo para que possam participar dos eventos de letramento de forma ética, crítica e democrática (Rojo, 2009:11).

A escrita do professor como um elemento da inovação no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa

Milene Bazarim (UNICAMP/CNPq) - milene_bazarim@yahoo.com.br

Nesta comunicação, apresento resultados de uma pesquisa em andamento sobre o processo de inovação nas aulas de Língua Portuguesa ministradas por mim, enquanto professora-pesquisadora, para alunos de 5.ª e 6.ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública de Campinas-SP. É um estudo realizado no âmbito da Linguística Aplicada que utiliza diversas metodologias de base qualitativo-interpretativista. O *corpus* é constituído por registros gerados em contexto escolar entre 2004 e 2007, que flagram a minha escrita como professora, e coletados em 2010, que abarcam minha escrita como aluna da Educação Básica e Superior. As análises preliminares apontam que a monitoração reflexiva e a racionalização da ação se apresentam como características da escrita da professora desde quando era aluna. Na condição de professora, essa escrita tem um efeito de reversibilidade que provoca mudanças nas suas práticas de ensino-aprendizagem. Assim, a experiência vivida na aula, única e irreversível, ao ser registrada, escrita em diversos gêneros, passa a estar sujeita aos processos de (re)entextualizações e des/re/contextualizações e, com isso, a novas significações. O efeito de reversibilidade se dá quando, por conta dessas novas significações, há a (re)construção de (novas) práticas em sala de aula. Trata-se de um

movimento constante, característico, portanto, do processo de inovação. Mesmo a mudança em práticas já estabelecidas não sendo um atributo exclusivo dessa professora, é a sua escrita que torna visível o processo e possibilita que a ele sejam atribuídas várias significações. Tais resultados têm implicações nos estudos sobre letramento e formação de professores, pois evidenciam que a inovação das práticas escolares de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa também dependem do fortalecimento da relação que os professores têm com a escrita.

**O inferno em Vidas Secas:
uma leitura cognitiva, contextual e interacional**

Nádia Cristina Varjão (Mestranda PUCSP)
Kelly Aparecida Mendes (Mestranda PUCSP)

O processamento mental para a compreensão enunciativa acontece por meio dos níveis cognitivo, contextual e interacional em uma relação dialógica. A partir dos princípios básicos da Pragmática, cuja língua em uso é considerada sob o ponto de vista sócio-cognitivo-interacional, buscamos na interlocução entre uma mãe e um filho que, neste estudo, advém do capítulo “O menino mais velho” da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, evidenciar quais são os elementos que causam reações adversas nos personagens para a construção de sentidos da palavra “inferno” durante o ato comunicativo e, em que medida os fatores cognitivos, contextuais e interacionais interferem na compreensão enunciativa. Para a compreensão do trecho, que é marcado pelo conflito ocorrido pela incompreensão do sentido da referida palavra, fundamentar-nos-emos em Van Dijk (1983, 1992, 1997), e em outros estudiosos que elucidam os princípios de nosso estudo que está dividido em duas partes: a primeira de cunho teórico e a segunda de cunho analítico, onde observaremos quais dos princípios cognitivos, contextuais e interacionais podem ser observados na interlocução em análise, sua relevância para que haja a esperada compreensão e a atenção que deve ser dada a tais aspectos por parte do professor tanto no ensino de leitura quanto de escrita.

**A importância da escolarização em língua portuguesa para
imigrantes brasileiros no Quebec no ano que Saramago morreu.**

Nilce da Silva (FEUSP)

Esta comunicação é um tributo a José Saramago. A mesma apresenta algumas reflexões acerca do papel da escolarização em língua

portuguesa para imigrantes brasileiros instalados na região do Quebec, Canadá. A partir de pesquisa exploratória- estudo de caso/ narrativa autobiográfica- faz-se uma análise de aspectos relativos à política de imigração deste país da América do Norte. Tal trabalho foi executado durante o período em que sua autora atuou como professora visitante na *Université du Québec em Trois-Rivières* (UQTR) no ano de 2008 e durante os quatro primeiros meses de 2009, já como professora associada. Os dados coletados indicam desvalorização da escolarização feita na língua portuguesa pela sociedade receptora e da cultura lusófona. Tal situação se traduz em segregação no mercado de trabalho quebequense dos sujeitos desta pesquisa- selecionados como imigrantes qualificados justamente por serem escolarizados.

Análise de Discurso Francesa: contribuições ao estudo crítico do texto nas aulas de Língua Portuguesa

Paulo Robson Silva da Silva (UEPA)

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas tem como principal instrumento metodológico a utilização de textos, do qual emergem diversos problemas, tais como a seleção desses, que, na maioria das vezes, fogem da realidade dos alunos, bem como as atividades propostas a partir dessa seleção que se voltam ou para uma abordagem puramente gramatical ou para exercícios de interpretação superficiais e restritos em que se admite uma única forma de compreensão dos mesmos. Dessa forma, o ensino de língua torna-se incipiente, à medida que limita o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos ao restringir a análise de textos a interpretações objetivas- em geral, a visão do professor- que não exploram as diversas possibilidades permitidas pelo/no texto para serem aplicadas em sala de aula. Diante desta problemática, a Análise de Discurso Francesa é um valioso instrumento ao desenvolvimento do senso crítico e reflexivo do indivíduo contribuindo, desta feita, às aulas de língua, visto o fato de que a construção de um texto não se dá apenas pelo encadeamento de enunciados, sua constituição extrapola os elementos linguísticos. Quando se produz ou se lê um texto, há nesses processos a influência e a pressão de ideologias, vozes, e contextos, os quais determinam os direcionamentos que serão dados ao discurso. Assim, para uma análise efetiva de textos escritos faz-se necessária uma abordagem que leve em consideração a relação existente entre o linguístico e o social, metodologia esta empregada pela Análise do Discurso, engendrada na década de 1960. Desta forma, este trabalho objetiva demonstrar tais contribuições da

Análise de Discurso de linha francesa às aulas de Português, bem como socializar os dados da Pesquisa de Iniciação Científica concluída no ano de 2009, intitulada “A Análise de Discurso como prática escolar no ensino de Língua Portuguesa na 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental das Escolas da Rede Pública de Belém”.

Comunicação e expressão: um curso para deficientes visuais

Patrícia Regina Cavaleiro Pereira (FFLCH/USP) -
prcpereira@hotmail.com

Como sou professora voluntária do curso de Comunicação e Expressão oferecido pelo Laramara (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual) a portadores de deficiências visuais, acredito que seria interessante transmitir alguns aspectos dessa experiência, como o trabalho com a leitura e com a produção de textos (em braille e à tinta); as principais dificuldades apresentadas pelos alunos e as estratégias adotadas para a resolução de problemas, tais como a limitação lexical e as dificuldades relativas à ortografia/acentuação das palavras, ou ainda a insuficiência de elementos de coerência e coesão na produção textual; o trabalho com elementos gramaticais (especialmente pronomes relativos, conjunções, tempos/modos verbais e pontuação), e com o emprego de atividades e exercícios ligados à gramática podem auxiliar no momento da elaboração de textos; a abordagem de técnicas e estímulos para uma melhor desenvoltura em apresentações pessoais e na exposição (oral/verbal) de ideias. E, em especial, pretendo mostrar o trabalho de conclusão de curso elaborado pelos alunos do último semestre: uma revista (com artigos, tradução, entrevista) voltada a pessoas portadoras de deficiência.

A tripla articulação entre espaço escolar, docência e currículo

Régis Bueno da Silva (USP)

A discussão sobre a formação de professores pressupõe caminhar em direções diferenciadas e complementares. Uma delas diz respeito ao exercício profissional e ético do professor como docente. Emergem, nesse contexto, como temáticas privilegiadas, as discussões e investigações sobre a formação de professores reflexivos e autônomos (IMBERNÓN, 2006). Em termos de pesquisa, isto significa dizer que o foco de tais pesquisas sobre essa temática pode encaminhar-se para as discussões sobre currículo, docência e escola.

Acompanhando uma tendência internacional e nacional, essas pesquisas surgem em um contexto de crítica aos processos formativos de professores como “transmissores de conteúdos” e, sem sombra de dúvidas, vêm trazendo contribuições valiosas no campo do conhecimento das opções didático-pedagógicas, da atuação em sala de aula, dos processos sócio-interativos entre professores e alunos, enfim todo um conhecimento sobre o cotidiano da escola e sobre o desempenho (crítico e ético) dos docentes, inserindo-se em um paradigma convencionalmente chamado de “epistemologia da prática”. Portanto, esta comunicação tem como finalidade objetivo refletir sobre as imbricações necessárias e constitutivas entre os campos de conhecimento dos Estudos da Linguagem – mais especificamente a Análise de Discurso - Educação e Filosofia no que concerne ao espaço escolar de ensino superior, à docência e ao currículo enquanto formação de conhecimentos social e historicamente construídos. Levamos em conta as relações de saber e poder, os gestos de leitura (ou interpretação) em conformidade com o discurso documental, isto é, *a memória de arquivo* (ORLANDI, 2001).

Ensino, leitura e escrita no suporte digital.

Rita de Cássia Antonia Nespoli Ramos (FEUSP) -
ritanespoli@uol.com.br

As novas tecnologias digitais aparecem como um instrumento promissor para amenizar os problemas de ensino; no entanto, em muitas outras ocasiões surgiram meios que alardeavam serem “inovadores”, “inéditos” e que teriam a solução para a dificuldade de leitura e de escrita dos alunos. Diante desse cenário, gostaríamos de levantar alguns questionamentos: Qual é o papel do professor diante das novas mídias: um mero animador? Um sujeito ativo que permeia todo o processo de ensino e não se assujeita totalmente às novas tecnologias? Esse profissional está preparado para lidar com essa mídia? Quais são as principais mutações que a entrada na era do texto e do mundo digitais impõem às relações que mantemos com a cultura escrita? Como a escrita e a leitura são diferentes no novo suporte? A leitura fragmentada e um sujeito que apenas “recorta e copia”, mas não “sabe ler” é o sujeito do suporte digital? Para analisar as questões apresentadas, queremos olhar para o passado, pois acreditamos que é o momento de voltarmos às origens da escrita e simular sua trajetória nos diferentes suportes de pedra/argila-madeira-cerâmica/papiro-couro-códice-computador. Desse modo, propomos refletir sobre o surgimento da escrita passando de seus precedente

(desenhos, gravuras) para os sistemas mais complexos, como o alfabeto. A proposta de se estudar a trajetória da escrita se justifica, pois por meio dela entenderemos como a memória se desloca do corpo para o papel e para o computador. Com isso, compreenderemos as implicações desse deslocamento, quando se analisa a leitura e a escrita na escola, e observaremos como a mudança de suporte propicia uma mudança no modo de ler. Temos a convicção de que insistir na importância que manteve o manuscrito após a invenção da imprensa é uma forma de lembrar que as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos.

Do professor de literatura ao formador de leitores críticos de textos literários: desafios e possibilidades à formação do professor de língua portuguesa para o trabalho com a leitura literária no Ensino Médio

Rodrigo Alves dos Santos (CEFET-MG)

Nestes tempos supervalorização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sala de aula, qual é o perfil do professor de língua portuguesa do Ensino Médio desejado pelo discurso veiculado em alguns dos principais documentos que regulam essa etapa da Educação Básica do Brasil, quando se trata do trabalho com a leitura literária? Que desafios a instauração desse perfil desejado lança aos cursos de formação de professores de língua portuguesa, quando a questão é o trabalho com a leitura literária? Buscando responder a essas questões, o presente trabalho toma como objeto de análise os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Médio e dois documentos deles derivados: os PCN+ e as Orientações Curriculares de Literatura para o Ensino Médio, categorizado e significado o seu discurso como *prática* (FOUCAULT, 1995, 1996), ou seja, não como mera representação dos sujeitos de que tratam, mas como *espaço de produção desses sujeitos*. A análise então realizada permite constatar que, na atual configuração da disciplina de Língua Portuguesa para os anos finais da Educação Básica, quando a questão é o trabalho com a leitura literária, não há lugar para um *professor de literatura* e sim para o *formador de leitores críticos de textos literários*. É deste que se espera a uma transformação pessoal e profissional que pode garantir, no Ensino Médio, a materialização de um trabalho com a leitura literária eficaz em promover um desejado *letramento literário* (PAULINO, 1998) para o qual as TIC aparecem como aliadas incondicionais. Trata-se de uma mudança que, no que se refere aos cursos de formação de professores de Língua

Portuguesa, apresenta desafios e possibilidades sobre os quais o presente trabalho vem refletir.

Professores de matemática em atividades de produção de textos: em busca de uma resposta para o problema enfrentado por esses profissionais

Ronaldo Barros Ripardo (USP)

O presente resumo traz alguns resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Na arena da produção textual: os professores de matemática em cena”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, concluída em 2009. Teve como objetivo principal investigar que fatores têm contribuído para que o professor de matemática, geralmente, tenha dificuldades em produzir textos. Participaram como sujeitos da pesquisa quatro professores das redes estadual e municipal do Estado do Pará. Os dados foram produzidos a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários com questões abertas e fechadas e postos em triangulação para análise, de onde foram construídas categorias de análise. Os referenciais teóricos adotados foram Mikhail Bakhtin – teoria enunciativa –, Antonio Marcuschi – gêneros textuais – e Wanderlei Geraldi – ensino de língua portuguesa. Além destes, são adotados também outros da Educação Matemática como Arthur Powell – escrita em matemática – e Márcia Brito – resolução de problemas. Os sujeitos pesquisados evidenciam a educação básica, especialmente o ensino fundamental, como o momento em que mais tiveram atividades de produção escrita na disciplina língua portuguesa, sendo os exercícios de redação ensinados com base nos tipos narração, descrição e dissertação. Esse mesmo modelo também existiu durante o ensino médio, com exceção dos que fizeram o curso técnico em Magistério. Nesse curso, a produção textual esteve presente nas disciplinas pedagógicas. Foi também nesse tipo de disciplina que os professores tiveram produção textual no curso de Licenciatura em Matemática. Tais sujeitos não evidenciam em suas falas a importância da produção textual para a aprendizagem em matemática, como também praticamente não a usam em suas atividades docentes. Quando isso acontece, não supera o modelo de escrita transaccional.

Ensino de língua materna: uma análise das práticas discursivas materializadas na e pela escola

Rosângela Rodrigues Borges (Unifal-MG) -
rosangelarborges@gmail.com

Este trabalho objetiva investigar as práticas discursivas materializadas no discurso do professor e do aluno de Ensino Médio (EM) em relação ao uso da Língua Portuguesa (LP). Para tal, fundamentamos nosso trabalho no arcabouço teórico da Linguística Crítica, da Pragmática, além de estudos na área da linguagem, ligados à identidade. O corpus é constituído de entrevistas semiestruturadas com dois professores de LP e dez alunos (EM) de uma escola pública de Uberaba/MG. Na análise, observou-se o processo de construção da identidade linguística realizado na/pela escola por meio do ensino-aprendizagem da LP e do discurso materializado no dizer de alunos e professores em relação ao uso da língua padrão. Percebe-se que há uma contradição entre o que é dito e o que feito, perfazendo-se um discurso ideológico por meio do qual não é revelado ao aluno o porquê do aprendizado da língua padrão via gramática: dá-se aquilo de que ele precisa, mas nas condições em que esse ensino se realiza, as chances para se obter o fracasso são maiores do que para o sucesso. Mantém-se, pois, o quadro de que a “escola ensina, mas o aluno não aprende”.

A influência da sequência didática na retextualização da resenha acadêmica

Rosany Aparecida Portugal (UFV) - rosanyportugal@hotmail.com
Adriana da Silva (UFV) - adriasilva124@hotmail.com

Este trabalho é parte do projeto de dissertação de mestrado, ainda em andamento, “A influência da intertextualidade e da Sequência Didática (SD) na retextualização da resenha acadêmica” que investiga as produções de resenhas acadêmicas dos alunos de Leitura e Produção de Textos de alguns cursos da Universidade Federal de Viçosa. Nas instituições de ensino superior, os problemas de leitura, compreensão e produção são recorrentes, e os alunos apresentam dificuldades em ingressar no discurso acadêmico, no que tange à produção textual, pelo fato de que muitas vezes não conseguem identificar os gêneros próprios dessa esfera, como as resenhas. A retextualização de gêneros escritos em outros gêneros escritos aparece nesse contexto como uma atividade eficiente de produção textual, uma vez que demanda o conhecimento de gêneros e também de suporte. Na atividade de retextualização são necessárias, portanto, as

modificações de léxico, de estrutura frasal, para que a produção textual se adeque ao gênero de destino. Assim, aplicamos, em uma turma de Leitura e Produção Textual do curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa, uma SD que constava da produção de uma resenha acadêmica a partir de um artigo científico. A primeira produção foi, propositalmente, realizada sem instruções sobre o gênero resenha. Buscamos, então, fazer intervenções, por meio de um módulo sobre o gênero resenha acadêmica, partindo da produção inicial dos alunos, para chegar à produção final. Notamos avanços consideráveis. Podemos considerar, portanto, que a SD favorece o aprendizado dos gêneros textuais, especificamente, neste trabalho, do gênero resenha acadêmica.

A produção textual em aula de língua portuguesa para fins específicos: o portfólio como estratégia de (auto) avaliação

Sandro Luís da Silva (UFLA/MG-PUC/SP) - vitha75@gmail.com

As mudanças sociais, políticas, econômicas e as próprias políticas institucionais das universidades brasileiras tem exigido dos cursos superiores novas posturas face ao processo de ensino-aprendizagem, cujo objetivo é promover uma formação inicial mais abrangente, considerando a complexidade presente na vida diária das pessoas que vivem nas diferentes áreas profissionais. É preciso desenvolver nos alunos posturas com dimensões ampliadas em relação à autonomia, à criticidade e a uma formação permeada por um processo reflexivo. A partir de 2009, a Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais, implementou na matriz curricular de todos os cursos de graduação, baseando-se em reformas institucionais, as disciplinas de Comunicação e Expressão, Inglês, Matemática, Sociologia e Filosofia, que compõem o Núcleo de Formação Comum, com o objetivo de preparar seus alunos em áreas fundamentais para o crescimento profissional e intelectual. A Comunicação e Expressão visa, dentre vários objetivos, à criação de espaços para o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e de escrita de textos em diferentes gêneros, oportunizando o desenvolvimento das competências comunicativas, assim das relações inter e intrapessoais, visando à vivência no ambiente universitário e à preparação para se inserir o aluno no mercado de trabalho. O processo de avaliação deve ser contínuo e reflexivo na prática educativa. Esta comunicação objetiva a socialização de algumas reflexões sobre o processo de escrita de textos em vários gêneros textuais pelos alunos do primeiro período de graduação do curso de Medicina Veterinária, durante o segundo semestre de 2009, reunidos em um portfólio, no qual se apresentam

uma introdução e uma conclusão crítico-reflexivas dos alunos. Nossa análise, quanto ao processo de escrita, está pautada, sobretudo, em Koch & Elias (2008) e em Marcuschi (2001), em Schneuwly & Dolz (2004) e em Dionisio, Machado & Bezerra (2005) no que diz respeito aos gêneros textuais e, em relação ao portfólio como estratégia de avaliação em Hernández (2000).

Identificações do professor de língua portuguesa em início de carreira: um movimento na história

Silvane Aparecida de Freitas (UEMS) - silvaneafreitas@hotmail.com

Temos como objetivo, nesta comunicação, analisar como se dão as filiações teóricas do professor de língua materna em início de carreira. Sabemos que diversos outros perpassam o dizer/fazer pedagógico do professor; em se tratando de professor iniciante, a presença do Outro é ainda mais acentuada, os conflitos teóricos, a tensão entre a angústia, o medo e o sonho aparecem mais marcados. Assim sendo, acompanhamos quatro professoras de Língua Portuguesa do ensino fundamental em início de carreira, com o fito de intervir em sua prática, tentar amenizar suas angústias, oferecer mais subsídios para que pudessem fazer suas escolhas teóricas com mais convicção. Para isso, partimos para uma pesquisa-ação, oportunidade em que inicialmente observamos o fazer pedagógico dessas professoras. Na oportunidade, observamos que diversos outros constituíam o seu dizer/fazer, o que nos remeteram ao discurso de seus ex-professores, às teorias lidas, aos cursos de formação continuada, e, até ao livro didático ou apostilas que o sistema educacional lhes oferece (MARTINS, 2002). Em seguida, por meio de reuniões de estudo, refletimos sobre a prática de ensino de língua materna em conjunto com essas professoras, para posteriormente adentrarmos novamente no cotidiano de sala de aula dessas professoras. Naquela oportunidade, pudemos constatar que o discurso dessas professoras já não era mais o mesmo, pudemos perceber mudanças de identificações, de filiação teórica, ou seja, um movimento em seu fazer pedagógico.

A divulgação científica nos suplementos e revistas infantis

Sheila Alves de Almeida (PG-FEUSP)

Atualmente, no Brasil, assuntos ligados a ciências, destinados, a crianças, na forma escrita, têm sido inseridos, com alguma frequência

nos suplementos infantis de grandes jornais de circulação nacional, entre os quais citam-se: *Gurilândia (Estado de Minas, MG)*; *Folhinha (Folha de São Paulo, SP)*; *Globinho (O Globo, RJ)*; *Diário do Nordeste Infantil (Diário do NE, CE)*; *Almanaque (O Popular, GO)*; *Gazetinha (Gazeta do Povo, PR)*; entre outros. As revistas de circulação nacional de mais destaque são: *Recreio, Mundo Estranho, Ciência Hoje das crianças*. Considerando-se as especificidades do grupo para o qual esses suportes são destinados, a peculiaridade da linguagem para esse público e a esfera de produção desses materiais faz-se necessário aprofundar os estudos sobre o discurso de divulgação científica para crianças. Nessa perspectiva, este trabalho apresenta alguns resultados de uma investigação sobre o gênero de divulgação científica nos suplementos *Gurilândia (Estado de Minas, MG)* e *Folhinha (Folha de São Paulo, SP)* e nas revistas *Recreio* e *Ciência Hoje das crianças*. Com o objetivo de compreender a divulgação científica e as concepções de ciências presentes nesses suportes foi analisado nos artigos os produtores de texto, a visão de ciências veiculada, a incidência de discurso citado e a presença dos discursos reportados, nas duas principais formas de apresentação: o discurso direto e o discurso indireto. Para fundamentar teoricamente essas discussões, optou-se pela corrente sócio-histórica, tomando, portanto, como fundamento o conceito de linguagem e de discurso nos trabalhos de Bakhtin.

Qualidade do ensino depende da história de vida – a narrativa biográfica

Sidney Bernardo (UNILUS)

O presente artigo trata da qualidade do ensino e sua inter-relação com a História de Vida – A Narrativa Biográfica, principalmente, sua influência na Didática e quando a ênfase é a Licenciatura Plena, nos cursos ou programas de Formação Pedagógica para Professores. A produção de um texto original contendo a História de Vida ou Biografia, no qual o discente deve focalizar as razões de sua escolha pela docência, assim como os itinerários percorridos em toda a sua trajetória profissional até o presente, entendemos que contribui efetivamente para a qualidade do ensino e das aulas ministradas durante o processo ensino-aprendizagem. Nos últimos anos, no campo das ciências humanas, têm sido intensos os investimentos em pesquisa sobre a qualidade do ensino, uma vez que esta é considerada a responsável direta pela formação de profissionais do ensino. A qualidade do ensino, nos seus diferentes cursos, quer seja

da Educação Básica ou da Educação Superior oferecida é, sem dúvida, um dos grandes desafios encontrados pelos gestores educacionais e pelas políticas governamentais. O discente, como cliente imediato dessa prestação de serviço educacional, é quem mais sente na pele os reflexos da qualidade no ensino que lhe é oferecido. Esta qualidade está diretamente ligada à sua participação no cotidiano escolar, ao seu interesse em sua própria formação e à participação efetiva do processo ensino-aprendizagem, às aulas que lhe são ministradas, ao desconforto experimentado com o que paga e o que recebe, no convívio diário com o docente e também nas informações que lhe são transmitidas e na aplicação dessas mesmas informações que deverão propiciar a auto-avaliação, que o discente faz da realização pessoal e/ou profissional ser transformadas em conhecimento. Todo o trabalho educacional desenvolvido pelo docente e discente brota da reflexão sobre a sala de aula: processo de ensino-aprendizagem e das instituições de ensino: espaço de “interações”. Compreender como o ensino se relaciona com a aprendizagem e os diferentes enfoques deste processo; como a prática docente encerra uma visão de mundo, de sociedade, de cultura, de educação; a importância de tornar relevante a aprendizagem para que ela se torne significativa e a sensibilidade para perceber que ela ocorre também fora da escola são aspectos do estudo do processo de aprendizagem que não podem ficar isolados, quando se pesquisa a questão da qualidade de ensino. Interessante perceber que no processo de ensino-aprendizagem tudo o que o discente aprende na relação com o docente e com o grupo-classe, bem como todo o processo de aprendizagem, realiza-se pelo relacionamento interpessoal muito estreito entre discentes e docentes, discentes e discentes, docentes e docentes, enfim, entre discentes, docentes e gestores. Criam-se, assim, possibilidades de sucesso (ou de fracasso) do processo ensino-aprendizagem.

**A produção textual no livro didático:
uma reflexão sobre o ensino da escrita**

Tatiane Portela Vinhal (Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP)

Renata Junqueira de Souza (Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP)

O presente trabalho foca na aprendizagem e nos usos da escrita, pois ela permite ao sujeito assumir sua palavra na interação e diante dos seus interlocutores. Dessa forma, é importante fazer um levantamento

do ensino de Língua Portuguesa no país, especificamente no ensino dessa habilidade. Assim, durante algum tempo, essa disciplina considerava que saber português era conhecer as regras e normas gramaticais. As teorias da enunciação, do texto e do discurso propõem que não é possível entender a língua excluindo-a da sua função social. Essas novas concepções mudaram em sala de aula o “jeito” de ensinar a escrever, já que as redações e composições, por tratarem de temas aleatórios, não eram adequadas para o desenvolvimento da escrita. Assim, surge a proposta das produções textuais em que o objetivo do texto produzido pelo escritor é a sua interação com o leitor. Para este estudo, usar-se-á o livro didático, elemento presente na relação aluno-professor e no cotidiano da escola, já que é por meio da sua escolha é que são definidos os conhecimentos a serem tratados pela escola. Assim, os manuais didáticos tornam-se importantes objetos de estudo para compreender o processo de ensino e aprendizagem da escrita. Portanto, o que se propõe aqui é uma reflexão sobre as atividades referentes à produção de textos em sala de aula, tendo como critério o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) propõem como objetivo para o ensino dessa habilidade.

Metodologia reflexiva no ensino das preposições: aplicações e impasses provocados pelas gramáticas

Thatiana Ribeiro Vilela (UNIFESP) - thatianavilela@ig.com.br

O ensino de gramática atualmente verificado consiste, como vários autores têm observado, em uma espécie de transmissão de conteúdos prontos e previsíveis, exercícios repetitivos e memorização excessiva de nomenclaturas, procedimentos esses que acabam excluindo questões relacionadas à língua em uso. Isso não se deve apenas ao tratamento que se confere à gramática em sala de aula, mas também ao que os livros propõem como base de ensino. Como resultado, temos alunos que desconhecem a razão pela qual aprendem gramática, por não compreendê-la significativamente, e professores que, embora queiram, muitas vezes, fazer diferente, não escapam do que se encontra posto. Some-se a esse quadro a questão da não uniformidade na língua, que, por sofrer modificações oriundas de fatores culturais, sociais e temporais, evidencia a necessidade de se desenvolver uma teoria gramatical baseada nos diferentes empregos que se faz dela, como ressalta Neves (2004, p.126), para quem o ensino de gramática “não pode reduzir-se a uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as ocorrências naturais e

ignorem zonas de imprecisão ou de oscilação, inerentes à natureza viva da língua”. As preposições, objeto de nosso estudo, ilustram bem o fato de que as gramáticas consideradas ‘tradicionais’ nada podem oferecer como recurso aos professores, além de regras divididas entre o “certo” e o “errado”. Resta verificar o que outras gramáticas, inscritas em diferentes referenciais teórico-metodológicos, têm a oferecer para que se alie ao uso da língua a reflexão sobre a sistematicidade gramatical. Neste trabalho, buscaremos mostrar que, ainda que apresentem um quadro descritivo minucioso do uso das preposições, tais gramáticas não proporcionam aos professores elementos suficientes para compor uma metodologia reflexiva que envolva construções preposicionais e que possa trazer respostas às questões relacionadas, de um lado, ao seu funcionamento, e de outro, à associação com o contexto em que estão encaixadas.

Escrever na escola: concepções e práticas de professoras de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental

Tirzá Ben-Hur de Almeida de Souza (UFPR) - tirza@positivo.com.br

Segundo Faraco e Castro (1999), os avanços nos estudos sobre ensino e aprendizagem de língua materna trouxeram inúmeras críticas ao ensino orientado pelo normativismo linguístico então corrente. Conceitos como interação linguística, intervenção pedagógica, zona de desenvolvimento proximal ou zonas potenciais de desenvolvimento fizeram emergir uma proposta de ensino de Língua Portuguesa que partisse da concepção de linguagem como interação entre sujeitos historicamente situados. Tal proposta sugere que o ensino de língua não deveria pautar-se em memorização, mas em reflexão, não em estudo de unidades linguísticas isoladas, mas na enunciação escrita ou oral de textos significativos e que circulem socialmente. Em consonância com esses avanços teóricos, o Ministério da Educação documentou e avalizou para a escola brasileira a opção por tal concepção de ensino de língua. Se refletidos na prática, tais avanços inseririam a escola na modernidade. O estudo que ora se apresenta resultou de um trabalho de pesquisa de campo, com dados coletados em entrevista semiestruturada a professoras e observação e análise de cadernos escolares. Seu objetivo primeiro foi descrever e comparar algumas concepções e algumas práticas de professoras de Língua Portuguesa nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental em duas escolas públicas municipais do município de Colombo-PR. A análise das entrevistas permitiu verificar que os avanços teóricos no campo da Linguística têm influenciado o discurso das entrevistadas, o qual mostra aproximações com a abordagem interacionista e discursiva

da linguagem. As atividades propostas nos cadernos dos alunos, entretanto, revelaram práticas de ensino normativistas e prescritivas.

Contemplar e interpretar o mundo: o olhar poético de Cecília Meireles Valéria Lize de Oliveira (UNESP, Araraquara)

Este trabalho foi elaborado a partir de um dos capítulos da dissertação de mestrado *O universo imagético na palavra de Cecília Meireles* defendida em dezembro de 2003 na UNESP, Campus de Araraquara. Analisando essencialmente o livro *Mar Absoluto* (1945), a dissertação discute o amadurecimento da escrita poética cecilianiana, traduzida em palavra, imagem e símbolos poéticos. O capítulo selecionado para esta apresentação, *Contemplar e interpretar o mundo: o olhar*, discute e evidencia por meio da análise de dois poemas cecilianos, “Contemplação” e “Interpretação”, a busca de Cecília Meireles em interpretar o mundo via linguagem poética, contemplando elementos representativos naturais e míticos do homem. A análise de dois poemas escolhidos objetivou evidenciar a sensibilidade lírica moderna de Cecília Meireles ao captar, via olhar contemplativo, sinais, símbolos e imagens poéticas que perpassam a existência humana e seu momento histórico, traduzindo-os em versos. Ao mesmo tempo que traduz os dilemas humanos em poesia, Cecília Meireles, neste livro, indaga e reflete sobre seu papel de poeta num mundo pós-guerra: *Falai! Que estou distante e distraída/ Com o meu tédio sem voz. Ao lermos os poemas “Contemplação” e “Interpretação”, sentimos a presença do olhar silencioso, perscrutador de um eu lírico que, oprimido pela sagacidade e barbárie humanas, isenta-se de verdades absolutas e busca na própria fragilidade e incompletude das coisas e seres a sua maior significância: NÃO ACUSO/ Nem perdôo./ Nada sei/ De nada./ Contemplo. Ao definir o ato de interpretar, Cecília Meireles elege não apenas a forma sígnica/simbólica (as palavras) mas justamente o discurso que as compõe, que não está escrito e sim sugerido nos interstícios discursivos, cabendo ao olhar, que não vê mas contempla o mundo, desfigurá-los e interpretá-los na abertura do evento linguístico.*

A leitura literária escolar no Ensino Fundamental: diferentes abordagens Vanessa Cristina da Cunha (FEUSP) – vccunha@hotmail.com

Sobre a relevância da presença de livros de literatura no ambiente escolar, pouco se questiona. Em sala de aula ainda muitos professores conduzem os trabalhos com os livros somente através de

questionários e provas, anulando ou reduzindo o caráter frutivo da arte literária. A presente proposta consiste em discutir diferentes estratégias para favorecer o encontro do leitor com o “seu livro”, com o livro que surge diante do leitor que se torna parte integrante da obra no momento da leitura, sem perder de vista os compromissos curriculares da escola. A perspectiva de recepção do texto adotada para este trabalho está pautada nos estudos de Wolfgang Iser, Vincent Jouve e Annie Rouxel.

A literatura de estrada nas aulas de língua portuguesa: uma análise da produção do sentido em frases de pára-choques e lameiras de caminhões com a temática da mulher

Virginia Beatriz Baesse Abrahão (UFES) -
virginia_abrahaoo@yahoo.com.br

Essa discussão é resultado de pesquisa realizada na UFES dentro da perspectiva da Produção de Sentido. Tendo por objetivo trazer falas do cotidiano para as aulas de Língua Materna, propusemos um trabalho com frases de pára-choques e de lameiras de caminhão, tendo por base um olhar semântico-discursivo sobre elas. Veiculadas pelo Diário da Tarde (BH), em uma reportagem denominada Literatura de Estrada, chamou-nos atenção as frases que diziam respeito à mulher. Essas frases denotavam extrema agressividade, com um tom machista, utilizando-se da ironia como pano de fundo, a qual tinha como suporte a utilização do campo lexical “peças de caminhão”. A questão que lançamos foi como levá-las para as salas de aula, já que isso incorreria em um reforço das posturas machistas já tão presentes na nossa sociedade. Afinal, o que pode ou deve ser levado para o trabalho em sala de aula? A sala de aula deve ser poupada de determinados discursos ou devemos enfrentar, junto com os alunos, as leituras que o cotidiano nos propõe? Nossa investigação se propôs, então, a fazer uma análise mais acurada dessas frases a fim de melhor compreender o que representa a mulher para o caminhoneiro. Partíamos da hipótese de que qualquer discurso deve estar presente nas aulas de Língua Materna, pois consideramos a leitura como lugar de discussão da sociedade, junto aos alunos. Para tanto, consideramos nas frases os *processos de produção de sentido*, ou os *procedimentos que provocam certo estrangulamento do código e assim levam a bifurcações de leituras*. (Mari, 2008) Esses se mostraram fartos, na literatura de estrada, e estão estreitamente vinculados ao lugar de circulação dessa literatura, ou seja, a traseira do caminhão. Fora desse lugar certamente perderiam o efeito de

sentido almejado. A análise cumpriu várias etapas, indo de uma análise mais linguística, passando por uma análise dos processos de enunciação até chegar a uma análise mais discursiva, quando aplicamos algumas categorias da Análise do Discurso de linha francesa. As conclusões a que a investigação chegou foram retiradas de cada etapa da análise, mas de modo geral pudemos concluir da análise dessas frases selecionadas que a mulher representa para o caminhoneiro objeto de desejo irrealizado ou objeto de frustração, de insegurança. Ele tão forte, corta as estradas, carrega cargas tão pesadas, mas impotente diante da mulher. Por fim concluímos que se essa leitura for assumida pela escola, tendo em vista um olhar acurado sobre o linguístico juntamente com fatores do discurso, nossas aulas cumprirão o seu papel de levar aos alunos uma melhor compreensão do homem na sua relação com a linguagem.

Ensino de leitura na perspectiva da análise crítica do discurso

Waldivia Maria de Jesus (PUC - SP) - waldiviajesus@ig.com.br

Este trabalho centra-se na investigação de estratégias de ensino de leitura, com foco na desconstrução de imagens estereotipadas construídas social e culturalmente. Objetivos: a) investigar as contribuições da Análise Crítica do Discurso para o ensino de leitura de modo que favoreça a desconstrução de imagens estereotipadas que geram preconceito; b) investigar estratégias de ensino de leitura e testá-las com estudantes de final do Ciclo II, da Rede Pública de Ensino. Metodologia: Formulação de hipótese sobre textos, do gênero artigo de opinião, veiculados na mídia escrita, que refletem sobre o preconceito contra a elite brasileira. Base teórica: Teorias de Protótipo e Estereótipos. Teylor, (1998), Sherman (1996) e a Análise Crítica do Discurso Van Dijk (1997). Resultados: os resultados obtidos nessa pesquisa revelaram que as atividades de leitura, desenvolvidas na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, podem contribuir para a desconstrução de imagens estereotipadas, desde que se realizem em um processo contínuo e constante.

VI. Comunicações coordenadas

Ensino de português para estudantes e profissionais de áreas técnicas

Coordenadora: Ana Maria Nápoles Villela (CEFET-MG) –
anapoles@uol.com.br

Para esta mesa, propomos uma discussão que se situa no campo do ensino de língua portuguesa para fins específicos, em sua relação com domínios discursivos da engenharia. Fundamentados nos estudos de letramentos acadêmicos, estamos desenvolvendo o Projeto LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO - Perfil do aluno, diagnóstico e prognóstico para o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) por meio do PROPEAQ, Edital nº 75/09, e pela FAPEMIG, por meio de bolsas de Iniciação Científica. Nosso objetivo principal é contribuir para a reflexão e a ação no campo do ensino de engenharia e da formação do engenheiro para as demandas do mundo contemporâneo. Num primeiro momento, foi feita uma análise preliminar dos projetos pedagógicos para verificar se eles atendem os documentos oficiais segundo os quais a formação desse profissional deve estar pautada pela mais ampla humanização e pelo desenvolvimento de competências de leitura e escrita. Assim, dois dos trabalhos aqui apresentados discutem a relação entre um documento oficial brasileiro que orienta a formação do engenheiro em relação a competências de leitura/escrita e os discursos explicitados em projetos pedagógicos de cursos de engenharia. Num segundo momento, aplicamos, no início do primeiro semestre de 2010, um questionário aos alunos novatos de engenharias, em todas as unidades da Instituição. As seções do instrumento de coleta de dados se referem ao letramento acadêmico e escolar, literário e digital dos alunos. Para esta seção, por meio de métodos mistos (quanti-quali), procuramos conhecer mais aprofundadamente o perfil do aluno ingressante no CEFET-MG em relação ao seu nível de letramento digital, para, a partir desse diagnóstico, programar intervenções mais ajustadas em relação ao melhor desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita na graduação, com vistas à vida acadêmica e profissional.

Letramento digital de alunos ingressantes em áreas técnicas

Ana Maria Nápoles Villela (CEFET-MG) – anapoles@uol.com.br
Ana Elisa Ribeiro (CEFET -MG) – anadigital@gmail.com

Este trabalho integra o projeto “Leitura e Escrita na Formação do Engenheiro” - cujo objetivo principal é traçar perfil do aluno,

diagnóstico e prognóstico para o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Por meio de um questionário aplicado a todos os alunos de engenharias ingressantes no primeiro semestre de 2010, coletamos dados referentes ao letramento acadêmico e escolar, literário e digital dos alunos e buscamos verificar a bagagem trazida pelos jovens das práticas do ensino médio, assim como as expectativas que eles têm sobre o curso superior que escolheram. Com base análise quantitativa dos resultados, obteve-se um perfil dos jovens respondentes em relação à idade, hábitos de leitura e escrita, conhecimento de gêneros textuais do domínio acadêmico, representações e receptividade em relação a disciplinas ligadas ao estudo de língua portuguesa e línguas estrangeiras, acesso à informática. Os resultados gerais apontam para um perfil de jovem que lê pouco, escreve pouco, tem acesso a computadores e à internet, é pouco receptivo a disciplinas de línguas, mas espera encontrar nessas matérias mais uma oportunidade de desenvolver seus conhecimentos de gramática e redação em português, de maneira utilitária, ou seja, aprimorando-se na escrita de gêneros ligados à sua formação acadêmica e profissional. Neste trabalho, analisamos as respostas às questões relativas ao uso do computador como suporte de escrita e de leitura, à frequência desse uso e ao tipo de ferramenta de rede social e de comunicação instantânea mais utilizada. A partir desse diagnóstico, pretendemos propor um melhor alinhamento entre os cursos oferecidos pela Instituição, documentos oficiais e expectativas dos graduandos.

Leitura e escrita em projetos pedagógicos de engenharia

Erika Gabriele Alves Alcântara (CEFET-MG)

Thiago Câmara Rodrigues de Souza (CEFET-MG)

Juliana Cristina Souza Soares (CEFET-MG)

jujuletras2004@yahoo.com.br

Ana Maria Nápoles Villela (CEFET-MG) anapolis@uol.com.br

Os cursos de engenharia no Brasil vêm se esforçando por atender às orientações do Parecer CNE/CES 1.362, publicado em 2002, pelo Ministério da Educação. A partir da publicação desse documento, faculdades de todo o país tiveram que reformular seus projetos pedagógicos para atender às novas exigências que propõem um novo perfil ao egresso dos cursos de engenharia. Dentre as várias diretrizes nele propostas, encontra-se na alínea (i), a necessidade de que o engenheiro tenha desenvolvido competências comunicacionais orais e escritas ao longo de seu processo de formação. Este trabalho é parte

de uma pesquisa em andamento que se propõe a avaliar os efeitos provocados por esse parecer nos cursos de engenharia do CEFET-MG. Discutimos, então, a relação entre os discursos explicitados nos projetos pedagógicos e o que realmente se tem executado, levantando as seguintes questões: qual é o peso de disciplinas de ensino da escrita? O que é proposto em suas ementas? Quais são os departamentos e professores responsáveis por ministrá-las? Que relações há entre as propostas de disciplinas e os discursos e as práticas específicos do domínio acadêmico e profissional na engenharia? Sendo assim, após leitura dos projetos pedagógicos dos cursos de engenharia em vigor na instituição, analisamos se as orientações do Ministério da Educação referentes ao desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita estão sendo atendidas. Os resultados nos levaram à conclusão de que, embora haja disciplinas como Português Instrumental ou Redação Técnica, o conteúdo das ementas parece não permitir que o estudante desenvolva habilidade de leitura e escrita além do que foi ensinado no ensino médio, o que nos permite considerar que as disciplinas propostas não estão direcionadas às práticas acadêmicas e profissionais dos futuros engenheiros.

Ensino de Português Instrumental: concepções e expectativas de alunos de engenharia

Ana Elisa Ribeiro anadigital@gmail.com

Izabella Ferreira Guimarães

Suelen E. Costa da Silva – suelenerica@yahoo.com.br

Bárbara Rodrigues e Silva (Cefet-MG)

A humanização da formação em engenharia vem sendo discutida desde a década de 1990, no Brasil. Em 2001/2002, um documento oficial do Ministério da Educação (BRASIL, 2002) passou a orientar reformas e lançamentos de cursos de engenharia brasileiros, no sentido de que a formação desses profissionais incluísse um perfil mais explicitamente voltado à responsabilidade social e à comunicação. Na alínea (i) desse Parecer, registra-se a diretriz de que engenheiros se comuniquem eficientemente tanto por escrito quanto oralmente. O relato que ora se apresenta faz parte de um projeto de pesquisa que se concentra na investigação dos efeitos desse documento oficial no ensino de engenharia em uma instituição pública de Minas Gerais especializada na formação técnica. Com base em discussões sobre o Parecer de 2002, assim como em uma fundamentação teórica vinculada ao ensino de língua materna e à sua

abordagem instrumental, passamos a relatar os resultados de um grupo focal promovido no CEFET-MG, com alunos de vários períodos da graduação em cursos de engenharia. O debate no grupo focal foi gravado em áudio e transcrito para análise. Foi feita uma análise qualitativa minuciosa das discussões do grupo. Os resultados levam à conclusão de que as expectativas dos estudantes são muitas em relação às disciplinas de língua portuguesa, embora estejam concentradas na necessidade de escrever melhor gêneros textuais que circulam no domínio profissional da engenharia. Nesse sentido, as expectativas são bastante "aplicadas" e as concepções de aula de português se voltam bastante a um descolamento do que foi feito no ensino médio.

A autoria na produção textual escrita: da alfabetização ao ensino médio

Coordenadora: Fabiana Claudia Viana Borges (FFCL-ITUVERAVA-SP) – fabianacvc@yahoo.com.br

Partindo do pressuposto de que existem diferentes práticas (pro)postas pela Escola, sobretudo no que diz respeito aos modos de produção da leitura e da escrita, esta Coordenadora tem por objetivo propor uma discussão acerca dos gestos de leitura e de escrita, pelo viés da Análise do Discurso, de linha francesa. Para isso, serão apresentadas análises de recortes de textos distintos, provenientes de discursos produzidos em diferentes instâncias no contexto escolar, quer sejam em práticas de Alfabetização de Jovens e Adultos, quer em práticas desenvolvidas no Ensino Médio. Neste trabalho, os sentidos e os sujeitos não são considerados prontos, mas em efetiva construção e aceita-se que é preciso inserir nos estudos discursivos as condições de produção em que esses gestos se dão; nos textos aqui analisados, os mecanismos de distribuição dos sentidos na/pela Escola e o modo como esse espaço institucional significa e faz significar por suas práticas, engendrando sentidos já estabilizados, esperados e regulados são questões cruciais para pensarmos a constituição histórica dos sujeitos-leitores, tanto do imaginário que constitui o sujeito-leitor (aquele que se espera) quanto do sujeito-leitor real (aquele que se tem), presente na Escola. Considerar os gestos de leitura e escrita tal como propomos neste Seminário é fazer com que essas práticas passem a funcionar e a significar também fora da escola. E isso só se faz possível porque, a nosso ver, a Análise do Discurso constitui-se como um dispositivo que possibilita uma prática de interpretação capaz de produzir um

deslocamento dos sentidos (e dos sujeitos) para um outro lugar, menos previsível, menos evidente e menos estabilizado, que faz (re)significar o que ficou silenciado no discurso.

Autoria e argumentação: análise discursiva de textos escritos em sala de aula.

Fabiana Claudia Viana Borges (FFCL-ITUVERAVA-SP) –
fabianacvc@yahoo.com.br

Quando se trata de produção textual escrita no espaço escolar, comumente observa-se que a correção gramatical e a parte estrutural, numa perspectiva conteudística, são supervalorizadas em detrimento aos argumentos e à própria autoria, numa perspectiva discursiva. Isso evidencia, de certa forma, práticas escolares que promovem apenas uma leitura parafrástica, com repetições e respostas já delimitadas, silenciando os dizeres, sem abrir espaço ao múltiplo, ao polissêmico, a possibilidade de sentidos vários, ao interpretável e ao historicizado, não proporcionando condições para que o aluno ocupe a posição sujeito-autor em seus textos e nem sequer constitua seu próprio arquivo. Partindo desse pressuposto, pretende-se, nesta comunicação, embasada pela teoria de Análise de Discurso, apresentar análises de textos escritos produzidos por alunos em fase de preparação para o vestibular, focando na assunção e/ou interdição da autoria a partir das condições de produção dadas no “Curso Preparatório para o Vestibular”, trabalho de caráter voluntário, oferecido aos alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Capitão Antônio Justino Falleiros, na cidade de Ituverava-SP, observando, dessa maneira, como o trabalho com textos de diferentes tipologias e as correções realizadas pelo professor, considerado como o corretor do texto, contribuem, ou não, para a produção de textos com autoria e argumentação. Serão norteadores teóricos desta pesquisa conceitos como texto, discurso, escrita, autoria, argumentação, interpretação e arquivo, a partir de autores como Orlandi, Pacífico e Pêcheux, dentre outros, que consideram que os professores que pautam suas práticas principalmente na estrutura dos textos não contribuem para que o aluno constitua seu próprio “arquivo”.

Textos escritos em sala de aula : argumentação e assunção da autoria.

Thaís Silva Marinheiro

Deparamo-nos, muitas vezes, com textos escritos na escola sem construções argumentativas que, de fato, extrapolem um lugar

comum, de sentidos previsíveis. Muitos alunos até procuram produzir um texto argumentativamente bem escrito, mas a preocupação com a gramática e a parte estrutural prevalece. Assim, observamos que a leitura parafrástica ainda permanece em sala de aula, com atividades que não permitem a assunção do sujeito-aluno para sujeito-autor em seus textos. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Para que o aluno “torne-se” autor, é preciso que ele faça uso da leitura polissêmica e constitua seu próprio arquivo. O autor, em seus textos, dá indícios de suas leituras, e faz com que o leitor siga o mesmo caminho bibliográfico por ele percorrido. Partindo desses pressupostos, pretende-se, com este painel, embasado pela teoria da Análise de Discurso, apresentar análises de textos escritos produzidos por alunos em fase de preparação para o vestibular, focando na assunção e/ou interdição da autoria. Para isso, as condições de produção dadas serão relevantes para as análises, isto é, o “Curso Preparatório para o Vestibular”, trabalho de caráter voluntário, oferecido aos alunos de 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Capitão Antônio Justino Falleiros, na cidade de Ituverava, observando, dessa maneira, como o trabalho com textos de diferentes tipologias e as correções realizadas pelo professor, considerado como o corretor do texto, contribuem, ou não, para a produção de textos com autoria e argumentação. Pretendemos, também, contribuir para que o aluno compreenda a importância de enriquecer seu arquivo, pois só o acesso ao arquivo discursivo possibilita a leitura como um processo de construção que vai além dos sentidos literais.

Relação da autoria e letramento na alfabetização de jovens e adultos

Maria do Carmo Rodrigues Barbosa
Denise Kaliman Vitor

O presente trabalho, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida na FFCL de Ituverava-SP, pretende apresentar uma investigação da autoria no processo de letramento, a partir de textos de alunos sujeitos, alfabetizados ou não, desenvolvidos em aulas do Programa de Alfabetização e Inclusão de Adultos (doravante – PAI). Tendo como pressupostos teóricos as formulações da análise do discurso de "linha francesa", privilegiando especialmente aquelas desenvolvidas por Eni P. Orlandi, Leda Verdiani Tfouni e Soraya Romano Pacifico, este projeto de pesquisa visa analisar redações produzidas por alunos do PAI, com o objetivo

de investigar a posição discursiva do sujeito para assumir a autoria no processo de letramento, realizando gestos de interpretação. Com isso refletimos que a assunção de autoria não está diretamente relacionada com a escolaridade. Para atingir esses objetivos, analisamos o modo de funcionamento dos textos dos alunos, aqui considerados como discursos, procurando pistas linguísticas que indicam como ocorre o princípio de autoria nas redações e como os sentidos circulam nos textos selecionados. Assim, poderemos observar como os alunos jovens e adultos, em processo de alfabetização, excluídos da escola em seu período regular, usam mecanismos linguísticos para ocupar, ou não, a posição de autor no processo de letramento.

Instrumentos para o processo de formação de professor em uma nova perspectiva

Coordenadora: Siderlene Muniz Oliveira (LAEL/PUC-SP) –
sidmuniz@terra.com.br

Esta sessão coordenada tem por objetivo geral apresentar um conjunto de pesquisas desenvolvidos por estudiosos da área de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, tendo como fundamentação teórica o Interacionismo Sociodiscursivo, a Clínica da Atividade e a Ergonomia da Atividade, que desenvolvem pesquisas na perspectiva vygotskiniana de explicação do desenvolvimento humano. O Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008; Machado & Bronckart, 2009; Dolz & Schneuwly, 2004) considera que a comunicação humana se materializa em textos, pertencentes a diferentes gêneros, extremamente variáveis e maleáveis. Nessa abordagem, os gêneros textuais são considerados artefatos simbólicos que estão à disposição dos sujeitos numa sociedade, mas só poderão ser considerados ferramentas/instrumentos para o agir quando os sujeitos se apropriam deles, tornando-os úteis para o agir com a linguagem (Machado & Cristóvão, 2006). Assim, quando o professor se apropria de gêneros textuais, transformando-os em instrumentos, o docente pode possibilitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos. Por sua vez, a Ergonomia da Atividade (Amigues, 2004) e a Clínica da Atividade (Clot, 2006) propõem o conceito de trabalho prescrito, trabalho realizado e trabalho real, sendo o último conceito essencial para compreendermos os conflitos no trabalho. Para Clot (2006), o trabalho real engloba, além do trabalho realizado, tudo aquilo que é impedido, desejado, querido, planejado. A Clínica da Atividade utiliza vários métodos para investigar

situações de trabalho, sendo um deles a instrução ao sócia, que possibilita compreender as representações do trabalho real. É a partir dessas abordagens que pesquisadores do Grupo ALTER-CNPq vêm desenvolvendo suas pesquisas buscando contribuir com a compreensão do trabalho docente e, conseqüentemente, com os processos de formação inicial ou contínua do professor.

A entrevista de instrução ao sócia: instrumento para a formação de professor

Siderlene Muniz Oliveira (LAEL/PUC-SP) – sidmuniz@terra.com.br

O objetivo desta comunicação é apresentar a análise de um recorte de uma entrevista de instrução ao sócia, utilizada para uma pesquisa de doutorado em andamento. Esse tipo de entrevista é utilizado pela equipe da Clínica de Atividade da Psicologia do Trabalho no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM) de Paris, França, nos processos de formação de trabalhadores. Partimos de abordagens teóricas da Ergonomia da Atividade e da Clínica da Atividade, que buscam compreender não só o papel do trabalho na perspectiva do desenvolvimento do trabalhador, como também investigar possibilidades de transformações da própria situação de trabalho. Para Clot (2006), numa perspectiva vygotskiana de explicação do desenvolvimento humano, a própria análise do trabalho contribui para a sua transformação. Isso significa que para o autor, apoiando-se em aportes teóricos de Vygotsky (1934/1987, 1935/1984), o diálogo é visto como motor do desenvolvimento, assim sendo, procedimentos metodológicos que envolvam a análise e propiciem o diálogo sobre o trabalho, já geram, por si só, alguma transformação. Essas disciplinas fazem uma distinção entre trabalho prescrito, trabalho realizado e trabalho real. Partindo desses pressupostos, consideramos que a entrevista de instrução ao sócia pode possibilitar o desenvolvimento das capacidades do professor para a realização de suas atividades. Assim, pretendemos apresentar algumas características desse tipo de entrevista, defendendo o seu uso em cursos de formação de professor, expondo algumas possibilidades para a sua utilização.

A tensão no trabalho do professor de português

Daniella Barbosa Buttler (PUC-SP) – danielabar@gmail.com

O objetivo desta comunicação é refletir sobre as situações de tensão no *metier* do docente. A intenção não é decidir qual estratégia é a

mais adequada para lidar com situação problema, mas, conforme nos indica Clot (2006), compreender o trabalho para transformar. Para realizar a análise, nos baseamos na psicologia do trabalho (Clot, 2006), uma disciplina que intervém nos ambientes de trabalho com o objetivo de promover a saúde e desenvolver as capacidades dos trabalhadores. Para o teórico, os conflitos muitas vezes não são diretamente observáveis, por isso a experiência foi desenvolvida em uma escola pública de São Paulo com a aplicação de um questionário para professores de Língua Portuguesa. A partir dos questionários respondidos, foi possível efetuar comparações e averiguar causas e efeitos do mal-estar docente. Assim, fomos capazes de diagnosticar e de assegurar quais problemas são comuns nessa atividade. Como resultado, inicialmente foi comum os trabalhadores apontarem como fonte de stress: muitas frentes de trabalho, trabalho fora da sala de aula, disponibilidade em servir a vários coordenadores; atendimento aos familiares; falta de material; falta de tempo e de oportunidade para formação continuada. Notamos, então, que há um abismo entre a tríade trabalho real / trabalho prescrito / trabalho realizado. Porém, considerando que a atividade docente leva em conta também o estilo, as adaptações, as habilidades, a trajetória de cada indivíduo, é importante registrarmos que as situações conflituosas podem gerar desenvolvimento. A complexidade da atividade docente é a alavanca vital para o seu desenvolvimento. Acreditamos que o trabalho cotidiano dos professores, em cada colégio, envolve também essas relações. Logo, é importante ampliar as fronteiras daquilo que é possível e alimentar no professor a paixão do que é real.

O Trabalho Docente: Possibilidades e Perspectivas a partir da Entrevista de Instrução ao Sósia

Kátia Diolinda (LAEL/PUC-SP) – katiadio@gmail.com

Nesta comunicação apresentaremos uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que assume o objetivo de averiguar como o trabalho do professor é representado em textos produzidos por três diferentes professoras. Diante da “complexidade e multidimensionalidade” (SAUJAT, 2004) que marcam a profissão docente, nesta pesquisa, centramos nossas investigações em textos produzidos por professoras sobre como realizar uma dada tarefa: introduzir o gênero notícia para o sétimo ano do ensino fundamental. A proposta justifica-se pela possibilidade de apreender as possíveis divergências e convergências dos elementos que configuram o trabalho do professor nesses textos, inclusive a noção de gênero de texto e o que isso implica ou explica

sobre o trabalho do professor. Coletamos as orientações (instruções) das participantes através do procedimento de instrução ao sócia (CLOT, 2006), em que solicitamos a cada participante a instruir como a pesquisadora deveria realizar a tarefa dada, a partir de uma situação fictícia desencadeada pela seguinte pergunta: “Suponha que eu seja sua sócia e que amanhã eu deva substituir você em seu trabalho. Que instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?”. Após as instruções transcritas, cada participante lerá sua transcrição e tecerá um comentário sobre suas próprias orientações/instruções. Para a realização dessa pesquisa, filiamos-nos ao Grupo Análise da Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações – ALTER (MACHADO, 2009) que pesquisa sobre o papel da linguagem na regulação, configuração e transformação do ensino como trabalho. No campo internacional assumimos o quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2008, DOZ & SCHNEUWLY, 2004), os referenciais desenvolvidos pelo grupo ERGAPE - Ergonomie de l'Activité Personnels de l'Education (AMIGUES, 2004) e pela Clínica da Atividade (CLOT, 2006).

Gêneros orais no ensino: o comentário jornalístico radiofônico

Carla Messias Ribeiro da Silva (LAEL/PUC-SP) –
carlamessias@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na área de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que teve o propósito de construir o modelo didático do gênero comentário jornalístico radiofônico, elaborado com a finalidade de servir de instrumento para a posterior construção de sequências didáticas. Neste trabalho, apresentaremos como o gênero comentário jornalístico radiofônico pode servir de instrumento de trabalho para o professor, por meio da apresentação de suas características definidoras e, conseqüentemente, de seu modelo didático. O aporte teórico-metodológico norteador desta pesquisa é o interacionismo sociodiscursivo, conforme discutido por Bronckart, (1999; 2006; 2008) e Machado (2009). Aprofundando na questão da didatização do gênero, adotamos a noção de gênero como instrumento para o desenvolvimento de capacidades de linguagem, para o ensino-aprendizagem de língua materna ou segunda língua. Para isso, nos aportamos em Schneuwly & Dolz (2004), Machado (2004; 2005) e Machado & Cristovão (2006). Nossa apresentação, em primeiro momento, abordará o quadro teórico-metodológico adotado; em segundo momento, trataremos das questões referentes ao uso do gênero como

instrumento de trabalho docente visando ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos; e, por fim, exemplificamos com o gênero comentário jornalístico radiofônico. Para a realização desta pesquisa, filiamos-nos ao Grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações – ALTER (MACHADO, 2009) que desenvolve pesquisas sobre o trabalho docente.

Leitura e escrita em sala de aula: os múltiplos sentidos na voz da criança

Coordenadora: Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP/USP) –
smrpacifico@ffclrp.usp.br

Essa sessão coordenada tem como objetivo apresentar o resultado de análises de atividades realizadas em salas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, da rede pública e particular, da região de Ribeirão Preto-SP, a partir de pesquisas realizadas de iniciação científica e de pós-graduação. Pretendemos falar sobre as metodologias de ensino de língua portuguesa praticadas pelos professores das escolas onde as pesquisas e os estágios foram realizados, as quais, muitas vezes, pautavam-se na cópia de letras e palavras isoladas, na chamada “Escrita espontânea”, em leituras parafrásticas de textos curtos, e a partir disso, estabeleceremos um diálogo com as metodologias que passaram a sustentar os trabalhos dos pesquisadores que compõem essa sessão, nas salas de aula selecionadas para a realização das pesquisas. Serão apresentados resultados de um projeto de intervenção, fundamentado na teoria semiótica greimasiana, o qual fazia parte de uma das exigências do estágio curricular, realizado por alunas do 5º semestre do curso de Pedagogia, da FFCLRP/USP e, também, o resultado de pesquisas de mestrado, uma realizada com alunos da Educação Infantil, de uma EMEI, de Ribeirão Preto; outra, realizada numa escola particular de Ensino Fundamental, de Jaboticabal-SP, ambas fundamentadas na Análise do Discurso de filiação francesa. Com base nas análises dos textos produzidos pelas crianças, sujeitos destas pesquisas, podemos refletir sobre as metodologias de ensino de língua portuguesa que foram colocadas em prática pelas pesquisadoras e como elas possibilitaram aos alunos uma significativa relação com a linguagem, com a leitura e a escrita, o que pode ser constatado pelas produções textuais que serão apresentadas, nessa sessão.

Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa como suporte para os estágios curriculares: a leitura e a escrita além do bê-a-bá

Soraya Maria Romano Pacifico (FFCLRP/USP) –
smrpacifico@ffclrp.usp.br

Neste trabalho, procuraremos demonstrar as contribuições que a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pode trazer para o estágio e para a organização do ensino da leitura e da escrita, a partir das contribuições de teóricos da Análise do Discurso de matriz francesa (PÊCHEUX, ORLANDI) e do Letramento (TFOUNI, KLEIMAN). A proposta de estágio para a área de Língua Portuguesa, no curso de Pedagogia, da FFCLRP/USP, visa a que os estagiários desenvolvam seus projetos de intervenção, nas séries de alfabetização, encerrando com a produção de um livro construído pelas crianças da série em que o estágio aconteceu. Interessa-nos refletir sobre o modo como nossos estudantes, baseados nas orientações que receberam na disciplina de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, criaram condições para que as crianças das escolas onde estagiaram produzissem textos escritos de acordo com a concepção de linguagem aqui defendida. Apresentaremos a síntese de um projeto desenvolvido por nossos alunos, em situação de estágio de Língua Portuguesa, o qual enfatizou a produção do texto narrativo e propôs atividades de leitura e escrita de tal modo que os temas e os sentidos fossem construídos pelas crianças, sem uma imposição, dada a priori pelo material didático, do que pode e deve ser dito. Os textos produzidos pelas crianças têm unidade, começo, meio e fim, amarrados e coerentes com a proposta de produção de um texto narrativo. Os estágios que nós temos supervisionado têm gerado bons resultados; nossos alunos têm experimentado o lugar de quem pode construir um projeto e colocá-lo em prática, observando como se dá a complexa relação do professor com os alunos no processo de ensino-aprendizagem

Leitura e interpretação na Educação Infantil: construindo a autoria

Pamela Aline Tizioto (USP) – pamela.tizioto@hotmail.com

Podemos dizer que, na Educação Infantil, a autoria não é trabalhada, pois a função-autor não é atribuída a textos orais, somente aos escritos. Diante disso, objetivamos demonstrar que a autoria se faz presente tanto na produção de textos orais quanto na produção de textos escritos. Fundamentamo-nos na Análise do Discurso (AD)

francesa e nas teorias do letramento; os sujeitos da pesquisa são crianças da última etapa da Educação Infantil, de uma Escola Municipal, de Ribeirão Preto (SP), autores dos textos que constituem o *corpus* deste trabalho. A metodologia sustenta-se na leitura de literatura infantil, junto aos alunos; posteriormente, houve discussão e análise das marcas linguísticas presentes na interpretação oral e escrita dos textos construídos pelos sujeitos. Partimos da observação do que é chamado, por alguns sujeitos-professores, de “*escrita espontânea*”, que consiste em a criança praticar seu conhecimento sobre a escrita, a partir de desenhos. Estas atividades são muito utilizadas na escola e teriam por objetivo motivar o aluno a escrever o nome das ilustrações sozinho, sem copiar. Indo numa direção oposta às atividades realizadas pelas professoras, no trabalho com a linguagem que propusemos durante a pesquisa, os alunos eram estimulados a não se prenderem somente à narrativa do livro discutido, mas sim, deveriam utilizá-la como base para uma nova história. Lemos, com os alunos sempre em sala de aula, devido ao espaço físico da escola que não oferecia muitas possibilidades de locais para a leitura. Os alunos ficavam próximos ao livro, sentados no chão, junto à pesquisadora, a fim de envolverem-se mais na trama que estava sendo tecida pela/na narrativa lida. As análises nos mostraram que, se a interpretação e produção textual dos alunos, oral e escrita, forem consideradas, as atividades de linguagem tornam-se significativas e possibilitam o desenvolvimento da linguagem e a assunção da autoria.

**“O que quer, o que pode essa escrita?”:
o ensino da língua em sala de aula**

Elisângela Nascimento Iamamoto (FFCLRP/USP) –
elis.iamamoto@terra.com.br

Com base nos pressupostos da Análise do Discurso pecheuxiana, linha teórica que fundamenta nossa pesquisa, devemos considerar as condições de produção do discurso, sua exterioridade, a metodologia e o trabalho com a linguagem. Porém, constatamos, em nossa experiência como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, que, na escola, a relação dos sujeitos com o processo de significação não é livre, mas sim, determinada, pois os professores, na maioria das vezes, trabalham com a linguagem na ilusão do sentido único, levando os alunos a repetirem um sentido tido como verdadeiro, sem buscar compreender qual posição discursiva o aluno assume ao ler ou interpretar. Em nossa pesquisa, analisamos as

produções textuais ao longo das séries iniciais do Ensino Fundamental para investigar os lugares discursivos denominados por Pacífico (2002) de fôrma-leitor (repetição do sentido do texto) ou de função-leitor (o leitor que interpreta o funcionamento da linguagem, os múltiplos sentidos de um texto) que os sujeitos-alunos podem assumir, e se, no decorrer destas séries, eles migram de posição (função/fôrma-leitor ou de fôrma/função-leitor). Pelas análises das redações produzidas pelos alunos, pudemos observar se eles repetiam um único sentido ou se construíam novos sentidos para seus textos, a partir das leituras realizadas pelo professor. O resultado da nossa pesquisa mostra-nos que, a maioria dos sujeitos-alunos ficou na posição discursiva de fôrma-leitor e isso, a nosso ver, está relacionado a uma prática pedagógica pautada na interdição do sujeito ao arquivo (PÊCHEUX, 1997), ao interdiscurso, ao discurso polêmico (ORLANDI, 1996). A escola deve proporcionar aos alunos um trabalho de interpretação e produção de textos que lhes permita sair da repetição e assumir o lugar de sujeito do seu dizer.

Os clássicos no Ensino Fundamental: O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas possibilidades de interpretação

Mariana Morales da Silva (FFCLRP/USP)

Gabriela P. B. dos Santos (FFCLRP/USP)

O presente trabalho expõe experiências da aplicação do projeto “O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas múltiplas possibilidades”, de Gabriela P. B. dos Santos e Mariana Morales da Silva, com orientação da Prof^a Dr^a. Soraya M. Romano Pacífico, em estágio curricular supervisionado, do curso de Pedagogia, da FFCLRP/USP. A intervenção de estágio foi realizada em um 3º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal de Ribeirão Preto. Trabalhar Dom Quixote foi uma decisão inspirada em BRAGATTO FILHO (1995) que defende o uso, nas escolas, do texto literário para material de análise do próprio texto e a importância dos textos abertos, aqueles que permitem a interpretação, o posicionamento do leitor frente à obra. Baseados na Teoria Semiótica Greimasiana, os alunos investigaram as personagens principais da obra a fim de analisar as figuras concretas da obra – Dom Quixote e Sancho Pança – as quais representam determinados temas (BARROS, 1990). Para tanto, os alunos observaram as características físicas e as psicológicas, chegando ao conflito da obra: imaginação (sonhador) X realidade, e atribuíram adjetivos às personagens, construindo relações de antonímia e sinonímia. Além disso, pela análise das letras das

músicas intituladas Dom Quixote, de Maria Rita, e do grupo Engenheiros do Hawaii, os alunos puderam interpretar diferentes sentidos a respeito da personagem principal da obra. Todas estas atividades possibilitaram aos alunos o acesso ao arquivo (PÊCHEUX, 1997), para que eles realizassem a produção final: um texto individual (redação e desenho) com o tema Dom Quixote nos tempos atuais. Como resultado, foi montado um livro dessas produções. Com a aplicação deste projeto, conclui-se que se pode trabalhar um clássico da literatura com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, para análise da própria obra, realizando discussões profundas de temas complexos e abstratos.

Índice de autores

Ordem	Autor/Instituição	Atividade	Página resumo
1.	Adilson Odair Citelli (ECA-USP)	Mesa redonda 4	32
2.	Adriana da Silva (UFV)	Sessão 21 – individuais	118
3.	Adriana Santos Batista (FFLCH- USP)	Sessão 25 - Relatos	40
4.	Adriana Soeiro Pino (UNINOVE)	Sessão 18 – individuais	68
5.	Agnes Francine de Carvalho Mariano (ECA-USP)	Sessão 21 – individuais	67
6.	Alba Helena Fernandes Caldas (FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA DE ITAJUBÁ - FEPI)	Sessão 7 – individuais	67
7.	Amanda Lenharo di Santis (FEUSP)	Sessão 3 - Relatos	40
8.	Ana Amélia Calazans da Rosa (IEL/UNICAMP)	Sessão 5 - Individuais	69
9.	Ana Carolina Moraes de Freitas (UNIPAMPA)	Sessão 20 - Individuais	70
10.	Ana Cristina Champoudry (FE-USP)	Sessão 29 – individuais	70
11.	Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG)	Sessão 34 - Coordenadas	128
12.	Ana Luisa Feiteiro Cavalari (FFLCH- USP)	Sessão 24 - Relatos	42
13.	Ana Maria Nápoles Villela (Cefet- MG)	Sessão 34 - Coordenadas	128
14.	Anna Christina Bentes (IEL, UNICAMP)	Conferência Encerramento	28
15.	Anderson de Souto (UERJ)	Sessão 15 – individuais	71
16.	Andréa Bordini Donnangelo (Creche e pré-escola central - USP)	Sessão 12 – Relatos Sessão 23 – Relatos	42 57
17.	Andrea Trench de Castro (USP)	Sessão 19 – individuais	73
18.	Andreza Rocha (PMSP/FE-USP)	Sessão 2 - Relatos	43
19.	Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ)	Sessão 23 - Relatos	44
20.	Bárbara Rodrigues e Silva (Cefet- MG/Fapemig)	Sessão 34 - Coordenadas	130
21.	Brian Galdino da Silva (FFLCH- USP)	Sessão 6 - Individuais	74
22.	Bruno Ferreira (FFLCH-USP)	Sessão 6 –	74

		Individuais	
23.	Caio César Costa Santos (UFS)	Sessão 15 – Individuais	75
24.	Camilla da Silva Souza (UFPA)	Sessão 13 – Relatos	44
25.	Carina de Luca (FE-USP)	Sessão 12 – Relatos	45
26.	Carla Messias Ribeiro da Silva (PG- LAEL/PUC-SP)	Sessão 33 – Coordenadas Minicurso	137 39
27.	Carlos Felipe Moisés (ensaísta, tradutor, poeta e contista)	Mesa redonda 6	33
28.	Caroline Cassiana Silva dos Santos (FE-USP)	Sessão 4 – individuais	75
29.	Cássia Rodrigues (UNIPAMPA)	Sessão 29 – individuais	76
30.	Cláudia Goulart (PG/UNICAMP)	Sessão 7 – Individuais	47
31.	Cecília França (FE-UNICAMP)	Sessão 27 – individuais	85
32.	Chafíha Maria Suiti Laszkiewicz (UNINOVE)	Sessão 18 – individuais	68
33.	Christian de Mello Sznick (EMEF Prefeito Adhemar de Barros)	Sessão 25 - Relatos	46
34.	Cibele Moreira Monteiro Rosa (Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá – FEPI)	Sessão 5 - Individuais	77
35.	Clara Dornelles (UNIPAMPA)	Sessão 6 – Individuais Sessão 26 - Individuais	72 78
36.	Claudia Rosa Riolfi (FEUSP)	Sessão 10 - Individuais	79
37.	Cláudio Gilberto de Paula (UNISINOS)	Sessão 18 – individuais	103
38.	Clecio Bunzen (UNIFESP)	Minicurso	35
39.	Cristiane Borges de Oliveira (FFLCH-USP)	Sessão 32 – individuais	79
40.	Cristina Varandas Rubim (Universidade Veiga de Almeida – Secretaria Estadual de Ensino/RJ)	Sessão 4 – individuais	80
41.	Daniel Munhoz (CEU Jaçanã IEB - USP)	Sessão 14 - Relatos	47
42.	Daniel Sanches Pereira (FFLCH- USP)	Minicurso	35
43.	Daniela Eufrásio (UNIFAL-MG)	Sessão 6 - Individuais	81
44.	Daniella Barbosa Buttler (Colégio Humboldt)	Sessão 15 – individuais	48

	PUC-SP)	Sessão 33 – Coordenadas	135
45.	Danielle Caprioli (Colégio Pio XII)	Sessão 2 - Relatos	65
46.	Daniervelin Renata Marques Pereira (USP/Capes)	Sessão 18 – individuais	82
47.	Débora de Cássia de Oliveira Ribeiro Deório (EMEF Prefeito Adhemar de Barros)	Sessão 25 - Relatos	46
48.	Debora Perillo Samori (USP)	Sessão 32 – individuais	82
49.	Denérida Brás Martins Tsutsui (FE- USP)	Sessão 17 - Individuais	83
50.	Denise Kaliman Vitor	Sessão 11 - Coordenadas	133
51.	Diogo Basei Garcia (FEUSP)	Sessão 29 - Individuais	84
52.	Dirceu Villa (PG-USP)	Minicurso	36
53.	Diva Conceição Ribeiro (FALEC)	Sessão 2 - Relatos	49
54.	Eduardo Marchesan (FE-UNICAMP)	Sessão 27 – individuais	85
55.	Elias André da Silva (UFPE)	Sessão 30 – individuais	86
56.	Elisângela Nascimento Iamamoto (FFCLRP/USP)	Sessão 22 - Coordenadas	140
57.	Elizabeth Bastos da Silva (UNEB – Campus II –Alagoinhas)	Sessão 27 – individuais	86
58.	Ellen Flor Becerra (FE-USP)	Sessão 27 – individuais	87
59.	Elly Roza Ferrari (CEU Jaçanã IEB - USP)	Sessão 14 - Relatos	47
60.	Emanuela Francisca Ferreira (Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga)	Sessão 28 – individuais	50
61.	Emerson de Pietri (FE-USP)	Mesa redonda 5	32
62.	Érica Santos Soares de Freitas (FFLCH-AJUB)	Sessão 4 - Individuais	88
63.	Erika Gabriele Alves Alcântara (CEFET-MG/ Bolsista Fapemig)	Sessão 34 - Coordenadas	129
64.	Eva de Mercedes Martins Gomes (UFMS)	Sessão 21 – individuais	102
65.	Evandro Santos Reis (PUC-SP)	Sessão 9 – individuais	88
66.	Fabiana Claudia Viana Borges (FFCL-ITUVERAVA-SP)	Sessão 11 - Coordenadas	131
67.	Fabiola Aparecida Pereira Placido (FE-USP)	Sessão 1 - Relatos	50

68.	Fernanda de Paula (FEUSP)	Sessão 3 – Relatos	40
69.	Fernando Caetano (FEUSP)	Sessão 3 – Relatos	40
70.	Francisco Lopes (ensaísta, tradutor, poeta e contista)	Mesa redonda 6	33
71.	Gabriela Ismerin Lacerda (FFLCH-USP)	Sessão 3 – Relatos	51
72.	Gabriela P. B. dos Santos (FFCLRP-USP)	Sessão 22 - Coordenadas	141
73.	Gabriela Rodella de Oliveira (PG-FEUSP)	Minicurso	36
74.	Geralda de Oliveira Santos Lima	Sessão 15 – individuais	75
75.	Gil Marques (IF-USP)	Mesa redonda 1	30
76.	Glauce de Oliveira Alves (FFLCH-USP)	Sessão 3 – Relatos	51
77.	Glória Maria Colombo (Unifitalo)	Sessão 3 – Relatos	52
78.	Gislaine Vilas Boas (Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá - FEPI)	Sessão 8 – individuais	89
79.	Giuliana Capistrano Cunha Mendes de ANDRADE (FEPI)	Sessão 9 – individuais	90
80.	Graziela de Angelis (UFSM)	Mesa redonda 5	32
81.	Haidê Silva (E.E. João Martins/ISEAP)	Sessão 14 - Relatos	52
82.	Helen Roratto (UNIPAMPA)	Sessão 26 – individuais	78
83.	Heliud Luis Maia Moura (UNICAMP)	Sessão 28 – individuais	91
84.	Hermes Talles dos Santos (PPGL-UFSCar)	Sessão 5 - Individuais	91
85.	Hosana dos Santos Silva (USP)	Sessão 30 – individuais	92
86.	Ingrid Cadidê (FFLCH-USP)	Minicurso	35
87.	Izabella Ferreira Guimarães (Cefet-MG/Fapemig)	Sessão 34 - Coordenadas	130
88.	Jacqueline AP. Corrêa de Oliveira (FFLC)	Sessão 9 – individuais	94
89.	Janaina Mendonça Rodini (CEU Pq. Anhanguera)	Sessão 13 - Relatos	59
90.	Janaína Pimenta Lemos Becker (UNISINOS)	Sessão 31 - Individuais	93
91.	Janeide de Sousa Silva (Creche e pré-escola central - USP)	Sessão 12 – Relatos	53
92.	Jefferson Santos-de-Araújo (UFSCar)	Sessão 14 - Relatos	64
93.	João Eduardo de Oliveira Sita	Sessão 5 - Individuais	95
		Sessão 23 - Relatos	54

	(Colégio Etapa)		
94.	Jociele Corrêa (UNIPAMPA)	Sessão 16 – individuais	95
95.	Jorge França de Farias Jr. (UNIFOPA)	Minicurso	37
96.	José Miguel de Mattos (UBC – Mogi das Cruzes-SP)	Sessão 10 - Individuais	96
97.	Juan Ortega Rojas (Universidad Nacional, Costa Rica)	Mesa redonda 3	31
98.	Juliana Berchon (UNIPAMPA)	Sessão 16 – individuais	97
99.	Juliana Cristina Souza Soares (CEFET-MG/ Bolsista Capes)	Sessão 34 - Coordenadas	129
100.	Karina Vianna Ciochi (FFLCH- USP)	Sessão 1 – Relatos	55
101.	Kátia Diolina (PG-LAEL/PUC-SP)	Sessão 22 - Coordenadas	136
102.	Kelly Aparecida Mendes (PUC-SP)	Sessão 20 – individuais	112
103.	Lázaro Aparecido Rufino (FFLCH- USP)	Sessão 13 - Relatos	55
104.	Leonardo Batista dos Santos (FE- USP)	Sessão 19 – individuais	98
105.	Letícia F. Coutinho (UNIPAMPA)	Sessão 26 – individuais	78
106.	Lidia Silva Vaz e Vaz (PUC- Campinas)	Sessão 32 – individuais	98
107.	Lílian Pereira Palácio (FE-USP)	Sessão 17 - Individuais	99
108.	Luciana de Souza Aguiar Zanardi (PUC-SP)	Sessão 9 – individuais	88
109.	Luciana Soares da Silva (PUC-SP)	Sessão 28 – individuais	99
110.	Luciano Melo de Paula (CEPAE- UFG)	Sessão 19 – individuais	100
111.	Lucine Nigro Charlariello (PUC-SP)	Sessão 13 - Relatos	59
112.	Ludmila de Nardi (FFLCH-USP)	Sessão 24 - Relatos	56
113.	Luiza Seselgis-Tendler (Colégio Humboldt PUC-SP)	Sessão 15 – individuais	48
114.	Marcelo Buzato (IEL-Unicamp)	Mesa redonda 1	30
115.	Márcio Augusto de Moraes (Doutorado em Teoria Literária, USP)	Minicurso	38
116.	Maria Angélica P. Brum (UNIPAMPA)	Sessão 26 – individuais	78

117.	Maria Cláudia Luzia Nunes (Creche e pré-escola central da USP)	Sessão 23 - Relatos	57
118.	Maria Cristina Ataíde Lobato (UFPA /LAEL-PUCSP)	Sessão 18 – individuais	101
119.	Maria Cristina Kessler (UNISINOS)	Sessão 18 – individuais	103
120.	Maria do Carmo Rodrigues Barbosa	Sessão 11 - Coordenadas	133
121.	Maria do P. Socorro Dias Pastana (EA-UFPA)	Sessão 14 - Relatos	61
122.	Maria Emília Borges Daniel (UFMS)	Sessão 21 – individuais Mesa redonda 5	102 32
123.	Maria Estela Cardoso Martinez (CEU Jaçanã - IEB - USP)	Sessão 14 - Relatos	47
124.	Maria Helena Albé (UNISINOS)	Sessão 18 – individuais Sessão 31 – individuais	103 93
125.	Maria Helena Rodrigues Chaves (UFPA)	Sessão 27 – individuais	104
126.	Maria Isabel de Moura (UFSCar)	Sessão 16 – individuais	105
127.	Maria Laura Petitinga Silva (UNIJORGE – BA)	Sessão 31 - Individuais	105
128.	Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCar)	Sessão 5 - Individuais	95
129.	Mariana Maira Albuquerque Pesirani (FFLCH-USP)	Sessão 10 – Individuais	106
130.	Mariana Morales da Silva (FFCLRP-USP)	Sessão 22 - Coordenadas	141
131.	Marilda Pio da Silva (Rede pública, Caieiras)	Sessão 17 - Individuais	107
132.	Marina Martins Marques de Souza (FE/FFLCH-USP)	Sessão 10 - Individuais	79
133.	Marcelo Roberto Dias (USP)	Sessão 6 - Individuais	101
134.	Márcia Oliveira da Silva (Rede Pública, SP)	Sessão 25 - Relatos	56
135.	Mariléia Silva da Rosa Neves (UNIPAMPA)	Sessão 7 – individuais	108
136.	Marilene Alves de Santana (FE-USP)	Sessão 20 – individuais	108
137.	Maurício Canuto (PUC-SP)	Sessão 26 – individuais	109
138.	Maurício Silva (UNINOVE)	Sessão 20 –	110

		individuais	
139.	Mayra de Oliveira (FFLCH-USP)	Sessão 6 - Individuais	74
140.	Michele Freitas Gomes (UNIPAMPA)	Sessão 7 – individuais Sessão 32 – individuais	108 110
141.	Milene Bazarim (PG-UNICAMP)	Sessão 20 - Individuais	111
142.	Miriam Kelm (UNIPAMPA)	Sessão 26 – individuais	78
143.	Nádia Cristina Varjão (PUC-SP)	Sessão 20 – individuais	112
144.	Natália Bortolaci (Creche Central da USP)	Sessão 1 – Relatos	58
145.	Nayane Oliveira Ferreira (FFLCH- USP)	Sessão 24 - Relatos	59
146.	Neide Luzia de Rezende (FE-USP)	Mesa redonda 2 Mesa redonda 4	30 32
147.	Nilce da Silva (FE-USP)	Sessão 15 – individuais	112
148.	Nilma Alves Pedrosa (Unifal)	Sessão 3 – Relatos Sessão 13 - Relatos	51 59
149.	Nivaldo dos Santos Macedo Filho (FFLCH-USP)	Sessão 1 – Relatos	55
150.	Olindina Maria Ferreira da Cunha (Creche e pré-escola central - USP)	Sessão 12 – Relatos	42
151.	Pamela Aline Tizioto (USP)	Sessão 22 - Coordenadas	139
152.	Patrícia Regina Cavaleiro Pereira (FFLCH-USP)	Sessão 19 – individuais	114
153.	Paulo Eduardo Ramos (UNIFESP)	Mesa redonda 4	32
154.	Paulo Robson Silva da Silva (UEPA)	Sessão 8 – individuais	113
155.	Pricila Oliveira Silvério (UNIFAL- MG)	Sessão 6 - Individuais	81
156.	Rafael Ridolfi (FE-USP)	Sessão 23 - Relatos	60
157.	Rafael Stopa Rocha (FFLCH-USP)	Sessão 3 – Relatos	51
158.	Regis Bueno da Silva (USP)	Sessão 17 - Individuais	114
159.	Renata Junqueira de Souza (CNOLOG)	Sessão 4 – individuais	122
160.	Rita de Cássia Antonia N. Ramos (FE/USP)	Sessão 7 – individuais	115
161.	Rita de Nazareth Souza Bentes (UEPA)	Sessão 13 - Relatos	61

162.	Robson Tinoco (UnB)	Mesa redonda 2	31
163.	Rodrigo Alves dos Santos (CEFET-MG)	Sessão 10 - Individuais	116
164.	Rodrigo Brucoli (FE-USP)	Sessão 3 - Relatos	40
165.	Ronaldo Barros Ripardo (USP)	Sessão 26 – individuais	117
166.	Rosa Silvia Lopes Chaves (CEU Jaçanã IEB - USP)	Sessão 14 - Relatos	47
167.	Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL-MG)	Sessão 30 – individuais	118
168.	Rosany Aparecida Portugal (UFV)	Sessão 21 – individuais	118
169.	Rosi da Silva e Santos (EE Silvia Pollastrini)	Sessão 12 - Individuais	62
170.	Roxane Rojo (IEL/UNICAMP)	Conferência Abertura	28
171.	Sandoval Nonato Gomes Santos (FE-USP)	Mesa redonda 1	30
172.	Sandra Ferreira de Oliveira (FE-USP)	Minicurso	38
173.	Sandro Luís da Silva (UFLA/MG-PUC/SP)	Sessão 21 – individuais	119
174.	Sheila Alves de Almeida (FE-USP)	Sessão 28 – individuais	120
175.	Sheila Oliveira Lima (UFPR)	Mesa redonda 6	33
176.	Siderlene Muniz Oliveira (PG-LAEL/PUC-SP)	Sessão 33 – Coordenadas Minicurso	134 39
177.	Sidney Bernardo (UNILUS, Santos – SP)	Sessão 31 - Individuais	121
178.	Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)	Sessão 29 – individuais	120
179.	Silvia Elena García (Universidad de Costa Rica, Costa Rica)	Mesa redonda 3	31
180.	Soraya Maria Romano Pacífico (FFCLRP/USP)	Sessão 22 - Coordenadas	138
181.	Suelen E. Costa da Silva (Cefet-MG/Fapemig)	Sessão 34 - Coordenadas	130
182.	Suelen Gregatti da Igreja (FE/FFLCH-USP)	Sessão 10 - Individuais	79
183.	Tatiane Portela Vinhal (CNOLOG)	Sessão 4 – individuais	122
184.	Teubislete Ferreira Borges (FFLCH-USP)	Sessão 14 - Relatos	62
185.	Thatiana Ribeiro Vilela (UNIFESP)	Sessão 30 – individuais	123

186.	Thaís Silva Marinheiro	Sessão 11 - Coordenadas	132
187.	Thiago Câmara Rodrigues de Souza (CEFET-MG/ Bolsista Fapemig)	Sessão 34 - Coordenadas	129
188.	Tirzá Ben-Hur de Almeida de Souza UFPR)	Sessão 16 – individuais	124
189.	Valdete Shirlei da Silva (E. E. João Solimeo)	Sessão 2 - Relatos	63
190.	Valdir Heitor Barzotto (FE-USP)	Mesa redonda 3	31
191.	Valentim Facioli (FFLCH-USP, ensaísta e editor)	Mesa redonda 6	33
192.	Valéria Lice de Oliveira (UNESP)	Sessão 9 – individuais	125
193.	Vanessa Cristina da Cunha (FEUSP)	Sessão 24 –Relatos	125
194.	Vanessa de Almeida Carvalho (Creche e pré-escola central - USP)	Sessão 12 – Relatos	64
195.	Vera Lucia Mazanatti (UEMS – Campus de Dourados)	Mesa redonda 2	30
196.	Vera Medeiros (UNIPAMPA)	Sessão 26 – individuais	78
197.	Virginia Beatriz Baesse Abrahão (UFES)	Sessão 8 – individuais	126
198.	Waldívia Maria de Jesus (PUC-SP)	Sessão 8 – individuais	127
199.	Zilda Kessel (Colégio Pueri Domus)	Sessão 2 - Relatos	65

Anotações: espaço de interação escrita

